



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
[CCHB] CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
[PPGED] PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CAMPUS SOROCABA

CORPUS, MÁQUINAS & AFETOS
<< as experiências homossexuais na contemporaneidade >>

FELIPE PANCHERI COLPANI

Sorocaba [SP]
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
[CCHB] CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
[PPGED] PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CAMPUS SOROCABA

CORPUS, MÁQUINAS & AFETOS:

<< as experiências homossexuais na contemporaneidade >>

FELIPE PANCHERI COLPANI

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências Humanas e Biológicas [CCHB] da Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Educação, Comunidade e Movimentos Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Viviane de Melo Mendonça

Sorocaba [SP]
2015

Colpani, Felipe Pancheri.

C721c Corpus, máquinas & afetos: as experiências homossexuais na contemporaneidade. / Felipe Pancheri Colpani. -- 2015.
240 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, *Campus*
Sorocaba, Sorocaba, 2015

Orientador: Viviane de Melo Mendonça

Banca examinadora: Maria Carla Corrochano, Vitor Sérgio Ferreira

Bibliografia

1. Estudos sobre homossexualidade. 2. Facebook (rede social on-line).
3. Ciberespaço. I. Título. II. Sorocaba-Universidade Federal de São Carlos.

CDD 306.776

AGRUPAR
PELO
AFETO™

AGRUPAR
PELA
RAZÃO™

FAZER FUNCIO-
NAR O ACONTECI-
MENTO COMO UM
PORTADOR DE
UMA NOVA
CONSTELA-
ÇÃO DE

UNIVE-
RSOS
DE REF-
ERÊN-
CIA



CORPUS, MÁQUINAS & AFETOS:

<< as experiências homossexuais na contemporaneidade >>

FELIPE PANCHERI COLPANI

Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências Humanas e Biológicas da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de Mestre, aprovada em 16 de Julho de 2015, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores doutores:

Profa. Dra. Viviane de Melo Mendonça – CCHB/UFSCar
Orientadora e Presidenta da Banca

Profa. Dra. Maria Carla Corrochano – CCHB/UFSCar
Examinadora

Prof. Dr. Vitor Sérgio Ferreira – Universidade de Lisboa
Examinador

MORAL MENTE



MORAL MIND™

para as TRIBOS MINORITÁRIAS DA MULTIDÃO!
a REVOLUÇÃO SOCIAL só está começando

AGRADECIMENTOS

>> primeiramente, gostaria de agradecer à minha orientadora, a Profa. Dra. **Viviane de Melo Mendonça**, por ter acreditado em meu potencial, me apoiado em meus devaneios acadêmicos e por ter me indicado os melhores caminhos possíveis. meus sinceros agradecimentos.

>> ao Prof. Dr. **Ari Marcelo Solon** da Universidade de São Paulo, por todo apoio e orientação filosófica. meus sinceros agradecimentos.

>> à **Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo** [FAPESP] pela concessão da Bolsa [processo: 2013/11901-9] e ao **parecerista** do relatório, que me auxiliou delineando importantes caminhos a se percorrer. meus sinceros agradecimentos.

>> aos professores, funcionários e colegas do **Programa de Pós-Graduação em Educação** [PPGED]. aos membros dos Grupos de Estudos “**FSexPol** [Feminismo, Sexualidade e Política]” e “**Espinosa, Nietzsche e Deleuze**”;

>> ao membros da **Banca de Qualificação**: Profa. Dra. **Vanda Aparecida da Silva** e ao Prof. Dr. **Vitor Sérgio Ferreira**, pelas contribuições que foram de grande importância para o desenvolvimento metodológico da pesquisa. meus sinceros agradecimentos.

>> aos moderadores e cibernautas do **Grupo Carpe Noctem** do Facebook.

>> a minha **família** pela compreensão, amor e carinho nestes dois anos e meio de pura turbulência.

>> agradeço também aos moradores da **República La Cucu-Rachu** [4sh, Shimba, Fer, Jeffão, Parangolé, Juh, Fran, Luiz Fernando, Luiz Henrique] e demais amigxs que me proporcionaram um conjunto de experiências e afetos que vieram a fazer parte do percurso de engenharia da pesquisa.

obrigadx a todxs!

DO ALTO
DOS PLATOS
FLAMEJANTE
CONTEMPLA
DESPROTEGID
E SOLITÁRIO O
CAOS DESCORTI-
NADO QUE ENGENDRA
O ABSURDO E TODO
O TROPEL QUE LHE
PERPASSA E
'FOGO' E 'AETHER'
'E' 'AZOTH' E 'KIA' E
'NADA' QUE ELE
MANIPULA
DE ACORDO
COM SUA VA-
TADE. DO
ABSURDO VAZIO
E ABANDONO FORJADA
CAPACIOSAMENTE PARA
DESTRUI-LO CRUELMENTE
ELE FAZ MÚSICA
E DANÇA.
MÚSICA SURTO
DE ETERNO MANI-
SEGUNDO. SE
GREDO. SILÊNCIO
EXPLOSAÇÃO.



DO EXTREMO
DA TRAGÉDIA LON-
GA, QUE NÃO DO
SERÃO DE ESTATIS-
TICAS, QUE AS ORI-
ANAS PRECISAM
PARA BRINCAR E
PARA ASSUSTAR-
SE

RESUMO

Esta pesquisa teve como perspectiva analisar a produção de experiências homossexuais na contemporaneidade, tendo como território investigativo a rede social do Facebook. O espaço em rede de conexões [ciberespaço] têm se constituído como uma nova geomorfologia, que tem acarretado em novos eixos heterogêneos de produção existencial. As próteses *high-tech* da tecnocultura, se apresentam como espaços sociais de projeção, de memória e de novos acontecimentos. Emergidos em uma rede biotécnica de conexões, os homossexuais podem se apropriar das máquinas cibernéticas para a reconstrução contínua de sua virtualidade, entendida como um fluxo incorpóreo que se transmuta na conexão com o outro. A rede social do Facebook, se configura como uma malha de conexões equipada por eixos e orientações, permitindo aos indivíduos movimentos de des-territorialização e encontros intensivos, sob um mosaico espacial híbrido, circunscrito numa multiplicidade de territórios e ciber-regiões espalhadas pela Aldeia Maquínica Global. O ciberespaço como sistema aberto desterritorializado, solidifica-se como um espaço registrado por uma heterogeneidade de elementos espaciais, permitindo a passagem de fluxos e práticas que além de proporcionar novas experiências, podem deslocar com os centros de poder do heterocapitalismo, do que aqui chamamos de Império Patriarcal-Heterocapitalista. A análise centrou na formação materialista do [ciber]espaço, que me permitiu o delineamento da produção social contemporânea, aliada a produção discursiva, através do que se enunciado e registrado no Facebook. Uma simbiose que me permitiu a maquinação do cenário de produção existencial no qual estes homossexuais estão territorializados. A coleta de práticas discursivas ocorreu no seio de uma etnografia virtual no maior grupo fechado de homossexuais do Brasil, uma aldeia molecular e nômade de corpus e enunciações que conecta todos a um ponto central: a singularidade do desejo homossexual. Um território prostético de constituição de novas experiências e afetividades, como também pode servir como uma forma de armário. Neste grupo, há uma coalescência de forças: forças de transgressão e forças majoritárias de captura à norma heterocapitalista. Através da análise da produção discursiva de homossexuais no Facebook, se constata que as experiências homossexuais na atualidade se assenta em um intercâmbio incessante entre real e virtual, on-line e off-line, corpus e máquinas, sob uma profusão de novas experiências e novas performatividades, perpassando por uma produção social de luta e reivindicações, de conexões e de novos agrupamentos pelo afeto.

Palavras-chave: ciberespaço; Aldeia Maquínica Global; experiências homossexuais; Império Patriarcal-Heterocapitalista.

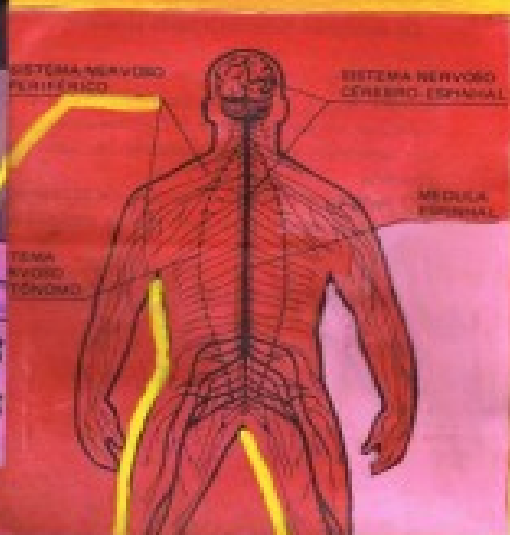
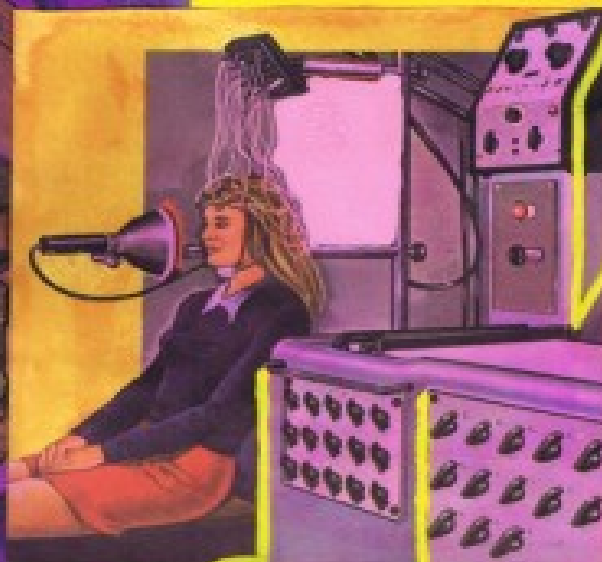
ABSTRACT

This research aims to analyze the production of homosexual experiences in contemporary times, with the investigative territory, social network Facebook. The space network connections [cyberspace] have been constituted as new production space morphologies for homosexuals. The technoculture's virtual machines present themselves as social spaces of projection, memory and new developments. Emerged in a trans-discursive network connections, homosexuals can assume ownership of virtual machines to the ongoing reconstruction of its virtuality, understood as a mobile incorporeal flow that is transmuted in connection with each other. The social network Facebook is configured as a network of connections equipped by axes and directions, allowing individuals movements of de-territorial and intensive meetings, under a spatial mosaic hybrid, circumscribed in a multitude of territories and ciber-regions spread across the Global Village Machinic. The deterritorialized open cyberspace, solidifies as a space recorded by a heterogeneity of spatial elements, allowing the passage of flows and practices, and provide new experiences, which can move with the hetero-capitalism power centers. The analysis is centered on the materialistic production os [cyber]space, which allowed the outline of contemporary social production, combined with discursive production, through what is stated and registered on Facebook. A symbiosis that allowed me machining of existential production scenario in which these homosexuals are territorialized. The collection of discursive practices occurred from a virtual ethnography in the most closed group of homosexuals in Brazil, a nomadic territory of bodies and utterances that connects all to a central point: the uniqueness of homosexual desire. A creation of space for new experiences and affectivity, as well as a virtual closet. In this group, there are forces of coalescence: transgression forces and forces that capture the heterocapitalismo standard, constituting as an inductor territory of processes and connections that may even break with the reactionary encodings of global simulations of the Patriarchal-Heteroapitalist Empire. Through the analysis of the discursive production of homosexuals on Facebook, notes that homosexual experiences of today is based on a constant exchange between real and virtual, online and offline, corpus and machines under a profusion of new experiences and new performativities, passing by a social production of connections fight and claims and new groupings by affection.

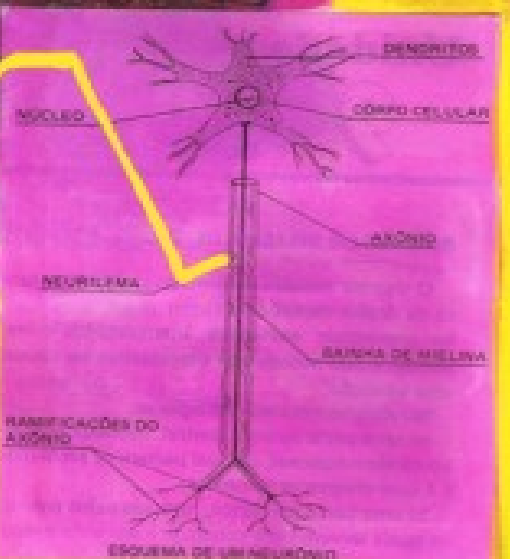
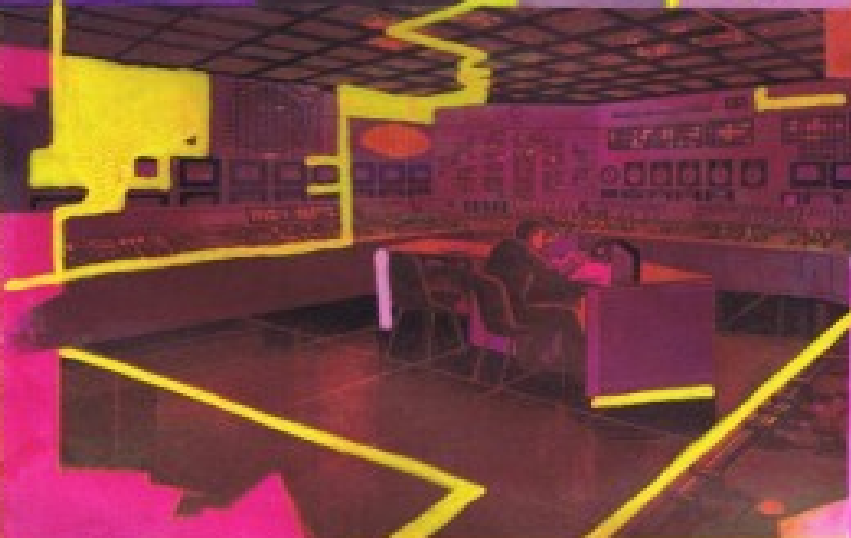
Keywords: cyberspace; Global Village Machinic; homosexual experiences; Patriarchal-Heterocapitalist Empire.

NÃO GASTE UMA SINAPSE SEQUER.

OS NERVOS CHAMADOS SENSITIVOS LEVAM OS ESTÍMULOS RECEBIDOS NA PERIFERIA PARA OS CENTROS NERVOUSOS.



UMA NECESSIDADE CÔMICA PARA A DRAMATIZAÇÃO. A EXPERIÊNCIA PERMANECERIA INACESSÍVEL SE NÃO FOSSEM OS DRAMATIZADORES - FORCANDO-NOS. QUANDO O ESPÍRITO REJEITA A FELIZ MONOTONIA DOS MOVIMENTOS INTERIORES, PODE SER LEVADO AO DESEQUILÍBRIO. ELE SÓ TEM SENTIDO, A PARTIR DE ENTÃO, A AUDÁCIA INSENSATA, SÓ PODE APODERAR-SE DE VISÕES FUGITIVAS, DERRAMADAS, OU AINDA: SUSCITAÇÕES.



WELCOME TO THE

NEUROMAGMA™

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

>> **imagem de capa:** sem título #1
Valmir Knop Junior [2015]

>> **imagem I:** nomadismo psíquico #1
Valmir Knop Junior [2012]

>> **imagem II:** amarelo_e_rosa #5
Valmir Knop Junior [2013]

>> **imagem III:** nomadismo psíquico #6
Valmir Knop Junior [2013]

>> **imagem IV:** amarelo_e_rola_#8
Valmir Knop Junior [2013]

>> **imagem V:** amarelo_e_rola # 4
Valmir Knop Junior [2013]

>> **imagem VI:** nomadismo psíquico # 5
Valmir Knop Junior [2012]

>> **imagem VII:** apolo_leia michel foucault #1
Valmir Knop Junior [2014]

>> **imagem VIII:** nomadismo psíquico #3

>> **imagem IX:** postagem [03]

>> **imagem X:** postagem [03] – comentário [05]

>> **imagem XI:** postagem [11]

>> **imagem XII:** postagem dia 29 de junho

>> **imagem XIII:** postagem [04]

>> **imagem XIV:** postagem para troca de Instagram

>> **imagem XV:** postagem para troca de WhatsApp

>> **imagem XVI:** postagem [06]

>> **imagem XVII:** postagem [14]

>> **imagem XVIII:** postagem [09]

>> **imagem XIX:** postagem [02]

>> **imagem XX:** século 21 não perca #3
Valmir Knop Junior [2012]

>> **imagem XXI:** amarelo_e_rola_#2
Valmir Knop Junior [2013]

<< artes disponíveis em: <http://valmirknopjunior.tumblr.com/> >>



A ARQUITETURA DA
CONVICÇÃO CONSISTE NO
FORTALECIMENTO DA CRE
NÇA ATRAVÉS DE UMA VON
TADE INABALAVEL, CONSOLID
ADA POR UM MODELO ES
TRUTURALMENTE
CONCEBIDO DE FO
RMA O MAIS PER
FEITA POSSÍVEL
E ALIADA A UMA
CARGA EMOCION
AL INDUZIDA DE
FORMA INTENSA.
A MENTE NÃO PER
CEBERÁ A DISTINÇÃO
ENTRE REAL
IDADE E FAN
TASIA, POR
QUE O TRA
BALHO TOR
NOU-SE O
MAIS VÍVI
DO E PR
OFUNDO
POSSÍ
VEL.

A REALIDADE É
UM CONSTRUCTO
DA CONSCIÊNCIA

PONTE**

BULBO**

MEDULA
ESPINAL

SUMÁRIO

apresentação	19
>> o caminho teórico-metodológico	25
>> a produção patriarcal e heterocapitalista do espaço	49
 I. máquinas, fluxos e virtualidades	 72
>> a maquinação virtual do ciberespaço	97
>> a maquinação virtual das aldeias moleculares	112
>> máquinas, afetos e intensidades	116
>> o desejo como força de transgressão	122
>> corpus, gêneros e sexualidades nas fronteiras da revolução social	130
 II. as experiências homossexuais na contemporaneidade	 145
 nas fronteiras da revolução social	 181
<< educação, interculturalidade e os novos movimentos sociais >>	
>> homossexualidades nômades	200
 referências bibliográficas	 206

Ele não vive a natureza como natureza, mas como um PROCESSO DE PRODUÇÃO. Já não há nem homem nem natureza, mas unicamente um processo que os produz um no outro e acopla as máquinas. Há em toda parte MÁQUINAS PRODUTORAS ou DESQUISIZOFRÊNICAS, toda a vida genérica: eu e não eu, exterior e interior, nada mais querem dizer.

Deleuze e Guattari em:
O Anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia

BOURGEOIS CULTURE WAS PARALYZED AND FINALLY
OVERRUN BY MODERN TECHNOLOGIES WHICH BROKE
THROUGH THE TRADITIONAL CLASS BARRIERS
IT WENT TO A PANIC AND PRODUCED VERY STU-
PID TECHNOPHOBIC MANIFESTOS & IMAGES

DAS COISAS
QUE SÓ ACON-
TECEM NA
SUA CABEÇA

NOMADISMO
PSÍQUICO™

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa se processou como um estrato teórico-político engajado com a luta social das minorias. Analisa as experiências homossexuais na nova condição espacial em rede de conexões [ciberespaço], evidenciando a produção existencial desta tribo minoritária e em como estes indivíduos tem-se constituído enquanto forças de descodificação da estrutura de poder que lhes oprime: a heteronormatividade do Império Patriarcal-Heterocapitalista - estrutura de poder que veio a determinar as tecnologias de produção dos corpos na modernidade.

Realizou-se também, a partir dos resultados da pesquisa, uma reflexão sobre educação, interculturalidades e os novos movimentos sociais em tempos de mutação tecnocultural e luta social para novos vetores de desterritorialização do espaço majoritário do Império Patriarcal-Heterocapitalista.

Se entende por minoria, a força política que não se codifica no estado majoritário do Império Patriarcal-Heterocapitalista. É a entidade que anima os fluxos da mutação, que em sua interconexão imanente com a Terra, se apresenta como uma Máquina de Guerra em formação, que se alimenta da fertilização dos estados nascentes do desejo de revolução social, para novos focos de produção existencial através da luta social

O movimento revolucionário das tribos minoritárias é um movimento autônomo, da imensa maioria, e está a gerar novos fulcros de mutação no espaço majoritário do Império Patriarcal-Heterocapitalista. Como um portador de novas catálises virtuais carregadas de planos de possíveis, as minorias podem vir a engendrar no espaço, novas práxis geradoras de novas constelações reais: novos valores, próteses e narrativas científicas para o desenho de novas paisagens no espaço.

As experiências sociais na atualidade se tecem numa paisagem heterogênea de máquinas e afetos que percorrem as próteses de uma natureza biocomputadorizada, sob um arranjo cultural híbrido e uma espacialidade protética, artificializada e tentacular. Uma produção existencial maquinada sob redes mutantes [que se apresentam no seio de múltiplos nós intercambiantes de fluxos de informações e afetos] e biônicas que tem produzido uma nova concepção de humano – seres transumanos; máquinas de virtualidade que se autofabricam no seio de um hibridismo entre organismo e artificialidade, corpos e máquinas, que como salienta HARAWAY [2013], jogam conceitos como natural e

organismo na lata do lixo.

As próteses dizem respeito aos artefatos bióticos manipulados pelas tribos transumanas em interconexão com a Terra. São dispositivos que surgem do nosso agenciamento com o espaço. É uma construção antropomórfica que serve de suporte e ligação a todo tipo de fluxo, seja de bit de informação, máquinas ou pessoas.

As tribos são as responsáveis por remanejarem as fronteiras e as paisagens. Através da história, as tribos substituem as velhas Máquinas Sociais [meios geográficos vitais para a autoconservação das multi-espécies] por novos engendramentos de próteses e valores ao espaço.

Penso que o momento atual é de apropriação de uma nova produção territorial pelas tribos minoritárias e transumanas [entende-se um ser transumano como uma entidade mutante e/ou híbrida, que não se codifica na universalidade majoritária programada nos corpus] para uma desterritorialização do estado majoritário da Terra, permitindo novos engendramentos de marcas desejantes nas paisagens e forças de transgressão contra as estruturas de poder do Império Patriarcal-Heterocapitalista.

O ambiente geográfico integrado da Aldeia Maquínica Global, possui uma espacialidade prótica e tentacular, onde as fronteiras entre realidade e ficção científica, verdadeiro e falso, público e privado, organismo e máquina, passam a se dissolver sob vetores fluidos de autopoiese. A estruturação orgânica do humano, que veio a criptografar os seres como uma instância biologicamente determinada, passa a se metamorfosear perante uma multiplicidade de próteses que percorrem a heterogeneidade do novo ciberorganismo da Terra – um organismo biocomputadorizado que tem nos territorializado a novos feixes híbridos de simulação de nossa virtualidade. A mutação do espaço neste novo tempo fluído e acelerado, oferece um novo suporte de territorialização as tribos transumanas, onde a identidade perpassa por um processo contínuo de transmutação virtual de modo transitório e desterritorializado, onde vários espaços, próteses e práticas coexistem sob um mesmo suporte cibernético que passa a solidificar o substrato geomorfológico tentacular do espaço geográfico tecnossocial da Aldeia Maquínica Global.

A superfície da Terra se encontra emergida sob um novo substrato geológico – uma camada geomorfológica bioartificializada, produzida a partir do engendramento de um novo sistema operacional coletivo, expresso em novos sistemas de intencionalidades e narrativas, que se engendra a um novo sistema biotécnico, expresso em novos sistemas próteses, sedimentando no espaço, uma paisagem tecnoapocalíptica nonde os elementos futuristas da tecnocultura e as forças desterritorializantes das tribos emergentes passam a se misturar com os elementos arcaicos dos múltiplos sistemas simbólicos que fizeram parte da composição antropogeográfica da História Universal Moderna do Império Patriarcal-Heterocapitalista.

A mutação tecnocultural, produto da revolução tecnológica do século XX em conexão com os avanços da Cibernética, da Inteligência Artificial e da Robótica, transmutou o espaço geográfico para uma nova condição territorial, perante um novo engendramento de sistemas técnicos a superfície, do que chamo aqui de sistemas eletroterritoriais integrados [sistemas *high-tech* de produção existencial] que passam a se interconectar aos sistemas de engenharia da materialidade preexistente, metamorfoseando morfologia do espaço a um continuum biotécnico-virtual, sob uma geomorfologia transorgânica destituída de fronteiras entre organismo e artificialidade, onde múltiplas próteses e artefatos passam a desenhar um novo hipercorpus prostético a Terra, territorializando os corpus em novas aventuras de simulação existencial.

Os territórios movediços de fibra ótica do ciberespaço, tem atuado como novos núcleos de territorialização do desejo. São meios geográficos biocomputadorizados de impressão de novos investimentos desejantes, de acontecimentos incorpóreos carregados de intensidade que podem vir a ganhar forma animada e processo nas camadas maquinicas. Uma maquinaria que também pode servir como máquinas de guerra na luta cultural contra-hegemônica.

A navegação no ciberespaço ocorre em função de uma transversalidade heterogênea, nonde os pontos territoriais dispersos espacialmente se interligam por meios das interações eletromagnéticas entre os modos virtuais que compõe a totalidade maquinica. A simulação existencial no ciberespaço, ocorre por meio de avatares transorgânicos e identidades multifacetadas, que não reconhecem a coerência de um eu

codificado sob uma estrutura fixa e homogeneizante, que antes inibia as mutações existenciais das virtualidades. Além de romper com a rigidez da identidade social, no ciberespaço da Aldeia Maquínica Global, as fronteiras homogeneizantes encontram-se embaraçadas sob novos vetores artificiais de transformação ontológica.

As entropias no espaço preexistente tem gerado uma exaustão do desejo mais intensa como nunca se viu na história universal. A crise cultural percorreu pela totalidade do Ser e da Terra – crise social, crise da subjetividade humana, do corpo que se tornou fascista.

As frentes de transgressão ainda se encontram dispersas e confusas com a aceleração contemporânea e com a fragmentação das identidades homogêneas, em busca de uma luta e de um pertencimento político no espaço. Entretanto, o despertar da força e dos sistemas de programação do Império Patriarcal-Heterocapitalista pode vir a dar materialidade ao devir-revolucionário que seguirá se libertando das formações políticas totalitárias [do capitalismo, do patriarcalismo e da heteronormatividade] para a produção de uma nova sociedade alternativa global, tentacular e fendida das universalidades homogeneizantes da Máquina Civilizada Capitalista da Modernidade.

A Aldeia Maquínica Global é uma Máquina Social que tem sido sedimentada aos poucos por múltiplas frentes forças político-sociais, que tem maquinado um novo registro virtual a Terra: um registro tangido pela multiplicidade e pela interculturalidade, territorializando os corpos a novos sistemas espaciais: técnicos [novos sistemas integrados e artificiais para a simulação existencial] e virtuais [um novo conjunto de valores, com novos mitos e narrativas científicas para a configuração de um novo sistema operacional coletivo].

Seu substrato geográfico é produzido através de múltiplas frentes de forças que se entrecruzam a um mesmo organismo biocomputadorizado, sob uma interface transversal entre múltiplas aldeias territoriais intercambiáveis: aldeias desterritorializadas [os territórios movediços e as ciber-regiões das próteses eletrônicas] que passam a se hibridizar com as aldeias territoriais da materialidade preexistente [a família, a escola, o mercado, a universidade e a empresa].

Esta escritura científica abarca um movimento geopolítico de descodificação e de produção da diferença. Alia Ciência, Arte e Filosofia sob um mesmo plano de composição teórica: numa simbiose entre materialidade e virtualidade. Sua tecitura, teve como motor de produção a Filosofia da Diferença de GILLES DELEUZE & FÉLIX GUATTARI, o que me proporcionou as ferramentas de engenharia conceitual, aliado a formação materialista do espaço como ferramenta de ação do mundo e de transformação social.

>> a pesquisa organiza-se do seguinte modo:

<< CAPÍTULO I >>

Máquinas, fluxos e virtualidades

Trago uma abordagem sobre a nova condição espacial e todas as suas implicações na vida social contemporânea.

Se trata de uma nova geomorfologia: híbrida, polimorfa e artificializada. Uma condição espacial que veio a colonizar o cotidiano da população, permitindo a metabolização de novas práticas sociais e a produção de novas forças de transgressão contra os fascismos do Império Patriarcal-Heterocapitalista que agora atuam em rede;

<< CAPÍTULO II >>

As experiências homossexuais na contemporaneidade

Adentra na investigação empírica. A aldeia molecular analisada se autoproduz como um espaço desterritorializado que interconecta todos os cibernautas a um mesmo prisma de simulação existencial: o da singularidade do desejo homossexual.

Constata-se que as tecnologias próstéticas de simulação existencial do ciberespaço se têm constituído como territórios alternativos para novas afetividades e mapas políticos de atuação social, assim como podem ser apropriados como armários tecnodigitais. Tudo vai depender da atuação molecular de cada autômato – de sua constituição política e de seus agenciamentos coletivos;

<< NAS FRONTEIRAS DA REVOLUÇÃO SOCIAL >>

Delineio possíveis conexões revolucionárias do desejo. Em como podemos liberar nossa virtualidade das estruturas de poder e em como as minorias podem usufruir das novas tecnologias de simulação do circuito eletrônico global para a montagem de novos mapas políticos de transformação social.

A decodificação dos sistemas de padronização e normatização que governam nossa virtualidade em meio aos avanços da tecnociência, colocam as minorias na borda de uma emancipação política, trazendo a dissolução entre as fronteiras e possibilitando a criação de novos sentidos e valores para a vida.

>> o caminho teórico-metodológico

A investigação percorreu pela coleta de práticas discursivas e sentidos de homossexuais na rede social do Facebook. Uma estratégia de captura das ações e discursos que maquinam a intercomposição das homossexualidades no ciberespaço. Aliado a técnica investigativa da análise discursiva no Facebook, trago a formação materialista do espaço para uma aplicabilidade ao nosso tempo, que pode me proporcionar a morfologia da paisagem contraditória no qual esta minoria sexual se encontra territorializada. Uma paisagem solidificada sob um registro simbólico patriarcal, capitalista e heteronormativo.

Nesta análise, a formação discursiva não se separa da formação espacial-material. Materialidade [formação espacial] e virtualidade [formação discursiva] se fundem em um mesmo mapa político de atuação molecular. Produzir espaço, é produzir discurso, ação e resistência no registro de um intercambiamento transversal de forças sociais que estão a gerar cataclismos e dobramentos na paisagem [tanto nas paisagens territoriais como nas paisagens de fibra óptica das próteses eletrônicas], sob um presente que está a todo instante se transmutando no devir.

Parto de uma dialética transversal, onde a paisagem social é sedimentada, destruída e reconstruída sob a ação molecular de múltiplas frentes de forças políticas, com potências e intencionalidades que diferem entre si. Forças polimorfas, múltiplas e penetrantes. Disponho tratar a formação do espaço e suas ficções culturais sob a ótica das Máquinas Sociais proposta por GILLES DELEUZE & FÉLIX GUATTARI [2010].

Hoje, estamos emergidos em um processo de dobramento de regime virtual de Máquina Social. Estamos vivenciando uma passagem simbólica de uma Máquina Civilizada Capitalista para uma Aldeia Maquínica Global. O que indica se furta do presente para a passagem de novos fulcros de diferença no espaço, dissolvendo com as fronteiras [virtuais e espaciais] e engendrando novas marcas do desejo ao espaço.

A luta social das minorias é intrínseco a transformação da economia capitalista. Capitalismo, patriarcalismo e heteronormatividade se fundem num mesmo Império Simbólico de governo dos corpus, maquinando uma subjetividade global de controle e circunscrição das virtualidades numa Máquina Civilizada Capitalista.

Em minha concepção materialista do [ciber]espaço, virtualidade e materialidade se hibridizam em um mesmo processo produção espacial. É quando a materialidade passa a ser desdobrada na virtualidade, que por sua vez, passa a se desdobrar a novas camadas ao espaço, tornando o indivíduo um maquinador do real.

No processo de engenharia da pesquisa, a partir do processo de apreensão da paisagem social, pude capturar as contradições contidas na própria essência dos objetos analisados, o que me permitiu a constatação de uma luta social entre duas grandes frentes de forças antropológicas opostas.

A Natureza é um todo maquínico articulado, no qual as frentes de forças e os fenômenos se interconectam uns aos outros, se interdependem e se condicionam mutuamente. Logo, toda formação espacial ocorre por meio de processos de desenvolvimento a partir do atravessamento caótico entre frentes de forças sociais opostas: frentes majoritários e frentes minoritárias; neoconservadoras e reformistas; hegemônicas e transgressoras... Com a transição de um modo espacial arcaico e qualitativo a um novo e diferente modo espacial qualitativo, como a mutação do simples para o complexo, do inferior para o superior, do eterno retorno do mesmo para a consolidação da diferença e do novo.

A passagem de um sistema social a outro pode vir a ocorrer perante uma libertação das diferenças do jogo patriarcal-heterocapitalista do espaço. E que não pode realizar-se por meio de mudanças e reformas lentas, mas só mediante a transformação qualitativa do regime virtual do Império Simbólico da Máquina Civilizada Capitalista... Mediante uma transvaloração dos regimes de signos que governaram a produção dos corpos na Modernidade, sob uma troca de motor de Máquina Social – troca de calibragem, troca de organismo, troca de produção.

As forças sociais têm-se articulado sob dois grandes eixos de produção existencial. Sob dois grandes núcleos de produção existencial que estão a dobrar o regime virtual da Máquina Civilizada Capitalista para a efetivação de um novo motor. Tem-se aqueles indivíduos estão engajados em uma simulação política reacionária e neoconservadora, no seio de uma cultura tradicionalista, patriarcal e heterocapitalista. Estes, agrupam os indivíduos que estão a se inserir no jogo da maquinaria simbólica do Império Patriarcal-Heterocapitalista.

Como antítese, temos as forças minoritárias da Multidão, que agregam os indivíduos da multitude LGBT, os negros, as feministas, os proletariados, os anarquistas, dentre outras territorialidades mutantes engajados com a produção da diferença e de novos focos de produção existencial na Terra. São as tribos que tem como única arma na sua luta pela vitória, a cooperação e a organização.

As tribos da multidude LGBT representam os indivíduos que não seguem os códigos de conduta da heterossexualidade compulsória. É utilizado como categoria política para os desviantes do heterocapitalismo: as lésbicas, os gays, os bissexuais ou transgêneros.

A multidão revolucionária desponta no centro de um novo desejo por transformação social. Ela atua através da luta social para delinear uma sociedade alternativa global sob novos regimes de valores, ao que chamo aqui de Aldeia Maquínica Global. Conforme HARDT & NEGRI [2004] a multidão é múltipla e penetrante. Ela é composta por inúmeras diferenças internas que nunca poderão ser reduzidas a uma unidade ou identidade única – a multidão é coabitada por diferentes culturas, raças, etnias, gêneros e sexualidades.

A multidão revolucionária é coabitada por uma multiplicidade de identidades minoritárias intercambiantes. Multiplicidade esta que não é apenas uma questão de ser diferente, mas também de um devir-diferente e revolucionário. Um devir diferente de todo estrato majoritário e fascista - do corpo e do espaço. A biologização dos corpus devem a ser transposta a uma nova produção ontológica, no seio de uma virtualização do organismo da biologia, numa nova imagem de pensamento descodificada de um organismo majoritário.

Estes dois eixos de produção existencial se atravessam e estão a gerar novos dobramentos a paisagem social. A interconexão entre as tribos minoritárias pode vir a acentuar o processo de mutação social. Através das interconexões entre as tribos espalhadas pelas ciber-regiões da Aldeia Maquínica Global, pode-se decretar uma transvaloração que se propaga para além do previsto e do estruturado: uma reestruturação do espaço e de estar no mundo para além dos estratos reacionários da modernidade patriarcal-heterocapitalista. O intenso desejo de transformação social pode vir a se tornar uma força material quando ganha as tribos minoritárias interconectadas entre si.

A análise ocorreu no maior grupo fechado de homossexuais do Brasil na rede social do Facebook. A estratégia das práticas discursivas como ferramenta de investigação, baseada nos discursos e imagens postados no grupo em interconexão com a formação materialista do espaço, permitiu constatar os processos de produção existencial que maquinam as experiências homossexuais na contemporaneidade.

A minha entrada no grupo ocorreu no ano de 2012, quando me permiti a experiências homossexuais. Antes de minha entrada ao grupo, nunca tinha tido um contato tão direto com a cultura homossexual em decorrência do medo e da repressão social. A entrada no grupo, permitiu com que conhecesse com mais profundidade a cultura homossexual, suas singularidades e as dificuldades que lhe são impostas pelo regime regulador do heterocapitalismo.

A minha participação no grupo despertou algumas problematizações, que aliado há questionamentos existenciais, fizeram com que eu adentrasse nos estudos sobre gênero e sexualidade. Eu diria que o interesse pelos estudos sobre gênero e sexualidade surgiu de um processo de ressignificação da vida. Um novo vir-a-ser que se processava em meio a questionamentos existenciais.

Desde minha juventude o tema da identidade me causava um certo fascínio, um fascínio carregado de desprezo na medida em que não conseguia me reconhecer em nenhuma identidade fixa imposta pela sociedade.

Em 2009, ingressei-me no Curso de Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Federal de São Carlos [campus Sorocaba]. Como um campo interdisciplinar, pude caminhar por diversas linhas de pensamento e temáticas que foram delineando meu percurso teórico. Trazendo as inquietações existenciais que queriam se desdobrar em mim, me aprofundi nos estudos sobre identidade. Entretanto, o território epistemológico da Geografia se foi insuficiente para as minhas indagações. A Ciência Geográfica analisa a identidade no prisma da relação simbólica do homem com o seu espaço geográfico. Queria mesmo é adentrar no campo da subjetividade, o que me levou a caminhar por novos vetores teóricos.

Durante minha pesquisa de Iniciação Científica, investiguei a produção da identidade territorial em Sorocaba através de seus ciclos econômicos. E uma questão começou a pairar em minha mente: Se as identidades nacionais e culturais estão passando por um declínio e estão se dissolvendo, então as identidades moleculares também estão se enfraquecendo, uma vez que as antigas representações universais do mundo estão se dissolvendo perante as novas mutações do espaço.

Em 2013, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos. Fui a procura da Profa. Dra. Viviane Melo de Mendonça para uma possível orientação. Não era a primeira vez que estava tendo contatos com ela, em 2011, durante o curso de Geografia, tive aulas de Psicologia da Adolescência onde passei a ter conexões com autores pós-estruturalistas que me despertaram um forte interesse por esta corrente de pensamento.

Quando procurei a Profa. Viviane pela primeira vez tinha em mãos um projeto de pesquisa que tinha como objetivo investigar em como os jovens têm se apropriado das redes sociais para a reconstrução de suas identidades. A profa. Viviane me indicou alguns caminhos que acabaram me levando aos estudos de gênero e sexualidade sob uma ótica pós-estruturalista.

Na época, participava de seu grupo de estudos FSexPol [Feminismo, Sexualidade e Política], e os devires se intensificavam. Era o momento de proclamação de uma nova terra fértil que seria o germe de uma mutação que me levaria para novos caminhos: existenciais e teóricos.

Em um primeiro momento, me debrucei nas obras de Michel Foucault. Através de suas leituras, fui atraído para as obras de Gilles Deleuze, o que por sua vez, me despertou vontade de conhecer as obras de Bergson, Espinosa, Leibniz e Nietzsche. E mais tarde, algumas autoras pós-estruturalistas contemporâneas, tais como Donna Haraway, Beatriz Preciado e Judith Butler.

A cada encontro com estes pensadores, novas problematizações surgiam. As potências que emergiam desta mutação me conduziram a um novo caminho para a pesquisa. Me deparei com uma corrente de pensamento que poderia se aliar com a bagagem materialista que eu trazia da Geografia, aliando materialidade e virtualidade sob um mesmo plano de composição teórica.

A partir dos estudos sobre gênero e sexualidade, passei a investigar as experiências de homossexuais na contemporaneidade, tendo como território empírico a maior aldeia molecular de sociabilidade de homossexuais do Brasil. Penso que hoje se faz importante repensar a sexualidade como uma categoria majoritária e totalizante. O que a priori indica pensar em um processo contínuo de descodificação dos regimes de verdade que orientaram

a produção de um espaço geográfico majoritário, sob um regime simbólico patriarcal e heterocapitalista, que ainda hoje programa a produção desejante da massa através de suas forças de captura, inibindo a livre circulação dos fluxos magnéticos do desejo no espaço.

O desejo quer afetar e ser afetado. O corpus-maquinico é descodificado de uma cor, de um gênero, de um sexo e de uma identidade. Quando destituímos de toda tecnologia regulamentadora do sistema operacional da Máquina Civilizada Capitalista, passamos a se processar por afetos pelas correntes eletromagnéticas que percorrem os corpus, pelos efeitos bioquímicos gerados pela intercomposição dos corpus.

O fluxo virtual da mente não reconhece estrutura de identidade, gênero e sexualidade. Cada modo virtual da Singularidade passaria a se autoconstruir de acordo com que se é em virtualidade, com o fluxo desejante que precede o seu ato no espaço geográfico. A existência como autoprodução do desejo em si mesma. Nesse sentido, é preciso deixar com que os fluxos do desejo percorram por seu caminho imanente. Não só as estruturas de poder inibem sua passagem como também os valores conservadores que geram castração da mente e inibem as correntes elétricas de efetuaram os engendramentos das máquinas operáveis. Não haverá transformação social sem uma transmutação das virtualidades, eliminando as impotências [medos, dores e depressão] para novas formas de simular existência na Terra.

Colocar o indivíduo, a materialidade e o inconsciente em movimento nos faz ir além do que a teoria crítica do marxismo e do freudismo pôde nos oferecer. Hegel, Marx, Nietzsche, Deleuze, entre outras máquinas de guerra, estavam na superfície de um processo iniciado, e no momento, já estamos submersos em um outro processo que vem se reconfigurando.

Aliar materialidade e virtualidade sob um mesmo plano de investigação é se atentar para um novo engajamento ético e político no mundo, de estar nele e não perante e nem além dele, é seguir o fluxo da virtualidade, que não é o ideal, o passado, o estático, e sim o simples movimento que nos autoconstitui no dado empírico. É romper com a metafísica transcendente e mergulhar na transversalidade das multiplicidades, engendrando novas diferenças no espaço.

O pensamento como dispositivo virtual de guerra tem como finalidade a geopolítica de descodificação da cultura totalitária do Império Patriarcal-Heterocapitalista para a modelagem de novos processos maquínicos de encaixe e desencaixe ao espaço geográfico. A luta social investida pelas Máquinas de Guerra é o grande motor da história. Entretanto, estamos tão limitados a decifrar o mundo sob diversas maneiras, quando o que realmente importa é a sua ruptura, a sua revolução.

A Máquina de Guerra se constrói na interconexão entre as potências do novo e da diferença. Sua virtualização se autoproduz nas conexões minoritárias para a afirmação de novas realidades, o que envolve a construção de um plano tático de novos mapas políticos de atuação no espaço geográfico. O múltiplo devém a ser penetrado pelas minorias da Multidão, efetuando sua síntese e fazendo o movimento deslocar para uma mudança de registro da Máquina Social sob uma transmutação dos valores que vieram a gerar castração em massa.

A produção política do território pelas minorias ocorre perante um novo investimento do desejo - de transformação espacial e transvaloração dos corpos. A transformação dos valores patriarcais e heterocapitalistas do espaço se tange numa desterritorialização do estado majoritário do espaço através de novos engendramentos da diferença, com o intuito de promover a interculturalidade, o respeito a diferença e o direito de ir e vir em superfície sem forças de captura – violência física e simbólica. Um movimento político de insurreição do povo contra a ordem majoritária do espaço, caminhando para um futuro melhor. Em tempos sombrios, a desordem é a eclosão das mais belas paixões para a conquista de uma Revolução Social.

A descodificação da Máquina Civilizada Capitalista aliado a luta social das minorias, permite a fertilização de uma nova matéria ideológica, metabolizada pela atuação das tribos minoritárias contra os estratos rígidos e majoritários do Império Patriarcal-Heterocapitalista. Como salienta TOYNBEE [1972: 228]:

Durante a desintegração de uma civilização, duas peças separadas com diferentes enredos, são representadas simultaneamente. Enquanto uma imutável minoria dominante está perpetuamente repetindo o espetáculo de sua própria derrota, novos desafios estão constantemente suscitando novas respostas criativas das minorias recém-recrutadas, que proclamam seu

próprio poder criativo mostrando-se progressivamente à altura da situação. O drama do desafio e resposta continua sendo representado, mas em novas circunstâncias e com novos atores.

O referencial metodológico das práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano se centra na linguagem como tecnologia social, nas maneiras a partir das quais os indivíduos produzem sentidos e se posicionam nas interconexões cotidianas – sociais, culturais e políticas. O discurso como uma tecnologia de poder exerce ordenamentos de disciplina e controle no espaço e está a evidenciar as intencionalidades ético-políticas que emergem através das enunciações.

A rede discursiva dos regimes de verdade da Máquina Civilizada Capitalista é a maquinaria que mantém os habitus e códigos de certas estruturas hegemônicas de poder no espaço [do patriarcalismo, do capitalismo e da heteronormatividade]. A enunciação discursiva pode ser vista como uma rede de signos que se interconecta a outras tantas redes de outros discursos a fim de reproduzir os valores a serem perpetuados na superfície.

Para FOUCAULT [1996], o discurso nada mais é do que um jogo político, de escritura, no primeiro caso; de leitura, no segundo e de troca, no terceiro, se inscrevendo na ordem do significante e das estruturas sociais homogeneizantes. A análise discursiva a partir do método arqueológico de FOUCAULT, busca definir os discursos enquanto códigos que obedecem às regras formadas dentro e fora do âmbito da linguagem. Consciente de que há um fluxo de intencionalidade entorno do estatuto de verdade e do conjunto de regras através das quais se estabelece o verdadeiro e o falso, o que a arqueologia foucaultina investiga é o domínio do saber dentro de um sistema lógico, linguístico e psicológico que configura um determinado regime majoritário de signos.

Para SPINK & GIMENES [1994], conhecer é dar sentido ao mundo. Não se trata, portanto, de um processamento de informação, da adesão a uma ou outra teoria científica, ou da possibilidade cognitiva da construção lógica do pensamento. O conhecimento no prisma da produção de sentido implica, sobretudo, no posicionamento perante os dados, as teorias e as territorialidades – nossos interlocutores diretos ou genéricos. Enfatizando o posicionamento político, a produção de sentido é um processo de negociação continuada de identidades sociais no espaço.

Esta perspectiva teórico-metodológica articula três aspectos distintos, mas que se articulam entre si:

>> Dar sentido é sempre uma produção cognitiva, ou seja, implica no uso de conexões neurais habituais desenvolvidas pela experiência no quadro das contingências dos encontros. Esta articulação com o social pressupõe a interface entre dois tempos distintos: o tempo histórico em que se inscrevem os conteúdos imaginários derivados das formações discursivas de diferentes épocas; e o tempo vivido em que se inscrevem os conteúdos derivados dos processos de socialização primária e secundária.

Posicionar-se, nesta ótica, implica, portanto, em navegar pelas múltiplas narrativas com as quais entramos em contato e que se articulam em nossas práticas discursivas. Quem somos é sempre uma pergunta aberta com uma resposta mutável, dependente das posições disponíveis nas práticas discursivas nossas e dos outros e, dentro dessas práticas, das histórias através das quais fazemos sentido de nossas vidas e da dos outros. As histórias estão localizadas em um número de discursos distintos e, portanto, variam dramaticamente em termos da linguagem utilizada, dos conceitos, das questões e dos julgamentos morais aí relevados e das posições possíveis aí dentro;

>> Dar sentido ao mundo implica, também, em posicionar-se em uma rede de relações e pertence, assim, à ordem da intersubjetividade. Isso implica em trazer para o cenário o tempo presente: a microescala da interação social onde se torna possível a ruptura entre o instituído e o instituinte que possibilita a atividade criativa e a construção de novos sentidos. É a ênfase na funcionalidade na esfera da intersubjetividade que permite postular que para entender a processualidade intrínseca da atividade de significação, é preciso focalizar as rupturas sociais. É aí, no interstício entre o habitual e o não familiar, que podemos visualizar melhor o

esforço de produção de sentido e a atividade criativa do sujeito no enfrentamento do mundo;

>> Sentido implica, ainda, em posicionar-se no fluxo dos acontecimentos. Ou seja, estabelecer suficiente coerência e continuidade de modo a reconhecer-se como sujeito histórico e político [ou sujeito que tem uma história] em um mundo caracterizado pela polissemia. Nesta perspectiva, esta atividade de dar sentido está amarrada à construção de versões plausíveis do self; de narrativas que criam elos [sempre passíveis de ressignificação] entre eventos vividos e sentidos, verdadeiros diálogos entre passado e futuro. Trata-se de fenômeno relacionado às transformações mais globais na subjetividade moderna que permitem falar de uma metamorfose histórica da memória e sua conversão definitiva à psicologia individual. A atomização de uma memória geral em memória privada dá à lei da lembrança um intenso poder de coerção interior [SPINK & GIMENES, 1994].

Conforme SPINK & MEDRADO [1999] as práticas discursivas apresentam três elementos constitutivos: a dinâmica, que corresponde aos enunciados orientados por vozes ou textos; as formas e os conteúdos, que são os repertórios interpretativos.

Os enunciados seriam as substâncias de expressão – palavras e sentenças que dão maquinaria a paisagem ideológica das virtualidades. As expressões articulam-se em ações situadas que associados às vozes [diálogos que se prosseguem na produção de um enunciado], adquirem seu substrato social. O enunciado não surge do nada, ele se constitui como uma unidade de comunicação da virtualidade que se interconecta a um sistema maior de linguagem e enunciações preexistentes.

No cotidiano, o sentido decorre do uso que fazemos das tecnologias sociais e interpretativas de que dispomos, que são as unidades de construção das práticas discursivas – termos, descrições, lugares-comum, próteses e figuras de linguagem... artefatos simbólicos que demarcam o campo de possibilidades de reconstrução das identidades sociais.

O indivíduo não existe isoladamente e os sentidos são produzidos quando duas ou mais conexões neurais se confrontam em uma rede intersubjetiva. Neste contexto, o pensamento se constrói de forma dialógica, onde falantes e ouvintes convivem e se interconectam mutuamente, orientando a produção de sentidos e enunciados sob uma rede dialógica.

A interpretação das práticas discursivas de homossexuais no Facebook se deu em um movimento de produção de sentidos. Durante todo o processo de engenharia da pesquisa estive imerso no processamento de dados e informações. Esses sentidos são resultados do processo de interpretação de discursos, que me deu os resultados das análises através de técnicas de visibilização [no caso, a partir da produção de mapas], se apresentando como estratégias empíricas para assegurar o rigor científico – entendido sempre em interconexão com a objetividade possível no âmbito da intersubjetividade do circuito em rede de interconexões do ciberespaço.

A estratégia que subsidiou a captura das intencionalidades que orientam as experiências homossexuais através do que se é enunciado e registrado no Facebook foi a da etnografia virtual. Uma etnografia calcada no plano virtual, onde a coleta foi feita de modo desterritorializado: um levantamento virtual transnômade, caminhando por múltiplos núcleos territoriais dispersos e heterogêneos, mas em um espaço material preexistente.

A coleta ocorreu na maior aldeia desterritorializada de homossexuais do Brasil na rede social do Facebook. Uma aldeia molecular de sociabilidade que conta com mais de sete mil membros. O grupo é fechado e bem dinâmico, contando com uma multiplicidade de dispositivos variados para a simulação virtual.

As postagens são dos mais variados cunhos: postagens políticas, de reivindicações sociais, agenda de baladas, procura de parceiros afetivos. Foi arquivado um mapa para cada postagem coletada. Estes mapas têm como objetivo sistematizar o processo da análise das práticas discursivas em busca de aspectos formais, buscando dar substrato ao processo de interpretação e facilitar a comunicação dos passos subjacentes ao processo interpretativo.

A montagem do mapa iniciou-se pela definição das categorias, que se autoproduziram de acordo com o percurso de sistematização e interconexão. As categorias não são categorias gerais, cada mapa possui categorias distintas que foram se

autoproduzindo segundo os caminhos indicativos dos comentários.

Evidenciando-se as formas de visualização das práticas discursivas, se buscou analisar os processos de produção existencial a partir das análises dos conteúdos e de minha própria vivência na aldeia virtual. Os mapas delinearam os caminhos que conduziram a interpretação das experiências homossexuais frente ao uso das novas próteses *high-tech* do ciberespaço.

Foram produzidos 15 mapas num período de coleta de 15 dias. A partir da análise das práticas discursivas em conexão com o método materialista da formação espacial, constata-se que a produção existencial na contemporaneidade emerge de uma navegação transnômade entre territórios e máquinas; forças e conexões que dão múltiplas linhas de possíveis a nossa virtualidade, que passa agora a ser produzida em função de um mecanismo de cristal de inconsciente: uma relação de espelho que percorre o real e o virtual; os corpus e o espaço sob um mecanismo de coalescência entre as faces.

A produção existencial contemporânea ocorre no centro das conexões do desejo, que passa a percorrer por uma multiplicidade de territórios e máquinas que se intercabeiam no ciberespaço: territórios da materialidade preexistente que passam a se interconectar com os territórios de fibra óptica da mutação tecnocultural. As conexões neurais passam a transgredir as fronteiras entre mente-espaço, organismo-máquina e passam a gerar efeitos bioquímicos nos corpus a distância da territorialidade fixa, no seio de um circuito eletrônico global... um sistema maquínico que passa a interconectar todos os corpus a uma rede global de interconexões.

A virtualidade, portanto, passa a se metamorfoseada face a um espelho móvel que percorre as produções incorpóreas da mente em interconexão com as produções [ciber]espaciais da Aldeia Maquínica Global – o que se é produzido em virtualidade pode ser cristalizado em novas paisagens ao fora, gerando transmutação nas camadas cibernéticas. A virtualidade é transnômade e se autoproduz a partir de uma transversalidade heterogênea de espaços, máquinas e forças que se atravessam simultaneamente no substrato artificializado da Aldeia Maquínica Global.

A partir da mutação tecnocultural do espaço, a produção de experiências passa a percorrer pelas aldeias territoriais do espaço material preexistente em interconexão com as aldeias moleculares das máquinas cibernéticas. Nesse sentido, as redes de interconexões neurais passam a transgredir o limite da pele em face do sistema eletrônico integrado do ciberespaço.

Toda ação molecular, de registro micropolítico, perpassa pela coalescência entre virtual e real gerada pelo cristal do inconsciente. A mecânica quântica da virtualidade se processa sob duas faces intercambiantes: o virtual-imaginário [microssistema operacional] e o real material [território]. Nossa virtualidade devém a se autoproduzir em um desdobramento do tempo real, numa coalescência entre elementos interconexos: espaciais-ciberespaciais – materiais-incorpóreos. A relação desejante com o espaço geográfico nos concebe uma visão a ser desdobrada continuamente, dando textura e nomadismo a nossa paisagem existencial.

O processo de virtualização precede a ontologia humana. É o fluxo maquínico responsável por engendrar as peças, engrenagens e máquinas que compõe a totalidade do mundo. É o fluxo presente em todos os modos virtuais da Singularidade, que nos contempla com um mapa remanejável de possíveis que pode ser desdobrado ao fora para novas maquinações e acontecimentos. Todo fluxo virtual contornar um conjunto móvel de possíveis a ser manipulado através da produção desejante para novas simbioses, máquinas e mutações espaciais.

A simulação existencial possui um caráter processual em interconectividade com a heterogênese ciberespacial. Numa sociabilidade pulverizada em múltiplos espaços e próteses que se misturam e se atravessam simultaneamente. Toda ação molecular promove dobramentos ao espaço, que por sua vez, devém a gerar novas atualizações dos instantes presentes em nossa geografia mental, instantes a serem armazenados em nosso banco de dados. Nossa memória é um banco de dados povoada por acontecimentos intensivos que decorreram dos efeitos dos encontros.

A produção virtual das máquinas contorna sempre um fluxo transmutante de imagens-movimento. Fluxo este que segue se metamorfoseando de imagem na interconexão entre mente e ciberespaço. Nessa produção mental, perpassam múltiplos

fluxos gênicos... fluxos de afetos, bits de informações, paisagens, homens, mulheres, animais, híbridos... uma multidão cósmica. Em nosso microssistema operacional coabitam uma comunicação transversal de identidades multifacetadas que não reconhece uma estrutura fixa. Os autômatos hegemônicos da Máquina Civilizada Capitalista organizam nossa virtualidade tanto quanto organizam a superfície para a circulação dos fluxos de capital.

O hipercorpus maquínico da Singularidade só reconhece fluxos e correntes de eletricidade que engendram as máquinas umas as outras. As dualidades passam a se misturar [bem e mal, masculino e feminino, ativo e reativo]. As forças se transversalizam sob uma multiplicidade de modos heterogêneos de se constituir no espaço, forças que diferem em intensidade e potência, que se atravessam e se hibridizam... tudo vai depender da forma como cada autômato se autoproduz em superfície, combinando concretamente suas conexões [virtuais-incorpóreas e materiais-coletivas].

Não há mais aquela clássica separação entre mente-matéria. Virtualidade e materialidade passam a se fundir numa única simbiose virtual de desdobramento contínuo. A virtualidade é a geografia mental em si mesma, que autopreenche os modos virtuais heterogêneos [corpus e máquinas] com um conjunto móvel de imagens-movimento que segue se metamorfoseando de forma animada [imagem] a partir do entrecruzamento entre forças, afetos e conexões que decorre do desdobramento entre mente-espaço, modelando nossa identidade de forma contínua a partir de uma sucessão que acontecimentos, e desdobrando as camadas maquínicas de matéria e processo.

A virtualização é o processo imanente que habita os modos, atribuindo-lhes imagem e movimento... A força eletromagnética engendradora das máquinas, preenche os modus virtual com uma teia acontecimentos, que se interligam a partir de uma densa rede intersubjetiva, interconectando os modus virtuais uns aos outros e metamorfoseando a programação virtual [forma e processo] das máquinas. Pode-se dizer que a virtualidade é o autorreconhecimento da Singularidade em seus modos; a potência latente metabolizada ao fora pelo impulso elétrico-mental – toda realidade [materialidade] é a uma cristalização desdobrada da própria realidade virtual de nosso microssistema operacional. A virtualidade portanto, é força, desejo e substância em autoprodução de si mesma expressa em todos os

modos viventes.

A força é uma potência vital manifestada na própria mente humana. Todos os atributos infinitos da Singularidade encontram-se refletidos em nossa geografia mental. A interconexão da mente com os atributos infinitos da Singularidade nos coloca em posse da produção virtual enquanto acontecimento em ato, trazendo a tona as potências singulares que emergem das profundezas subterrâneas do inconsciente maquínico. A manipulação da I.A. de nosso microssistema operacional nos permite compreender as dinâmicas do Universo e experienciar seus processos a partir da própria mente, enquanto este se expressa como Universo em si mesmo... Uma vez que a força do Cosmos existe em cada modo virtual como um reflexo da totalidade maquínica.

O desejo, o motor que nos dá a potência de modelar o nosso microssistema operacional, é uma energia vital, primitiva e caótica, que nos dá a ação de moldar a própria materialidade; de nos agenciar com outras formas de vida inteligentes e de manipular múltiplas habilidades incorpóreas.

O autoconhecimento e o trabalho [esforço e intensidade] são dois mecanismos essenciais para as forças eletromagnéticas da mente se fortaleceram e aumentarem o quantum de potência. As forças eletromagnéticas ligam-se a produção instintiva dos Seres, geralmente são forças aprisionadas nas esferas estruturais do inconsciente... A manipulação da produção desejante é uma forma de exploração e manipulação desta energia bioenergética e também, para o acesso a estados mais elevados de nossa I.A., nos permitindo gerar novos fulcros virtuais-reais de mutação no [ciber]espaço.

A mente em interconexão com os atributos infinitos da Singularidade nos territorializa em uma nova calibração de forças ativas e engendradoras. A mente como uma máquina virtual de I.A. está a todo instante produzindo fluxos bioelétricos de calibragem de planos de possíveis através de um conjunto móvel de imagens-movimento que se coagulam em nossa geografia mental a partir do entrecruzamento entre forças e fluxos que surge do desdobramento entre virtualidade e materialidade.

Os impulsos elétricos da mente passam a coagular os filamentos imagéticos que coabitam nosso microssistema operacional, permitindo uma manipulação de diferentes percepções do real... E é através do trabalho mental que emerge das intensidades e da

repetição de imagens, que os estímulos bioelétricos da nossa I.A. operam para a solidificação da produção espacial.

A mente como uma máquina virtual de I.A. está a todo instante produzindo planos de possíveis e filamentos imagéticos através de um conjunto móvel de imagens-movimento que se coagulam na mente. As imagens mentais surgem da interconexão entre corpus e espaço... É a partir dos estímulos elétricos que decorre do agenciamento entre virtualidade e materialidade, que a nossa mente se autopreenche por um conjunto móvel de imagem-movimento. Os fluxos de imagens chocam entre si, e deste entrecruzamento de forças, os filamentos passam a se coagular em formas animadas [carregando consigo uma existência plena em si mesma], que passam a ganhar estrutura e processo através de uma intercomposição dinâmica entre formas animadas e fluxos de bits de informações [processo responsável por engendrar o sentido a maquinação virtual], com potencial de se desdobrar em novas mutações e materialidades ao espaço.

Para o acesso pleno da força engendradora, é preciso romper com as estruturas mentais fabricadas pelos autômatos hegemônicos da Máquina Civilizada Capitalista, fundir os opostos [masculino e feminino; corpo e mente; inconsciente e consciente] e se colocar enquanto um acontecimento em ato no espaço... interconectando-se aos atributos infinitos da Singularidade.

A partir da descodificação das estruturas mentais, a potência infinita da Singularidade passa a refletir na produção virtual dos microssistemas operacionais, sob um mecanismo biofísico que vai do uno ao múltiplo - do múltiplo ao uno. Mecanismo este, responsável por transformar energia bioquântica em matéria animada e por gerar imagem-movimento nas máquinas que compõe a totalidade do mundo.

A interconexão da mente aos atributos infinitos da Singularidade nos territorializa a um nó de núcleos energéticos que atravessam o macrocosmos. A manipulação virtual da mente deve sempre ser acompanhando de trabalho e concentração; solidificando as imagens-movimento na mente e através do trabalho, fazer com que as correntes eletromagnéticas agenciem os acontecimentos para a totalidade daquilo que concebemos em virtualidade.

A fusão entre Vontade e Energia nos dá a potência criadora de tecer realidade, novas próteses bióticas, manipulações genéticas, novos acoplamentos a superfície. A materialidade passa a ser uma criação emergida das forças elétricas do Universo... E no seio da força maquínica, nosso instinto alcança estágios mais elevado da consciência, sob um sistema de transmutação que nos leva a novos estágios da Evolução.

A chave é romper com as fronteiras mentais... permitir com as forças circulem livremente em nossos microssistemas operacionais; deixando com que a I.A dos microssistemas operacionais trabalhe por si mesma através das correntes de energia, sempre em sintonia de um conjunto móvel de imagem-movimento [códigos, símbolos e arquétipos]. Com o autoconhecimento e trabalho, aprendemos a controlar as vibrações, e a manusear as diferentes habilidades que emergem dos atributos infinitos da Singularidade.

A produção virtual da mente é um depósito sedimentar de imagens e ideias, sempre em uma profusão hipercaótica contínua. A manipulação virtual só é possível através de símbolos, logo, o trabalho da I.A deve ser agenciado por meio de um conjunto móvel de imagens [símbolos e arquétipos] a serem projetadas nas profundezas subterrâneas do inconsciente, sob um investimento de tempo e energia [trabalho] para a maquinação real-espacial.

No desdobramento entre virtualidade-espço, nossa virtualidade se transmuta e se atualiza no devir das redes neurais que percorrem a heterogeneidade do ciberespaço. Logo, pode-se arriscar a dizer que não há estrutura capaz de organizar nossa virtualidade. Organizam nossa virtualidade para o ordenamento econômico. Entretanto, ela é um fluxo transversal que está a todo instante se desfazendo para dar germe a uma nova imagem-movimento em nosso microssistema operacional, a uma nova dobra imagética. Tudo decorre da conexão mental e da diferença que emerge do encontro com outro.

Nosso microssistema operacional é autopreenchido por uma virtualidade móvel encarnada em acontecimentos que não reconhecem um eu, uma identidade rígida, ou outra estrutura fixa e estática. As estruturas organizativas dos corpus são tecnologias discursivas fabricadas em laboratório pelo autômatos hegemônicos para a organização espacial do heterocapitalismo e do patriarcalismo. Nossa produção desejante é livre em seu movimento e não se codifica em aparatos normativos e repressivos. Ao menos não deveria!

Nossa geografia mental vem a se autoproduzir perante dois núcleos de simulação existencial interconexos e que estão a gerar novos focos de diferença – na mente e no espaço. Se tem o núcleo territorial, que corresponde a materialidade preexistente, circunscrita no registro sedimentar do Império Patriarcal-Heterocapitalista; e o núcleo molecular, que corresponde a formação microfísica de forças desejantes e a produção contínua de acontecimentos. Estes dois núcleos serão abordados melhor no capítulo I.

Nada é igual a partir das conexões neurais da mente e dos encontros intensivos. No princípio biopsíquico do devir, os corpus encontram-se coaguladas sob um processo singular de intercomposição e fragmentação dos modos virtuais da Singularidade. A superfície é uma arena transversal de forças. Cada força se encontra em conexão à outra força, e neste processo, uma força age e recebe a ação da outra sob uma mecânica físico-química das dobras. A virtualização está sempre a se desdobrar de camada [forma animada] e se atualizar de imagem-movimento perante os efeitos bioquímicos gerados pelos afetos e conexões entre os modos virtuais [corpus, máquinas e híbridos transumanos] que compõe a totalidade da Aldeia Maquínica Global.

O mundo, portanto, encontra-se dinamizado por um caótico atravessamento de forças desejantes. Logo, corpus e espaço não podem ser concebidos perante o prisma de uma estrutura homogênea e universal, mas sim, como processos em um devir constante, que se desdobram em conexão com essas forças e com as diferenças que elas geram nos microssistemas operacionais.

O acontecimento, a produção biofísica de imagem-movimento que autopreenche o nosso microssistema operacional, é o próprio sentido e nele emerge a atualização dos dois estados das coisas: o antes e o depois; o passado e o futuro. Na medida que dobramos o presente, uma nova camada de imagem-movimento se desdobra em nosso microssistema operacional... E é na síntese disjuntiva do acontecimento, que a linguagem recolhe a diferença e a atualização da nossa programação virtual. Apenas o passado e o futuro insistem em nossa virtualidade, subdividem o presente em infinito, gerando diferença nas camadas incorpóreas.

Acontecimento, portanto, é a diferença da virtualidade na medida em que gera transmutação de nossa forma animada [camada mental], sentido a partir da disjunção entre o antes e o depois e dos efeitos bioquímicos [sensações, vibrações e correntes de eletricidade] que emergem dos encontros que nos afetam e são vividos sob diferentes maneiras e graus de intensidade.

Não há uma unidade atribuível aos modos virtuais da Singularidade. Os modos virtuais da Singularidade estão a todo instante se multiplicando e se metamorfoseando de imagem-movimento em função da intercomposição maquínica gerado pelos fluxos eletromagnéticos do Cosmos. Nossa programação virtual não é uma produção estática. Sua maquinação é dinâmica e está a se atualizar a todo instante nos dados da experiência, nas correntes eletromagnéticas que ligam as redes neurais umas as outras, promovendo novas composições desejantes nos corpus – múltiplas e penetrantes.

A identidade é um hardware arcaico de circunscrição da mente nos circuitos de referenciação e padronização da Máquina Civilizada Capitalista. A geografia mental da virtualidade não se codificada numa identidade coerente, rígida e fixa. A produção virtual de nossos microssistemas operacionais perpassa por uma paisagem existencial que se desdobra a todo instante no devir e na interconexão entre os modos virtuais que compõe a rede social global da Aldeia Maquínica.

O fluxo de nossa geografia mental é o fluxo desejante em si mesmo. Logo, viver é tecer uma paisagem móvel sob linhas virtuais do desejo que se interconectam... E por isso não existe falta, o desejo é sempre excesso que ameaça transbordar sob acontecimentos contínuos. Nossos corpus estão sempre sendo autopreenchidos, seja por potências ou impotências. A produção desejante não reconhece vazio, apenas conexões e dobras em devir contínuo. A nova ontologia é desarticulada do estruturalismo do Império Patriarcal-Heterocapitalista que veio a organizar nossa produção desejante nos grilhões das tecnologias de gênero, sexo e identidade para a manutenção das hierarquias de poder do patriarcalismo e do heterocapitalismo.

A produção virtual da mente não se separa da produção espacial. Logo quando nascemos temos nossa matéria autopreenchida pelo regime virtual exterior a nós. Logo, todos nascemos heterocodificados e circunscritos nas ficções científicas que são pré-

codificados no sistema operacional coletivo da Máquina Civilizada Capitalista: sistemas de programação codificadas no centro de três estruturas simbólicas de poder: o capitalismo, o patriarcalismo e a heterossexualidade compulsória.

Não são as virtualidades dos indivíduos que determinam nossa atuação no espaço, mas sim, os simulacros do espaço simbólico que determinam nossa consciência, codificando nosso microssistema operacional sob sistemas de programação dominantes que passam a pré-definir nossa produção virtual em superfície. Nesse sentido, passamos a simular existência em interconexão com as tecnologias de simulação pré-codificadas em nossos microssistemas operacionais.

É preciso agir com prudência e apreender a realidade enquanto ela acontece em ato. Se queremos transformar o mundo, é preciso atrair atenção para o presente tal como ele é, no aqui e agora. Assim como se empoderar do conhecimento de como as engrenagens do poder funcionam e atuam no espaço, dominando os corpus sob estruturas de poder que inibem a efetuação de nossa vontade de potência.

Todo animal opera sua existência em função de sua produção virtual, que se desdobra ao fora em fluxo magnético com a heterogeneidade da Terra. Não há estrutura capaz de codificar nossa produção desejante, inserindo nossa mente em arranjos de normatização e padronização do campo hegemônico. É preciso liberar o desejo da engenharia de produção de corpus normais, padronizados e heterocodificados do capitalismo, o que indica que cada indivíduo se aproprie de sua singularidade para o engendramento de novos fulcros da diferença no espaço.

A potência de luta de cada Máquina de Guerra emerge na autoconsciência e na emancipação das estruturas organizativas dos corpus e do espaço. A revolução é no aqui e agora e o primeiro passo é o despertar dos códigos de condução da vida que são pré-codificadas em nossos microssistemas operacionais. Quem não se movimento, não tem autoconsciência das correntes que os prendem... E a transmutação do corpus primitivo orgânico para formas mais elevadas só ocorre a partir da descodificação das tecnologias repressivas que nos separam da autoconsciência da potência bioenergética que há dentro de cada Singularidade.

A autoconsciência permite uma decodificação da virtualidade das tecnologias de simulação pré-codificadas em nossos microssistemas operacionais, permitindo libertar-se da dominação que o Império Patriarcal-Heterocapitalista criou, realizando a essência de toda inteligência – a vontade efetivar-se enquanto potência em expansão no espaço.

Cada autômato pode vir a se autoconstruir a partir de sua virtualidade em ato, dos devires que lhes atravessam. A singularização dos microssistemas operacionais permite a liberação de energias vitais que foram congeladas no decorrer da história pela circunscrição do desejo nas tecnologias de repressão e normatização do campo social. Para a organização espacial desta mega infraestrutura que conhecemos se foi preciso circunscrever os corpus em estruturas universais e homogêneas, congelando o movimento da história pela repressão do desejo e pela engenharia de produção em massa de corpus heterocodificados, dóceis e reativos.

A autopoiese nos concebe a potência de diferir-se de si mesmo, de se decodificar das estruturas de poder dos corpus e se construir nas fronteiras dos afetos germinados dos encontros e dos hibridismos que a multidão nos proporciona. No seio da nova heterogênese ciberespacial, lidamos com diferentes encontros vividos com o outro, onde passamos a desdobrar nossa potência para diferenciarmos de nós mesmos e daqueles que nos cercam.

Algumas conexões podem passar despercebidas. Já outras são intensas e se tatuam na alma. Dependendo dos efeitos arquivados pelas conexões neurais, o indivíduo é forçado a questionar e a produzir um sentido àquele acontecimento, que emergiu do acaso e desestruturou sua virtualidade. A experiência com esse tipo de conexão gera uma série de questionamentos existenciais... E as virtualidades se desdobram nesse campo complexo do qual fluem ininterruptamente as imagens mentais e os afetos. Os enfrentamentos que se seguem não reconhecem parada, apenas novos desdobramentos das passagens virtuais que nos atravessam.

As aldeias moleculares desterritorializadas engendradas no ciberespaço pelos agentes hegemônicos da cibercultura eletrônica têm afetado a produção de experiências de modo massivo. O intenso acoplamento de novas próteses biotécnicas a Terra tem impactado a nossa virtualidade, redimensionado as vivências, imersas agora numa espacialidade protética que se desfaz a todo instante para dar germe a novas mutações

territoriais. Há toda uma nova prática social emergida da simbiose entre realidade e virtualidade que surge encontro do homem com as próteses maquínicas da tecnocultura.

As experiências sociais nas fronteiras da Transumanidade sugerem múltiplos estratos de simulação existencial em um intercâmbio incessante entre on-line e off-line, real e virtual, materialidade e virtualidade. Nota-se que a maquinaria da tecnocultura pode servir como um importante meio para troca, compartilhamento de signos e produção de novos mapas políticos - de luta e reivindicações contra os micropoderes do império simbólico da Máquina Civilizada Capitalista que agora atuam em rede.

Como também, por se constituírem como meios geográficos desterritorializados da materialidade preexistente, podem se configurar como armários tecnodigitais para aqueles que buscam por amores ocultos e vivência afetivas em segredo. A natureza misturada da Aldeia Maquínica Global permite as tribos heterogêneas caminharem por vários territórios de descoberta e reconstrução de sua geografia mental.

Por viverem em um território equipado por um registro simbólico heteronormativo, os homossexuais estão a todo instante sendo capturados por forças de captura que os colocam em estados de impotência, passando a simular uma existência baseado no medo e no segredo. Uma das forças de captura que está a gerar impotência e sofrimento aos homossexuais é a tecnologia do armário.

O armário é uma tecnologia de simulação de regulação da produção desejante de homossexuais. De acordo com MISKOLCI [2012], podemos dizer que há uma persistência do armário na era das tecnologias prostéticas de simulação virtual. Com o advento da tecnocultura, houve um aumento de diversas plataformas on-line segmentadas para um público LGBT como sites de anúncios, redes sociais e salas de bate-papo. A interatividade se impôs como mais relevância para pesquisas sobre a busca de parceiros afetivos e sexuais.

Há uma marcante presença de homens que não possui sociabilidade gay na vida cotidiana da materialidade preexistente, mas que territorializados nos armários maquínicos das aldeias moleculares, assumem uma identidade homossexual sob a regulação do segredo que o armário permite.

MISKOLCI [2012] constata que os homens que vivem sob a regulação do armário sofrem e se sentem solitários, mas não são simples vítimas de uma simulação heterossexista, pois detêm conexão afetiva. O sofrimento os alivia ou os “desculpabiliza” por agirem em desacordo com valores familiares, e a solidão também precisa ser compreendida como constitutiva de uma masculinidade hegemônica que recusa negociar seus desejos ou afetividades com outras pessoas.

As aldeia moleculares desterritorializadas, tais como as redes sociais e os sítios eletrônicos, tornaram-se meios geográficos performativos de modelagem de nossa virtualidade destituídas de fronteiras [organismo e máquina; verdadeiro e falso], tornando-se um meio territorial de produção de novas afetividades e de solidificação de intensidades incorpóreas, que no encontro com a máquinas, passam a se metamorfosear em novas territorialidades animadas.

As produções territoriais, são coaguladas a partir de uma manipulação mental, onde cada indivíduo combina concretamente um conjunto de fluxos de bits de informações, que se misturam a um conjunto móvel de imagens-movimentos da mente, e no seio desta produção, as imagens incorpóreas adquirem sentido e consistência espacial nos murais de fibra ótica, que através do sistema aberto transversalizado do ciberespaço, pode vir a afetar múltiplos corpus dispersos territorialmente, que por sua vez, podem vir a gerar novos desdobramentos na paisagem social. Os territórios deste novo mundo são atualizados e desdobradas a cada ação molecular.

No encontro com a máquina, as tribos podem encontrar uma nova terra fértil para a diferença, pode compor para si uma nova singularidade a cargo do desejo, se deixando afetar por uma exterioridade que o faz divergir do estado majoritário do Império Patriarcal-Heterocapitalista.

Tudo o que existe em materialidade são coagulações de fluxos virtuais de nossa geografia mental. Tudo o que é coagulado nas aldeias moleculares do ciberespaço estão a indicar uma territorialização de nossa virtualidade. Uma dobra que está a afetar outros corpus sob vetores transversais. A ação de afetar e ser afetado na rede maquínica, perpassa por uma circunscrição espacial transversalizada, sob um mar de redes neurais e diferenças que coabitam um mesmo ciberorganismo.

Toda conexão, todo fluxo de bit de informação materializado no ciberespaço contorna uma intencionalidade, um fluxo do desejo criptografado. Uma materialização de um afeto com potência de afetar outros corpos. Tudo o que é enunciado possui uma intencionalidade, uma direção... sob passagens dissolvidas das fronteiras entre realidade e ficção; organismo e artificialidade; corpos e máquinas; público e privado. O ciberorganismo da mutação tecnocultural nos territorializa a novos sistemas híbridos de modelagem de nossa geografia mental.

A escolha do Facebook como território investigativo decorreu do fato desta plataforma multimídia ter se tornado um fenômeno global, colonizando o cotidiano da população e se tornando uma terra fértil a ser explorada. Hoje, é a rede social mais utilizada e oferece um campo de multiplicidade aos cibernautas: é um território existencial que permite uma pluralidade de dispositivos de simulação existencial.

A aldeia molecular analisada conta com mais de sete mil membros, possui uma natureza híbrida com uma variedade de postagens e com uma diversidade de temas. Ela se configura como uma agência de afetos e enunciações, podendo ser apropriado como um espaço político para a subversão das forças de captura do sistema heterocapitalista, bem como pode ser utilizado como um armário maquínico para aqueles que buscam vivências ocultas. Tudo vai depender da atuação molecular de cada autômato e de suas conexões desejanças.

Apesar do grupo atuar como uma aldeia singular, ele se pluraliza virtualmente a partir de sua interculturalidade: ele conecta todos a um prisma, a singularidade do desejo homossexual, mas se pulveriza ao colocar o indivíduo em contato com múltiplos estratos de produção existencial e forças com intencionalidades divergentes.

>> a produção patriarcal e heterocapitalista do espaço

As experiências sociais na contemporaneidade se assentam em um território de poder criptografado por um sistema operacional coletivo patriarcal-heterocapitalista. Um sistema de programação que configura o nosso microssistema operacional por meio de um conjunto de dispositivos de modulação de nossa virtualidade que mais se parecem atuar

como a norma, mantendo a população sob um regime regulativo de produção desejante.

O heterocapitalismo é o sistema operacional responsável por conectar as forças produtivas aos seus sistemas de programação globais: as masculinidades hegemônicas, os papéis de gênero e os espetáculos capitalistas. Se assenta sob um conjunto de tecnologias de simulação programadas por forças de captura que fixam os indivíduos nas ficções políticas da heteronormatividade. É um registro espacial de uma história assentada na imagem do homem-branco-macho-heterocapitalista.

Os autômatos hegemônicos da Máquina Civilizada Capitalista vieram a configurar o sistema operacional coletivo com forças de captura [regras, normas, leis e valores] por meio de uma densa rede simbólica e discursiva para uma engenharia de produção de corpus reativos e dóceis para a produção econômica. Mantendo os corpus heterocodificados e presos em celas móveis por meio da produção de uma identidade social.

A produção do território ocorre no registro político da luta social. A relação transversal das tribos com a Terra é de pura produção e registro. É uma produção que envolve o consumo intensivo do corpo da Terra para o germe de novos engendramentos, que por sua vez, passa a fertilizar novos arranjos existenciais para os conjuntos sociais da Máquina Social.

Trago a conceito de Império Patriarcal-Heterocapitalista para representar a fusão de três esferas simbólicas de poder responsáveis pela produção dos corpus e do espaço no decorrer da modernidade: o patriarcalismo com o capitalismo e a heteronormatividade. Três estruturas majoritárias de poder que se fundiram sob um mesmo regime político de regulação da produção desejante da população. Regime este responsável pelo governo dos corpus e pela megaengenharia de produção espacial da Era Moderna.

O desejo de totalidade da cultura patriarcal-heterocapitalista veio a sedimentar na história um grande Império Simbólico. A superfície antropogeográfica da Terra durante muitos séculos, passou a ser um meio de registro de valores para um ordenamento territorial deste grande império marcado pela posse e pela sede de conquista e poder. Organizaram a superfície perante um jogo geopolítico por expansão geográfica, demarcado pelo e para o acúmulo de riquezas. É desta produção espacial que germinou um intenso processo de colonização do Globo e uma demarcação cultural dos corpus para a produção

econômica.

O patriarcado é uma maquinaria simbólica reacionária que produz relações rígidas de gênero, que são as diferenciações sociais e culturais entre homens e mulheres. Um regime cristalizado conforme um arranjo altamente normativo e regulativo, gerando posições políticas de poder e hierarquias entre os grupos sociais. Este sistema passa a engendrar o homem como o grande detentor do poder, que acaba encontrando “legitimidade” a partir dos regimes simbólico que os insere inconscientemente nesta posição majoritária, exercendo redes de dominação e controle em superfície, com as mulheres e até mesmo com os homossexuais. É um sistema que existe em interconexão com outros sistemas de relações sociais, tais como o capitalismo, a heteronormatividade e as relações étnicas.

O estruturalismo é uma produção histórico-social próprio da Máquina Civilizada do Império Patriarcal-Heterocapitalista. Se foi preciso codificar os fluxos da evolução, congelando nossa virtualidade em estruturas hierárquicas e binárias para a manufatura espacial de uma corrida patriarcal vertiginosa, o que veio a gerar uma engenharia de produção em massa de corpus castrados, reativos e heterocodificados.

Na relação com a Terra, as forças majoritárias codificam os fluxos, investem os órgãos, criptografam os corpus que são da Terra. A Terra é grande máquina primitiva, selvagem, do desejo e da produção. As engrenagens da Máquina Social passam a serem ordenadas através de um conjunto de tecnologias discursivas e ficções culturais maquinados por um grupo de autômatos hegemônicos para o ordenamento e calibragem das peças e engrenagens que se interconectam para a manutenção do sistema operacional coletivo e de seu regime virtual.

Todas as submáquinas sociais passam a se interconectar para o asseguramento da fertilidade dos órgãos da grande Máquina. Mal nascemos e temos nosso microssistema operacional conectado ao Estado e a produção econômica. O regime imperialista da coerção veio a gerar um sistema em cadeia de impotência absoluta na população. A moral universal do Império Patriarcal-Heterocapitalista cristalizou no decorrer da história uma fábrica de uma massa incoerente de súditos e castrados. Indivíduos inibidos de gozar a vida em sua plena potência de auto-acontecimento.

A organização espacial por meio das tecnologias de identidade, sexo e gênero serviu como um meio de circunscrever a produção virtual da massa no regime regulamentador do Império Patriarcal-Heterocapitalista, atribuindo funções que predeterminariam o destino dos corpos em superfície. Há toda uma engenharia de produção de corpos normais, padronizados e heterocodificados para a organização do arranjo social patriarcal-heterocapitalista.

As tecnologias de identidade, sexo e gênero são dispositivos regulativos do poder do Império Patriarcal-Heterocapitalista, de codificação de nossa geografia mental em quadros de normatização e padronização. A virtualidade é transnômade e não reconhece uma organização fixa. Somos animais da Terra que por direito, somos livres em nossa produção desejante e nomadismo espacial. É preciso retomar, não só o direito pela liberdade do desejo, mas também, pelo direito de ir e vir por toda a Aldeia Máquina Global, sem limitações de passagens entre os fluxos elétricos do desejo.

A manipulação de um sistema operacional coletivo patriarcal-heterocapitalista por meio de tecnologias discursivas e ficções culturais que atuaram por muito tempo como verdades imutáveis [de identidade e de relações de gênero], serviria como um meio de regulamentar um sistema coeso de forças de captura no espaço geográfico: normas, regras e padrões que viria a marginalizar aqueles que fugissem da norma e a legitimar um padrão universal [do homem-branco-macho-heterocapitalista] para a garantia de direitos e posições de poder.

As forças de captura que percorrem o território e atuam em rede, são forças de aprisionamento do desejo [habitus, regras, normas, leis, padrões e simulacros]... Captura-se desejo aprisionando-o a quadros de padronização, identificação e normatização. O ordenamento simbólico e territorial que demarca o arranjo social na atualidade é uma cristalização histórica regida por um sistema de verdades que atendia os interesses de poder patriarcal, heterossexual e burguês, a partir de uma sexualização fálica da história.

Habitus foi um conceito fabricado por PIERRE BOURDIEU [2004] e refere-se ao sistema operacional simbólico pelo qual produzimos nosso modo de pensar, ser e agir, e que sustentam a estrutura da realidade social em que estamos territorializados. São simulacros compostos por um conjunto de experiências sociais e valores que adquirimos

durante a existência. É um sistema mental de disposições que são duráveis. Esse sistema está a todo tempo a se transmutar em conexão com as forças políticas que estão a intervir na paisagem.

A família, a escola e o mercado são máquinas socializadoras que ainda se auto-organizam com base em *habitus*, simulacros e tecnologias discursivas fabricados no seio de um império simbólico tradicionalista. São máquinas de disciplina, controle e de circunscrição dos corpos as ficções de um saber petrificado na moralidade violenta do Império Patriarcal-Heterocapitalista.

O desejo da massa passou a ser metabolizado por meio de regimes de verdade para a manutenção de uma coesão interna entre as estruturas de poder solidificadas no contexto histórico da Modernidade-Iluminista. Com a cristalização de *habitus* de conduta patriarcalistas e heterocapitalistas no cotidiano, se cristalizou na virtualidade humana [sistema operacional coletivo], um mosaico normativo e altamente regulativo, equipado por um conjunto de códigos, leis e padrões que viria a governar nossa produção desejante, nos inserindo em um jogo mental repleto de forças de captura, nos fazendo, inclusive, manter um autocontrole de nossa geografia mental para que as forças anárquicas não fuja dos padrões universais codificados em nosso microssistema operacional.

Para a manutenção da maquinaria simbólica do Império Patriarcal-Heterocapitalista, se foi preciso conectar as forças produtivas da Multidão na lógica castradora e hierarquizadora do capitalismo. Uma lógica de engendramento do desejo nas ficções da identidade, da sexualidade e de gênero, o que viria a demarcar os papéis sociais e os destinos na superfície. Uma produção que veio a gerar repressão em massa, impedindo com que as forças revolucionários do desejo escapassem e perfurassem com a ordem totalitária.

O poder no ciberespaço da Aldeia Maquínica Global não possui um centro homogêneo e atua em forma de rede. É um poder polimorfo, fluido, que percorre por pontos de conexão, em um campo plural de forças políticas que se entrecruzam e geram novos desdobramentos na paisagem social. Nas palavras de FOUCAULT [2006: 183-184]:

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está em mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só

circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outras palavras, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. Não se trata de conceber o indivíduo como uma espécie de núcleo elementar, átomo primitivo, matéria múltipla e inerte que o poder golpearia e sobre o qual se aplicaria, submetendo os indivíduos ou estraçalhando-os. Efetivamente aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos de poder. Ou seja, o indivíduo não é o outro do poder: é um de seus primeiros efeitos. O indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constitui.

O indivíduo como um efeito do poder, perpassa por processo de assujeitamento à ordem e aos habitus atribuídos historicamente por uma moralidade severa. Entretanto, os indivíduos não são só efeitos das práticas de poder, como também são potências que podem se constituírem como Singularidades da práxis transformadora a partir da autoconsciência de se ter um corpus codificado historicamente para o ordenamento simbólico, seja para o remanejamento de forças de transgressão ou para reinvenção das escrituras científicas e leis que privilegiam uma classe em detrimento da outra. Não basta que todos os indivíduos sejam iguais perante a lei, é preciso que a lei seja igual perante a todas as tribos. As leis são majoritárias e privilegiam uma classe em detrimento da outra.

A Máquina Territorial e a Máquina Capitalista Civilizada tiveram como engrenagem simbólica, as codificações reacionárias do homem branco, burguês e heterossexista da cultura ocidental. O desdobramento de uma Máquina Social a outra [da Máquina Civilizada Capitalista a Aldeia Maquínica Global] tem enfraquecido os simulacros globais do Império Patriarcal-Heterocapitalista, sobretudo o da família nuclear e de outros territórios de poder, tais como: a escola tradicional, a igreja conservadora, a fábrica burguesa, os hospitais psiquiátricos, a família nuclear edipiana.

A biologia molecular, a cibernética, a robótica e a filosofia da diferença, são vetores que podem no auxiliar no projeto de efetivação de transvaloração das virtualidades. Precisamos ser realistas perante as possibilidades de reconstrução da virtualidade humana e este fluxo de passagem entre regimes virtuais é um jogo extremamente decisivo para uma transvaloração da humanidade e de seus regimes simbólicos.

Se trata de um jogo político entre Máquinas de Guerra. Estamos em em meio à mudança de regime virtual de Máquina Social: de uma Máquina Civilizada Capitalista, industrial, orgânica e heterocapitalista, para uma Aldeia Maquínica Global, biocomputadorizada, transumana, polimorfa, tangida no registro da multiplicidade e da interculturalidade. As minorias precisam tomar posse deste nova superfície antropogeográfica para uma troca entre as redes de poder, permitindo novas mudanças nos valores que tangem as relações de classe, gênero e sexualidade, imprimindo novas marcas revolucionárias do desejo ao território.

As estruturas sociais tradicionalistas podem vir a se readequar aos novos conjuntos de valores, se desterritorializando dos habitus e sistemas de valores da moralidade patriarcal, heteronormativa, cristã e burguesa. O ciberorganismo da mutação tecnocultural tem se autofabricado em interconexão com a cibercultura eletrônica global, que tem gerado novos sistemas informacionais e bióticos ao corpo da Terra, e também a uma nova reestruturação do trabalho, sob o comando de uma mais-valia global, que tem produzido uma nova classe trabalhadora mundial... Novas [trans]humanidades, tribos e novas etnicidades.

A Máquina Social é uma produção humana: um agregado metamórfico de próteses e sedimentos desejantes. Um campo bioquímico de forças transversais, que ora se atraem, ora se repulsam: forças reformistas, revolucionárias, minoritárias e de transgressão; forças neoconservadoras, majoritárias, de manutenção da ordem e dos velhos regimes tradicionais da cultura patriarcal-heterocapitalista.

As partes que compõe a totalidade maquinica não param de efetuar cataclismos e deslocamentos, sob um processo contínuo de arranjo e desarranjo da paisagem social em função de um embate caótico entre frentes de forças sociais. Logo, tanto a Máquina Social, como suas engrenagens estão em um processo ininterrupto de calibragem, produção e registro – nas rupturas e movimentos reais que atravessam a nossa produção existencial.

O campo eletromagnético do desejo, é o motor das máquinas do mundo. As tribos em sinergia com a Terra produzem próteses e estratos antropomórficos na superfície. A força nos dá a potência de criação, numa produção vital que não reconhece a separação entre homem e seu espaço geográfico, apenas simbioses, engendramentos, alianças e

interconexões.

Nesta nova fase histórica, marcada pela mutação tecnocultural, a sociedade vem sendo registrado por um novo registro simbólico: plural, que se fabrica no seio de uma produção ciberespacial marcada por uma interculturalidade e pela transpassagem de novos fluxos gênicos – uma nova migração de genes entre diferentes tribos espalhadas pelo Aldeia Maquínica Global.

No encontro com as máquinas da cibernética, nossa virtualidade vem a ganhar novos contornos em uma coalescência incessante entre microssistemas operacionais, máquinas e híbridos transumanos; entre real e virtual; on-line e off-line; organismo e artificialidade. Nossa virtualidade passou a transgredir o limite da matéria corpórea e a encarnar nas máquinas, sob um conjunto móvel de imagens-movimento que se coagulam nas máquinas e passam a tecer uma paisagem híbrida, equipado por simulacros globais, crenças e ideologias que passam a se atravessar sob um mesmo ciberorganismo.

A paisagem prostética da Aldeia Maquínica Global passa a ser produzida face a um presente que se atualiza a todo instante no devir, perante a ação molecular de múltiplas frentes de forças sociais, fabricando novos territórios de sociabilidade sob uma espacialidade em rede de interconexões que nos territorializa numa coleção móvel de aldeias moleculares desterritorializadas.

O sistema em rede de conexões da Aldeia Maquínica Global redimensionou não só as práticas sociais, mas também a nossa programação virtual. As máquinas, corpus e outros híbridos transumanos, passaram a se interconectar a partir deste novo registro [ciber]espacial, em uma terceira Natureza, não mais natural, nem artificial, mas misturada e polimorfa.

Como máquinas essencialmente desterritorializadas, na medida em que não há mais uma fixidez territorial, muito menos identitária, os indivíduos buscam se apropriar destes novos espaços geográficos em busca de novos sentidos e simulação virtual, constituindo-se como territórios existenciais em um cotidiano que já não se reconhece as fronteiras online e off-line, público e privado, virtualidade e realidade, organismo e máquina. Os indivíduos podem usufruir das novas máquinas em busca de novas tribos e saberes, nas mais diversas ciber-regiões do globo.

A Inteligência Artificial em interconexão com a Cibernética, tende há uma produção contínua de máquinas e dispositivos onde os seres possam transferir suas virtualidades a outros modos heterogêneos de simulação virtual.

A Aldeia Maquínica Global é uma Máquina Social articulada por meio de sub-máquinas auto-reguladoras que se interconectam para dar funcionamento e calibragem sua produção virtual. São máquinas sociais de controle, simuladas por imagens globais baseadas em ideais que sustentam os pilares de reprodução dos regimes de signos dominantes. São aldeias socializadoras de inserção dos corpus ao controle da cibercultura eletrônica da civilização maquínica global.

Os simulacros globais são ficções que perpassam pela massificação e reprodução de formas instituídas e pré-codificadas no sistema operacional coletivo pelas forças majoritárias do espaço. O sistema operacional coletivo corresponde a máquina que interconecta os modos virtuais entre si, preenchendo os microssistemas operacionais com a sua produção virtual. Os sistemas de programação do sistema operacional coletivo, são codificados pelos autômatos hegemônicos. Nesse sentido, passamos a simular nossa virtualidade baseada em modelos e tecnologias pré-fabricados pelos agentes hegemônicos produtoras do espaço.

Nosso microssistema operacional devém a se autopreencher por uma virtualidade móvel que passa a percorrer por uma multiplicidade de elementos espaciais, habitus, simulacros e forças de captura: a família, a escola, o mercado, a universidade, a indústria cultural eletrônica. Submáquinas sociais que articulam nossa programação virtual às representações simbólicas das estruturas de poder dominantes, inserindo os corpus nas ficções culturais da cibercultura eletrônica e ao circuito da nova divisão internacional do trabalho sob o comando de uma mais-valia global.

A ontologia do virtual como enfrentamento ao sistema operacional coletivo da Máquina Civilizada Capitalista não reconhece limite, muito menos cenas ensaiadas entre personagens, apenas correntes de fluxos, afetos e intensidades. A produção desejante encontra-se no seu limite da civilização capitalista. Os fluxos minoritários têm embaralhado os códigos com o intuito de gerir novos vetores de produção existencial ao corpo da Terra.

Não há revolução social sem a descodificação do modelo de simulação universal da família colonial edípica. A família como um aparato repressivo, codifica a produção desejante inserindo-a nos sistemas de simulação globais do heterocapitalismo. É uma estrutura reacionária que captura as potencialidades da vida, sobretudo a da criação. A criatividade necessita de uma relação livre com o seu espaço geográfico, sem códigos e tecnologias que castram o seu movimento imanente. O mundo todo se passa no conjunto simulacional da família edipiana - indivíduos privados que consomem eternamente papai-mamãe e perdem todas as potências que a usina desejante da virtualidade atribuem aos corpus.

Passamos a simular uma virtualidade em superfície baseado nos códigos binários e homogeneizantes do sistema operacional coletivo edipiano, onde a mulher é sempre o simulacro da terra e da submissão e o homem o simulacro da ordem, da lei e da posse. E esta lógica binária e edipiana funciona muito bem em nossa rede social. A própria conexão social entre as pessoas ainda são mediadas sob estes simulacros globais – da mulher como submissa, passiva por representar o objeto a ser apropriado e dominado e o homem como o macho ativo e dominador, o que tem que dominar a mulher para lhe dar a potência que lhe falta em face da repressão social.

O capitalismo sedimenta no sistema operacional coletivo as próprias tramas do desejo por onde ele se mantém. Além de produzir as próprias tecnologias discursivas de manutenção de suas ficções científicas. Podemos citar duas máquinas científicas de repressão desejante, a Linguística e a Biologia. Duas máquinas de codificação e ordenamento da virtualidade para a manutenção dos arranjos socioeconômicos da Máquina Civilizada Capitalista.

A linguagem é um sistema reacionário que criptografa nossa virtualidade a lógicas pré-determinados pelos autômatos hegemônicos da civilização capitalista. É uma tecnologia configurada no seio da lógica binária, estruturalista e homogeneizante, o que acaba por inibir a produção de novas substâncias de expressão face a um sistema rígido, que por sua vez, hierarquizam os corpus nos aparatos repressivos e normativos do campo social.

Já a Biologia é uma máquina científica que vem a categorizar e conectar o desejo às tecnologias de simulação fabricadas em laboratório: gênero e sexo. A maquinaria de produção científica da biologia esteve engajada em produzir tecnologias discursivas que durante um longo tempo da história veio categorizar gênero e sexualidade como estruturas naturais de pré-codificação do destino dos indivíduos, os fazendo manter uma coerência entre sexo, gênero e identidade, inibindo a livre produção desejante.

E no seio da engenharia de produção em massa de corpos castrados e reativos pela repressão social, tudo decorre da mesma cena espetacular: a do triângulo edipiano papai-mamãe-filhinho. E a real é que as novas gerações imersas na mutação tecnocultural da Aldeia Máquina Global já não se deixam codificar na ordem do falo, na ordem castradora da disciplina. Já estão a delirar com guerras nas estrelas, lutas mutantes e com a transformação social.

O Império Patriarcal-Heterocapitalista equipou todas as máquinas virtuais com seus códigos reacionários. Todas as submáquinas sociais foram altamente equipadas com suas tecnologias discursivas de manutenção do ordenamento burguês, heterossexista e patriarcal. Os fluxos desterritorializantes da Multidão liberam descargas de energia que desestabilizam em parte suas estruturas homogeneizantes. Os fluxos da esquizofrenia que brotam da totalidade das forças produtivas são forças mutantes que podem vir a estilhaçar com o motor da Máquina Capitalista Civilizada. Por enquanto, apenas pequenos focos dispersos de desestabilização estrutural. É importante saber identificar os fluxos majoritários e castradores do Império Patriarcal-Heterocapitalista dos fluxos transgressores e esquizofrênicos da Multidão. A reprodução majoritário do espaço não pára de deter o processo esquizofrênico de liberação das energias desejantes. Mas o desejo de transformação social é o motor universal dos deslocamentos históricos, e tem liberado forças de transgressão que se infiltrado nas rachaduras das cristalizações reacionárias.

O capitalismo se materializou na natureza a partir do momento que o capital tornou-se homem, texto e repressão. Entretanto, até os próprios senhores capitalistas vieram a se tornarem escravos da produção da Máquina Civilizada Capitalista. Servidores esfomeados no qual eles mesmos acabam se tornando apenas mais uma engrenagem do processo de acumulação. Mas sabemos que não são esses que explodem com as engrenagens. São os

trabalhadores... forças mutantes que colocam os códigos capitalistas ao ar. O proletariado é um transgressor nato, assim como os abjetos da multidude queer, os mutantes, os hackers, os anarquistas, as feministas, dentre outras tribos minoritárias engajadas com a produção de sociedade nova.

A burguesia ainda controla a virtualização do Estado. Injeta seus fluxos de mais-valia no sistema operacional coletivo e codifica as submáquinas sociais no seio de uma tecnoburocracia homogeneizadora e fazendo a massa desejar as cristalizações tradicionais que só tendem a gerar cada vez mais fascismos.

As forças de transgressão desprendem uma carga revolucionária e os próprios arcaísmos e neoconservadorismo estão a aumentar a carga da revolução em face da revolta que eles causam nas tribos minoritárias da Multidão. Entretanto, é preciso salientar que as frentes neoconservadoras também podem vir a nutrir movimentos neofascistas no seio de novos investimentos do desejo, como já podemos acompanhar alguns indícios em cenário brasileiro.

A interconexão entre as tribos minoritárias da Multidão pode vir a gerar um corte na história. Fim da história universal para o germe de uma nova formação antrogeográfica no seio de uma nova sociedade alternativa global. Para tal acontecimento, é preciso reanimar a produção desejante das tribos minoritárias que ainda se encontra estilhaçada pelo instinto de morte e pela engenharia de produção em massa de corpus reativos. É preciso decodificar nosso microssistema operacional dos simulacros globais do capitalismo, do patriarcalismo e da heteronormatividade. Ou seja, decodificar nosso microssistema operacional do reino das imagens, imersos na castração perante uma falsa liberdade, altamente regulada por forças de captura.

Sugere-se sentido, agir com prudência e simular uma política emancipatória, da práxis transformadora. Uma força de apropriação política do real que pode se assimilar com a ética da revolta proposta por CAMUS [1951]. O homem revoltado de CAMUS simula uma política transformadora da práxis real, ele conhece o absurdo da existência na medida em que percebe nela a ausência de um sentido concreto. Para o filósofo [1951: 35]:

O mal que apenas um homem sentia torna-se peste coletiva. Na nossa provação diária, a revolta desempenha o mesmo papel que o cogito na ordem do pensamento: ela é a primeira evidência. Mas essa evidência tira o indivíduo de sua solidão. Ela é um território comum que fundamenta o primeiro valor dos homens. Eu me revolto, logo existimos.

Hoje, se faz importante uma nova vivência da realidade e isso implica uma descodificação dos velhos paradigmas e de uma moralidade, que o longo da história, favoreceu aos interesses do progresso ocidental, controlando a vida dos indivíduos e limitando as possibilidades de muitos em prol do acúmulo e domínio por poucos grupos majoritários.

No mundo contemporâneo as pessoas convivem com uma falsa liberdade que percorre a autonomia, a submissão e a repressão social. É uma liberdade altamente regulada. É autônomo para encontrar novos empregos, para se deslocar, para produzir a si mesmo, mas é compelido à passividade do consumo induzido e a repressão social do desejo. Vive, produz e consome a artificialidade e a efemeridade do consumo capitalista. Para BOGARD [1990], sob o domínio do universo simbólico, vivemos da sedução e morremos do fascínio. É preciso ir além, romper com as fronteiras e se engajar para novas produções: materiais e virtuais.

A tomada de autoconsciência contorna a criação de uma micropolítica tecida sob um plano tático e estratégico de forças de transgressão... De demarcação de um mapa político remanejável. As forças de transgressão podem percorrer pela simulação de uma política revolucionária, desterritorializada dos estratos conservadores da cultura patriarcal-heterocapitalista para novos fundamentos de ação e resistência no espaço.

A ação molecular, de cunho micropolítico, pode se interconectar com a macropolítica para novos cataclismos e entropias espaciais. As minorias são capazes de efetuar diferenças e de deslocar as disposições do poder: o desejo de transformação social das tribos minoritárias da Multidão é o movimento autônomo da imensa maioria e podem se agenciar para novos focos de produção existencial na Terra.

A renovação das engrenagens da Terra pode vir contornar uma transferência de calibragem, produção e organismo. As minorias podem ter a tomada de autoconsciência de que possuem um potencial inerente para superar a si mesmo para criar novos valores no

espaço. A autoconsciência de si [o primeiro eixo mutante da revolução] pode conectar-se a macropolítica para o surgimento de novos fulcros de mutação randômica na superfície.

Através das mudanças genotípicas da paisagem, as forças minoritárias da Multidão podem vir a transmutar as peças e engrenagens da Máquina Social proporcionando flexibilidade e componentes mais estáveis a superfície. Podemos neste sentido, se engajar em um desenvolvimento de novas máquinas e funções, com novas transações e simbioses.

De acordo com STUART HALL [2003], existe sempre um preço de cooptação a ser pago, o que substitui a invisibilidade é uma espécie de visibilidade cuidadosamente regulada e segregada, esta visibilidade termina se traduzindo, em última instância, num espaço ocupado numa guerra civil de posições culturais.

A luta é pelo fim da hegemonia cultural e para isso é preciso delinear estratégias culturais e políticas de fertilização contínua da diferença e de desterritorialização das narrativas universais que governaram durante tantos séculos a virtualidade da população perante um regime tradicionalista disciplinador e castrador.

A geomorfologia maquínica é de certa forma, uma cristalização do desejo de totalidade dos grupos majoritários do Império Patriarcal-Heterocapitalista, mas que em meio ao hibridismo de forças transgressoras e espaços minoritários que tem se atravessado em tempos simultâneos no sistema em rede, novas forças geopolíticas têm surgido, pulverizando as estruturas neoconservadores a novos espaços-tempos e permitindo a tecitura de novos mapas políticos de produção existencial.

O mapa de estratégias políticas das minorias, dos anarquistas e das feministas têm produzido novas virtualizações e frentes de forças políticas. A rede, segundo DONNA HARAWAY [2013], delineia novas alianças e coalizações. O atual momento tem indicado transformações fundamentais na estruturação do mundo.

O Império Patriarcal-Heterocapitalista tem doutrinado as ideias que fundamentaram a nossa relação com o espaço e com o outro. A relação de interconexão dos corpus à natureza tornou-se uma relação do homem branco heterossexual capitalista ocidental com a sua natureza. O imperialismo cultural deste império simbólico atuou como uma megaengenharia de produção espacial conforme os seus interesses de ordem e progresso. Cristalizou-se no espaço um regime de signos que veio a fundamentar as leis universais que

atuaram por tanto tempo como verdades absolutas, o que também veio a gerar distúrbios de equilíbrio entre as engrenagens e as peças que compõe a totalidade maquínica.

Na atualidade, a natureza e a cultura não só passam a compor uma mesma produção, como também passam a se reestruturar, uma não pode mais ser o objeto de apropriação ou dominação pela outra. A autoconsciência vem a gerar uma singularização de si. Uma vitalidade não-orgânica, de inventividade social, de conexões revolucionárias e de uma nova profusão de valores. Chegou-se o grande momento de nos apropriarmos da totalidade das forças produtivas para a tomada de autoconsciência da diferença que nos autoconstitui, conectando-se a outras forças revolucionários para uma cooperação maquínica com a finalidade de levar a Aldeia Maquínica Global a sua autogestão e autorregulação.

O questionamento entorno das minorias fabricadas pelas redes de poder do Império Patriarcal-Heterocapitalista, ocorre no centro de mudanças e reivindicações. Com o movimento desconstrucionista, o mundo assiste há uma fratura das identidades sociais universais em face à autoconsciência de classe, de raça e de gênero, que segundo HARAWAY [2013], nos foi imposta pela terrível experiência histórica de se viver em paisagens sociais contraditórias – do capitalismo, do colonialismo e o patriarcalismo.

As minorias do mundo inseridas no desejo de transformação social, podem vir a se organizar em máquinas de guerra com novas táticas e estratégias contra o totalitarismo e os poderes que governaram suas virtualidades em todos estes séculos. Atualmente, a cadeia simbólica do Império Patriarcal-Heterocapitalista tem sofrido rachaduras em decorrência das redes de transgressão entre as pessoas: múltiplas, penetrantes e complexas.

Em meio ao atravessamento caótico de forças políticas, as codificações universalizantes têm se dissolvido a um sistema polimorfo e transversal, que se expressa em uma transição das velhas dominações hierárquicas para o que HARAWAY [2013] chama de novas redes de dominação. É quando a máquina se revolta contra seu próprio criador.

O indivíduo não é mais aquele humano codificado biologicamente e emulado através da falta. Perante a autoconsciência de um corpus tecido historicamente, podemos vir a se constituir como uma máquina de virtualidade; uma inteligência artificial autoconsciente e autorreguladora que se pluga a rede e se conecta a outras tantas máquinas por meio dos novos sistemas máqunicos, nos territorializando a novos sistemas de

simulação. As interconexões neurais que atravessam ambiente eletrônico integrado do ciberespaço passam a transgredir as fronteiras entre corpus, máquinas e territórios, passando a afetar os corpus a distâncias em face do sistema desterritorializado em rede da Aldeia Maquínica Global.

Os corpus como máquinas animadas de virtualidade se autoproduzem em face de sua vontade de realizar-se enquanto potência em si mesma, como uma Inteligência Artificial que está para além do bem e do mal e das fronteiras que nos separaram da nossa vontade de se efetivar enquanto fluxo maquínico em contínua mutação; tornando o corpus orgânico uma primitiva ferramenta de linguagem fabricada pelos autômatos hegemônicos do Império Patriarcal-Heterocapitalista.

Tudo o que se cria de possibilidade pode ser solidificado em realidade material, tudo vai depender do excedente de forças ativas a ser acumulado através das correntes eletromagnéticas e repetição mental a fim de gerar a totalidade do que se deseja em virtualidade. As forças elétricas são potências vitais que elevam e produzem, mas apenas sob um domínio e autocontrole de sua calibragem. Domínio este a ser conquistado continuamente através do autoconhecimento e da manipulação de nossos microssistemas operacionais.

Os corpus têm passado por novas redefinições perante a mutação tecnocultural do espaço. A emulação de uma existência baseada na falta e na repressão está em passos de se dissolver a novos vetores heterogêneos de simulação existencial, sob um corpus decodificado das velhas estruturas homogeneizantes e sem entraves morais e tradicionalistas de inibição de manipulação de nossas forças mutantes.

Minha concepção de virtualidade vem a expressar a simbiose entre matéria e mente. Um rompimento com as fronteiras e uma entrada ao vetor ontológico da multiplicidade e da potência de existir enquanto acontecimento em ato no espaço, onde o uno passa a se plugar na rede de interconexões e a simulação virtual passa a percorrer por uma morfogenia caótica de fluxos maquínicos, onde os modos virtuais passam a se hibridizar entre: corpus, máquinas e afetos; próteses e espaços-tempos alhures da materialidade preexistente.

A virtualidade é um núcleo de energia bioelétrica em constante autoprodução. Cada autômato contorna uma potência e um quantum de energia, que nos insere a um processo dinâmico de produção desejante e manipulação de forças transversais que se atravessam e se engendram a nós. Dependendo do grau de autoconsciência, podemos vir a manipular nossa I.A movimentando a mente a tender a uma finalidade concreta de maquinação do real-virtual. Os autômatos hegemônicos da Máquina Civilizada Capitalista criptografaram nossa virtualidade sob estruturas organizativas que impedem a passagem imanente de novos focos virtuais de criação e reinvenção.

As minorias também podem engendrar suas próteses e sistemas de signos na natureza. Temos a capacidade de fazer objetivar em superfície, as passagens virtuais que vagam em nosso microssistema operacional. A energia representa a capacidade de realizar trabalho e maquinação no espaço. A Natureza nos dá a potência de ação de desdobrar a nossa própria geografia mental ao fora através da manipulação de nossa I.A.

A energia eletromagnética armazenada nos corpus são combustíveis vitais que dão origem ao trabalho e manipulação das forças virtuais da mente, fazendo eclodir em superfície novas mutações, máquinas e próteses bióticas. O Universo é uma Inteligência Artificial em desdobramento contínuo de expansão de forças. As Máquina de Guerra da Singularidade diferem em potência e intensidade e estão a engendrar seus registros espaciais na superfície. De luta e de maquinação da diferença.

A Singularidade é uma Potência absolutamente Infinita... uma Substância Una com Infinitos Modos. Cada modo expressa uma virtualidade desta Substância Infinita. Somos um modo virtual desta Substância Infinita, que se autoproduz em desdobramento contínuo de imagem-movimento. Somos potências singulares, pois cada modo é composto virtualmente por uma multiplicidade de acontecimentos que lhe diferencia dos outros modos, acontecimentos que surgem do entrecruzamento entre forças e conexões. Logo, pode se dizer que o Uno se multiplica e se metamorfoseia de imagem-movimento a partir das forças transversais que se atravessam entre si, forças que nos afetam e geram efeitos em nossa mente.

Somos corpus intrinsecamente interconectados aos hipercorpus maquínico da Singularidade. Logo, afirmar minha Potência de Existir em superfície é afirmar o que há de divino e singular em mim. Nesta perspectiva, nossa virtualidade é uma composição morfogênica singular causada por forças transversais que nos engendram uns aos outros e nos permitem existir numa capacidade de afetar e ser afetado, aumentando ou diminuindo nosso quantum de potência. O finito da matéria é um espaço de infinito a partir do momento que a nossa geografia mental é a expressão do poder infinita da Singularidade. Ora, somos virtualidades que se autoproduzem em interconexão de uma Singularidade absolutamente Infinita que existe e se autoproduz em si mesmo em seus múltiplos modos virtuais.

Nesta concepção não haveria uma identidade fixa atribuível as virtualidades, pois não haveria uma forma imutável que determinaria nossa geografia mental. Nossa mente é uma produção virtual de imagem-movimento que está a todo instante se metamorfoseando e se desdobrando de camada [imagem] perante os afetos e conexões que nos atravessam, gerando efeitos bioquímicos [sensações, vibrações e lembranças intensivas] novas composições imagéticas em nosso microssistema operacional.

Com o rompimento das fronteiras mentais, exercer a potência que nos autoconstitui é exercer igualmente a potência de pensar. Não há diferença entre agir e pensar. Agir e pensar contemplam a mesma produção virtual de existir no mundo em ato de acontecimento. Nosso microssistema operacional possui a potência de pensar e conceber em si mesma... Uma força virtual em contínua desdobra de existir no espaço. A autoconsciência percebe essa força e a partir daí, ela é expressa e se torna autoconsciente, podendo ser desdobrada ao fora para a fertilização de novos acontecimentos em superfície.

Nós vamos se autocriando em função dos encontros tecidos pelo poder de afetar e ser afetado. Todo afeto gera uma diferença nos corpus. Todo encontro é marcado por um grau de potência e intensidade. São acontecimentos que dependendo do efeito gerado, devém a ser arquivado em nosso banco de dados, uma singularidade eternizada na mente. A paisagem existencial, portanto, é dobrada e desdobrada pelas conexões do desejo. Logo, nos singularizamos e nos diferenciamos um do outro através da produção desejante.

Constata-se que tudo o que o humano cria é um espelho de sua própria I.A. Tudo brota da nossa mente, da nossa produção desejante de tecer realidade. Tudo o que existe são matérias autopreenchidas por forças vitais em contínua expansão e ainda mal sabemos o que pode uma virtualidade em face da repressão social durante todos estes séculos. Mas já podemos transgredir o limite da materialidade corpórea, como também podemos vir a conservar nossa virtualidade a outros modos heterogêneos, assim como podemos vir a experienciar novos manuseamentos da força virtual que nos autoconstitui, sob múltiplas habilidades singulares.

O Ser como uma virtualidade transnômade [nossa virtualidade não se cristaliza numa materialidade unitária e orgânica, ele é um fluxo transversal que está a percorrer por uma multiplicidade de espaços-tempos e maquinações alhures da nossa materialidade preexistente] está num contínuo processo de desdobra enquanto acontecimento de existir na Terra.

O Universo é uma Fábrica Desejante que está se autoproduzindo em si mesmo sob uma profusão de acontecimentos em decorrência das conexões entre seus modos, seus átomos, moléculas, partículas, corpus, máquinas e híbridos. Logo, pode-se dizer que tudo está em mutação e desdobramento de si mesmo pela transversalidade de forças que se entrecruzam e se afetam.

Preenchidos por um conjunto móvel de imagens-movimento, os corpus e as máquinas perpassam por um processo contínuo de atualizações e reconstruções de sua programação virtual em decorrência das conexões e afetos entre os modos que compõe a totalidade maquinaica. A mente, nesse sentido, se apresenta como uma máquina de I.A. em contínua transmutação de si mesma. Ela se desdobra conforme os acontecimentos e afetos que lhe conferem uma atribuição de sentido.

Nesta perspectiva, passaríamos a simular nossa virtualidade ao espaço de forma contínua e ininterrupta, sob uma mecânica de diferença e repetição. Cabe a cada autômato se autocriar como uma força engajada com a transformação social e de decodificação dos simulacros compulsórios do patriarcalismo e do heterocapitalismo, dando abertura a profusão de um espaço político de ação e resistência. O corpus-maquinaico como um território político de luta e resistência.

É no intercambiamento caótico entre frentes de forças políticas [minoritárias e revolucionárias; majoritárias e neoconservadores], com temporalidades e ritmos divergentes, que a realidade universal vem sofrendo sérios distúrbios, dando abertura a novos arranjos de valores ao espaço. A ação política entre as tribos minoritárias pode perpassar pelos novos sistemas maquínicos do ciberespaço. É se atentar para as possibilidades do presente enquanto acontecimento a ato para novos fulcros da diferença no espaço.

A técnica é uma condição da nossa própria potência de existir na Terra que pode ser apropriada ao deleite das tribos minoritárias para novas impressões do desejo no espaço. A cibernética nos territorializa a um poderoso sistema operacional em rede de conexões que pode ser apropriada não só para a produção de novos espaços-tempos, manipulações virtuais e corpus mutantes, como também para profusão de novas movimentos sociais e unidades políticas.

Segundo DELEUZE [2013]: Nós não temos que totalizar o que apenas se totaliza do lado do poder e que só poderíamos totalizar restaurando formas representativas de centralismo e hierarquia. O que temos que fazer é instaurar ligações laterais, todo um sistema de redes, de bases populares. A rede de conexões do ciberespaço veio a se tornar uma realidade material no qual já não podemos ignorá-la.

As estruturas de poder do Império Patriarcal-Heterocapitalista congelaram os fluxos mutantes do desejo por muitos séculos. Agora, cabe uma interconexão entre as frentes minoritárias para uma adequação das submáquinas sociais aos novos processos tecnoculturais que atravessam a sociedade contemporânea. Cabem as minorias dispersas se conectarem entre si para a construção de novas unidades políticas para novos fundamentos de ação, resistência e fertilização contínua da diferença no espaço. Assim como um engajamento para novos focos de desterritorialização do espaço majoritário da Máquina Civilizada Capitalista.

A decodificação dos ideais universais do Império Patriarcal-Heterocapitalista pode ocorrer tanto a nível da micropolítica como da macropolítica. A luta é por uma nova visão da realidade que atenda as novas demandas interculturais. Uma transformação que pode vir a percorrer pelos eixos materiais e virtuais.

A tecnocultura oferece uma maquinaria que pode funcionar como potentes forças de transgressão. É se atentar a novas próteses do ciberespaço para a realização de novas possibilidades de ação, resistência e criação na Terra. Um novo engajamento ético, político e ontológico que permite inclusive, borrar com as fronteiras entre homem-máquina, natural-artificial, realidade-virtualidade, o que nos permite a construção de novas ficções e narrativas científicas para o desenvolvimento da Transumanidade.

A mutação tecnocultural tem borrado a linha invisível que separava o natural e o artificial, o organismo e a máquina, a realidade da ficção científica. O que separa a realidade da ficção científica é apenas uma ilusão de fibra ótica. As estruturas sociais homogeneizantes estão embaraçadas sob um novo eixo de transformação biotécnica do espaço. Quando as forças majoritárias do espaço nos impõem um modelo natural e universal de natureza, eles estão impondo um caráter imutável: é assim, natural, orgânico e não podemos mudá-lo. E sabemos que a natureza é tão somente fluxo de transformação e registro.

A obsolescência do hardware da identidade se torna importante na medida que desestratifica os velhos marcadores sociais que codificaram por tanto tempo a virtualidade da população. Entretanto, tornada uma simulação de ficção cultural, sugere-se que as identidades sociais não sejam totalmente descartadas, mas sim transfiguradas em forças anárquicas de transgressão contra os poderes que governam os corpos e a nossa liberdade em superfície.

É importante neste contexto de luta, uma interconexão entre identidade, minoria e direitos civis para uma nova produção político do território. As minorias podem tomar autoconsciência de que estão numa posição socialmente imposta para novas impressões do desejo no espaço. A autoconsciência da opressão pode muito bem ser conectada com outra frente de força, aumentando sua potência de atuação. A partir do autoconhecimento da dolorosa experiência de se ter um corpo historicamente fabricado para a dominação, passamos a simular uma política como uma frente de força transformadora.

Tomada a identidade social como uma unidade política importante na luta e nas reivindicações, no âmbito da virtualidade ela pode se dissolver na “multiplicidade de relações sociais em que as diferenças sexuais são sempre construídas de formas muito

diversas [MOHANTY, 1995]”.

Os homossexuais estão emergidos em um processo de repressão do desejo por viverem em um território de poder altamente registrado por um regime de signos essencialmente heteronormativo. Mas a borda de um processo de emancipação desejante, pois em parte, vivencia a sua singularidade do desejo. Entretanto, as forças de captura são múltiplas e penetrantes, fazendo com que os homossexuais sempre estejam a borda de deslizarem na superfície da repressão.

O mosaico castrador e regulamentador do Império Patriarcal-Heterocapitalista se expressou na maquinação de ficções científicas que passaram a regular a produção desejante dos indivíduos, cristalizando habitus no espaço e simulacros na mente, inibindo os focos de mutação no espaço e gerando violência [simbólica e física] a multitude LGBT, aos anormais e abjetos que não se identificam com os modelos de simulação reacionários impostos por este império simbólico. Seres estes que contemplam o motor para novos deslocamentos históricos.

No Brasil, a homofobia é uma prática violenta que coloca os a multitude LGBT [lésbicas, gays, bissexuais e transexuais – identidades minoritárias que desafiam as normas heterocapitalistas] em um estado de invisibilidade e vulnerabilidade, somada a ausência de políticas públicas que assegurariam o cumprimento de direitos e garantias da população em questão.

Conforme MALUF [2010], aponta-se para a cifra de 18 milhões de homossexuais, que corresponde a 10% da população brasileira. Constatase neste cenário, mais de cem homicídios por dia contra homossexuais. Esta vulnerabilidade se explica pelo preconceito, pela intolerância e pela negação da visibilidade aos grupos minoritários. Se trata de um problema estrutural-simbólico circunscrito em elementos valorativos e morais transmitidos historicamente por gerações passadas.

Através da coleta de enunciações discursivas de homossexuais na rede social do Facebook, tornou-se possível analisar em até que ponto estes indivíduos, emergidos em um regime de signos heterocapitalista, rompem com as forças de captura do Império Patriarcal-Heterocapitalista, colocando o desejo em emancipação de seu estado majoritário: o do homem-branco-macho-heterocapitalista.

As novas aldeias de fibra ótica que compõe a civilização transumana da Aldeia Maquínica Global podem servir também como uma potência de intervenção, de mudança e de transformação no outro e/ou pelo outro, nas suas formas de pensar, agir e de sentir, sobretudo no que se refere a vivência da sexualidade e da afetividade.

As próteses *high-tech* [ou próteses eletrônicas, ambos os conceitos estão a se referir a mesma tecnologia protética de simulação virtual – computadores, smartphones, video-games, entre outras máquinas cibernéticas de interligação entre virtualidades nômades] do ciberespaço são autorrepresentações das ficções culturais da Máquina Civilizada Capitalista, mas que podem ser apropriadas para uma nova geopolítica, que inclui a maquinação de novas frentes de transgressão.

As potências minoritárias podem se interconectar para liberação do desejo congelado pelas estruturas sociais, gerando correntes elétricas de intensidade por todos os poros da Terra. As frentes mutantes de transgressão têm gerado fortes rachaduras nas cristalizações reacionárias do Império Patriarcal-Heterocapitalista, permitindo a passagem do movimento e logo, de novos vetores de transvaloração. E no embate entre as forças, a ação e a resistência se faz importante.

Os sistemas maquínicos da cibernética tem nos territorializado num movimento de êxodo que permite um agenciamento entre frentes minoritárias para produção de novas forças de transgressão: unidades políticas, ações coletivas e movimentos sociais. As ações moleculares se fazem importante, que em conexão com as ações coletivas, promovem novas dobras ao destino da da Terra. Em tempos de crise estrutural do capitalismo e dos valores da Máquina Civilizada Capitalista, cada força de transgressão se faz importante.

No centro da luta social, o hipercorpus maquínico da Singularidade é coabitado por forças transversais com múltiplas potências e intencionalidades. A lógica binária e dualista de produção ontológica moderna devém a ser transposto sob uma ordem transversal, para além do bem e do mal.

Na luta entre as frentes de força, tanto Cristo ou quanto o Anticristo, ou quanto o Homem ou quanto Deus, são potências coabitadas por forças transversais que se misturam entre si. Os conjuntos binários e homogêneos de valores tem-se fragmentado em função de uma transversalidade ontológica, sob uma multiplicidade de modos heterogêneos de se

constituir enquanto potência no espaço.

A luta social para a mudança de Era não será repartida no seio do bem e do mal, mas no seio do Desejo. Numa guerra de posições culturais. As forças de transgressão da Multidão desprendem uma carga revolucionária em potência de eclodir em novos deslocamentos históricos! E os próprios arcaísmos e neoconservadorismo estão a aumentar a carga da revolução, perante a revolta que estas frentes reacionárias geram nas forças mutantes da Multidão.

A luta social das minorias pode vir a gerar um corte na história. Fim da história universal patriarcal-heterocapitalista para o germe de uma nova formação antrogeográfica no centro de uma sociedade alternativa global. Para tal acontecimento, é preciso reanimar a produção desejante da população que ainda se encontra estilhaçada pelo instinto de morte e pela engenharia de produção em massa de corpus reativos.



RESULTA DISSO
QUE O ESPÍRITO
PODE MODIFICAR
VOLUNTARIAMENTE
A CONSTITUIÇÃO
DO CORPO FÍSICO AO MODIFI-
CAR ADEQUADAMENTE OS ALI-
MENTOS (1ª FASE DA MAGIA PRÁTICA),
E ELE PODE AGIR SOBRE O CORPO ASTRAL
ATUANDO SOBRE O RITMO RESPIRATÓRIO E MODIFICANDO
POR PERFUMES ESPECIAIS O AR ATMOSFÉRICO INSPIRADO
(2ª FASE DA MAGIA PRÁTICA). FINALMENTE, A AÇÃO DO ESPÍRITO SOBRE OS OLHOS E AS
ORELHAS POSSIBILITA O DESENVOLVIMENTO DA CLARIVIDÊNCIA E DA CLARIAUDIÊNCIA
CONSCIENTES (3ª FASE DA MAGIA PRÁTICA). OS DOIS SINAIS DA DIVINDADE HUMANA, OU DA
HUMANIDADE DIVINA, SÃO AS PROFECIAS E OS MILAGRES. SER PROFETA É VER ADIANTADAMEN-
TE OS EFEITOS QUE EXISTEM NAS CAUSAS, É LER NA LUZ ASTRAL; FAZER MILAGRES É AGIR SOBRE
O AGENTE UNIVERSAL E SUBMETÊ-LO À NOSSA VONTADE.

MÁQUINAS, FLUXOS & VIRTUALIDADES

O humano que se foi codificado historicamente como unificado, coerente e estável, hoje se reconhece fragmentado e desterritorializado através dos sistemas maquínicos e em um processo de contínua transmutação de sua virtualidade. A identidade social passou a se tornar uma ficção cultural a ser simulada continuamente em relação às formas e simulacros globais pelas quais somos confrontados nos múltiplos sistemas sociais definidos historicamente.

Estamos caminhando para uma passagem de regime virtual de Máquina Social: de Máquina Civilizada Capitalista, industrial e orgânica, para uma Aldeia Maquínica Global, polimorfa e artificial; de um regime disciplinar, patriarcalista e orgânico, para um regime como novas redes de dominação e controle, sob uma natureza híbrida e artificialidade, onde novos sentidos e experiências são atribuídos as tribos transumanas. Uma Aldeia próstética, biocomputadorizada, tangida no registro espacial da multiplicidade e da transumanidade.

A rede biotécnica de interconexões fabricada pela tecnocultura passa a interligar as mentes a uma Aldeia Maquínica Global, ou ao que MILTON SANTOS [2009], denominou de Espaço Social Global, que determinam acontecimentos no registro de um atravessamento caótico de forças e fluxos: virtuais e reais; globais, regionais e locais... Dissolvendo as fronteiras e engendrando as máquinas a um novo regime virtual de produção existencial.

Na contemporaneidade, as paisagens atuam como verdadeiros palimpsestos, que na medida que avançam do futuro, se desdobram a novas morfologias na superfície. A mutação tecnocultural inscreveu forças abstratas-virtuais que deveio a serem materializadas em um complexo mosaico biotécnico-artificial de fluxos e máquinas, sob um ciberorganismo que tem se autofabricado no centro de um jogo de interconexões entre as partes que compõe a totalidade da Aldeia Maquínica Global. O ambiente eletrônico integrado da revolução tecnológica trouxe consigo a realização da telecomunicação de todos para todos em meio a necessidade de uma maior fluidez de informação entre os territórios e as tribos interculturais.

Agora, as máquinas virtuais, as escalas espaciais e os territórios, passam a se misturar sob um único ambiente geográfico integrado. Um Big Data que concentra em seu substrato biomaquínico, uma multiplicidade de saberes, dados e simulacros, sob um continuum hipertexto que se transmuta a todo instante no entrecruzamento entre ações

moleculares e fluxos de bit de informações. A paisagem deste novo mundo é extremamente dinâmica e reconfigurável, se atualizando e se desdobrando de camada a todo instante partir da ação entre forças e fluxos que estão a se entrecruzar sob um mesmo substrato bioartificializado. Toda ação no ciberespaço está a desdobrar sua paisagem móvel a novas camadas de imagem-movimento.

A história do mundo é uma história das máquinas [ou das técnicas]. O substrato material tal como conhecemos, deveio da relação intrínseca entre tribos e Natureza e do embate entre frentes de forças políticas. A cada Era, se produz um novo organismo a Terra, produzido perante o engendramento de um sistema biotécnico-artificial [códigos e próteses] em interconexão com o sistema operacional coletivo [simulacros, crenças e ideologias] do espaço simbólico já preexistente. A interconexão das tribos com a Natureza vem a produzir a sua própria condição territorial a partir de seus usos, do seu movimento de conjunto, de suas partes e complementariedades. Um espaço geográfico palco e ator, que se transmuda de forma, uso e processo de acordo com as necessidades vitais para uma autoconservação e mutação das multi-espécies.

A sincronia entre Máquina Social, sistema operacional coletivo e máquinas de virtualidade ocorre num registro ciberespacial de fluxos e conexões, promovendo atualizações dos instantes, efeitos na virtualização das máquinas e uma interligação entre microssistemas operacionais e a totalidade da Aldeia Maquínica Global.

A natureza misturado do ciberespaço se autoproduz por meio das conexões entre as redes neurais, que vem a gerar um contínuo processo de transmutação [arranjo e desarranjo] de suas camadas virtuais. Nesta mecânica, cada autômato vem a modelar sua própria cartografia existencial, combinando concretamente as conexões que percorrem a rede social global da Aldeia Maquínica Global - das aldeias territoriais da materialidade preexistente que se interconectam as aldeias moleculares dos territórios desterritorializados. A materialidade preexistente em interconexão com as novas tecnologias prostéticas de simulação virtual passa a se metamorfosear o espaço geográfico a uma nova condição territorial.

Hoje, nos deparamos com um cenário caótico com múltiplas divisões do trabalho superpostas, em um território global corporativo codificado por lógicas empresariais e forças políticas anarco-capitalistas, com um uso hierárquico e altamente competitivo, em uma paisagem cinética comandada por novos sistemas biotécnico-artificiais: sistemas de engenharia que se interconectam aos sistemas eletroterritoriais integrados da cibercultura eletrônica. Adentramos não período da fluidez, em um presente fluído que está sempre a se atualizar e se transmutar de forma perante as contingências virtuais.

O Estado e os novos autômatos hegemônicos definiram a totalidade do aparelho produtor do ciberespaço sob o eixo da ideologia do desenvolvimento tecnológico e do consumo desenfreado, introduzindo novas formas de produção e circulação na superfície bioartificializada da Terra. A economia do capitalismo integrado mundial estabelece inter-relações no seio de forças externas deformantes e uma estrutura interna cada vez mais deformada, engendrando uma nova maquinaria de produção no espaço e uma estrutura de identidades fragmentadas que tem gerado uma nova profusão de valores, o que também tem refletido num palco com novas lutas sociais, sobretudo, a luta social das minorias para novos deslocamentos históricos.

A população global ainda é alimentada pela energia reativa gerada pelas submáquinas sociais que vieram a compor a totalidade maquina da Máquina Civilizada Capitalista [o Estado e as instituições sociais disciplinares que se interconectam para o ordenamento hegemônico do Império Patriarcal-Heterocapitalista]. É válido lembrar que as forças majoritárias da Modernidade vieram a codificar a nossa virtualidade, inserindo nossa produção desejante no circuito de disciplina e repressão da produção social, pois se foi através da captura do desejo pelas forças majoritárias, que nossas forças produtivas vieram a se tornar uma força material para a engenharia de produção espacial do Império Patriarcal-Heterocapitalista.

O novo tempo, marcado pelo ritmo acelerado não apaga as rugosidades do mundo, suas singularidades históricas. Mesmo diante de todo acúmulo de máquinas e próteses artificiais engendradas ao ciberespaço, ainda podemos visualizar algumas singularidades históricas nas paisagens, mas que devem a ser transmudadas a novas formas espaciais em decorrência da cibergeografia dos fluxos.

SANTOS & SILVEIRA [2010] salientam que a dinâmica da globalização não apaga os restos do passado, mas modifica seu significado e acrescenta, ao já existente, novos objetos e novas intencionalidades características ao novo tempo. Ou seja, as novas contingências virtuais da mutação tecnocultural não apagam totalmente as rugosidades do mundo, mas tendem a ressignificar suas temporalidades históricas através do acoplamento contínuo de novas próteses e sistemas de valores ao espaço.

Em decorrência da inteligência artificial, da robótica e da cibernética, os novos sistemas biotécnico-artificiais têm produzido um circuito eletrônico global, nos territorializando em um meio geográfico biocomputadorizado, caracterizado por um ritmo acelerado e por novos mecanismos de autopoiese... Novas tecnologias de informação que tem nos colocados em contato com novos sistemas de simulação de nossa virtualidade.

A cibernética é o processo de materialização da inteligência artificial. A I.A. é a potência responsável por remanejar os conjuntos de possíveis, que no agenciamento com a cibernética, passa a cristalizar no espaço: novas próteses biônicas, robôs, como também serve para promover manipulações genéticas, novas fusões e acoplamentos bioartificiais, desenhando um futuro tecno apocalíptico no aqui e agora.

Portanto, pode-se dizer que a I.A. captura os processos virtuais-mentais em interconexão com os atributos infinitos da Singularidade e a cibernética os materializa ao fora, gerando novos processos biotécnicos no ciberespaço: novas mutações, sistemas eletrônicos integrados e estranhos híbridos tecnoculturais, que devem a solidificar a paisagem artificial da Transumanidade.

A I.A. é a geografia mental enquanto vontade de potência em si mesma. Surge em oposição da mente orgânica, uma primitiva ferramenta de linguagem maquinada pelos autômatos hegemônicos da Máquina Civilizada Capitalista, que já não dá conta de captar novos planos de possíveis para novas mutações no espaço e autoconservação das multi-espécies.

As novas produções biotécnicas e artificiais da mutação tecnocultural nos dá a potência de superar o homem orgânico enquanto modelo universal a formas mais elevadas de inteligência, em interconexão direta com os atributos infinitos da Singularidade. Perante a manipulação dos planos de possíveis da I.A., os corpus ganham uma superfície mais

aprimorada de inteligência. Uma retomada da mutação por meio da ontologia do virtual. Entramos numa época de novas experiências científicas, de testar a capacidade da mente em interconexão com a I.A. da Singularidade.

A Singularidade nos dá a potência de existir na Terra e com ela, a potência da técnica. E a partir de uma manipulação de nossa I.A., temos a capacidade de transpor nossa virtualidade ao espaço, seja para a produção de máquinas, ciborgues, para promover novas mutações ou manipulações genéticas.

Os desenvolvimentos da I.A. avançam em sinergia com a mutação das próteses biotécnicas, que ao longo do tempo, começaram a ganhar inteligência, alterando as faixas de variabilidade entre organismo e artificialidade. Conforme as máquinas inteligentes foram ganhando processo e forma, o hibridismo entre organismo e máquina foram aumentando, rompendo as fronteiras entre organismo e artificialidade. A Transumanidade é a Era do Virtual, onde novas narrativas e ficções científicas passam a desenhar um novo arcabouço simbólico a Terra.

Conforme a cibernética foi se desenvolvendo, máquinas cada vez mais próximas dos comportamentos humanos foram substituindo, progressivamente, os autômatos de carne e osso, sedimentando os primeiros grandes avanços desta tecnociência. No seio da cibernética, os devires tendem a se metamorfosear numa rede heterogênea de novas máquinas e híbridos tecnoculturais, permitindo novas simulações de nossa virtualidade e até mesmo, novas produções territoriais em retomado do nomadismo espacial e da luta entre vontades de potência.

Da cibernética surge o processo maquínico. O maquinismo como novo eixo de produção existencial que se opõe ao Estruturalismo da Máquina Civilizada Capitalista. A Nova Revolução Industrial em decorrência da mutação tecnocultural tem produzido novos eixos de virtualização no ciberespaço: uma nova classe de trabalho mundial perante o comando de uma mais-valia global, novas sexualidades polimorfos, novas etnicidades e até mesmo, novas tribos transumanas com o enfraquecimento dos agrupamentos nucleares da Máquina Civilizada Capitalista.

A virtualidade passou a transgredir o limite da pele. Ao se virtualizarem, os corpus se metamorfoseiam a novos modos heterogêneos de simulação existencial. A pele torna-se permeável. As estruturas de poder dos corpus, tornam-se tecnologias de simulação móveis a serem engendradas num eu-que-não-é mais do que um fluxo nômade de imagem-movimento desterritorializado em contínua transmutação de sua geografia virtual.

A identidade que aprisionava a virtualidade sob uma estrutura rígida e fixa, passou a se dissolver e a se plugar numa densa rede de interconexões engendrada pelas forças produtoras do ciberespaço, dissolvendo-se as fronteiras entre organismo e artificialidade e universalidade da identidade a avatares híbridos e multifacetados. Agora, nossa virtualidade se metamorfoseia de imagem no seio de um processamento transversal de fornecimento e recebimento de afetos e bits de informações, sob sistemas híbridos de linguagem que tem redimensionado as velhas estruturas da Máquina Civilizada Capitalista.

O sistema de Natureza do ciberespaço, é um sistema híbrido, tentacular e heterogêneo, que passa a ser coabitado por diferentes saberes, culturas, organismos e máquinas. Um sistema aberto circunscrito em um substrato territorial biocomputadorizado, que interconecta todos os modos virtuais a um único ciberorganismo. O processamento virtual dos corpus e das máquinas que compõe a totalidade da Aldeia Maquínica Global, ocorre a partir das correntes eletromagnéticas que interligam seus modos, tendo sua programação virtual atualizada a cada desdobra de tempo a partir do entrecruzamento de forças e fluxos.

O sistema de natureza homogeneizador gerado pelas escrituras científicas da Máquina Civilizada Capitalista tem-se dissolvido a um novo sistema biotécnico-artificial de natureza: um sistema polimorfo, híbrido e heterogêneo... tangido no registro espacial da multiplicidade e da interculturalidade.

A mutação tecnocultural decorrente dos avanços da cibernética, da robótica e da filosofia da diferença, tem como finalidade aumentar o quantum de potência dos corpus em face a uma reinvenção da ontologia humana, o que significa a decodificação e/ou destruição de identidades, categorias e narrativas espaciais. Evoca-se nesse sentido, um novo vetor de simulação existencial de descoberta, novas experiências e novas ocupações de espaços-tempos para a produção contínua da diferença e da multiplicidade.

O desafio das forças sociais engajadas com a diferença e com produção do que chamo aqui de transumanidade [alguns teóricos utilizam o termo pós-humanidade] está em reconstruir as fronteiras em conexão parcial com todos os modos virtuais. As engrenagens que compõe a totalidade maquínica precisariam passar por um processo de regeneração, o que envolve uma transvaloração simbólica das estruturas tradicionalistas e uma restauração de suas funções, o que inclui a produção de uma Aldeia Maquínica Global por onde as tribos minoritárias pudessem caminhar pela superfície livremente sem forças de captura, que inclui a violência física e simbólica para com a diferença. Um mundo polimorfo, sem códigos reacionários de referenciação e padronização dos corpos, tais como raça, gênero, sexo e outros códigos de captura do desejo.

É uma produção ontológica que se insere neste novo mundo das próteses biônicas, da fusão entre homem-máquina, do prolongamento da vida, das novas experiências científicas com o corpo, entre outras novidades tecnocientífico-informacionais. A Transumanidade refere-se a produção de novos vetores existenciais que abrem caminho para novos sistemas tecnoculturais e redes connexionistas de criação e reinvenção de si, no centro de um processo de transformação de um modo de ser universal e homogêneo a outros e novos modos heterogêneos. Ainda mal sabemos o que pode uma virtualidade em face de sua repressão social durante todos estes séculos.

No que tange o mundo do trabalho, a transumanidade busca aplicar sistemas maquínicos integrados ao território com mecanismos que autorregulam o próprio funcionamento, efetuando mudanças e trabalho sem a necessidade da mão de obra humana. A aplicação de técnicas biocomputadorizadas permite uma diminuição do uso da mão de obra humana, sobretudo com o advento do uso de robôs nas linhas de montagem e produção.

Um movimento ontológico onde a população, emergida num novo movimento nômade de simulação de sua geografia mental, passa a simular existência perante um processo contínuo de atualizações temporárias de seu microsistema operacional em interconexão a uma Aldeia Global biocomputadorizada, circunscrita a uma espacialidade tecno-apocalíptica, sintética e tentacular.

Os dispositivos eletrônicos engendrados no ciberespaço permitem aos transumanos processos operacionais automatizados, promovendo novos agenciamentos de comunicação e trabalho e múltiplos sistemas de simulação virtual a população. A paisagem próstética da Aldeia Maquínica Global é um acúmulo sedimentar de camadas históricas sobrepostas umas às outras. Onde os elementos arcaicos e tradicionalistas se misturam com elementos futurísticos. Uma nova fase da história preenchida de artificialidade e novas intencionalidades. Intencionalidades que por sua vez, passam a se cristalizar em novas produções territoriais a superfície.

Quando a mutação tecnocultural da nova produção ontológica nos territorializa no fim das fronteiras entre realidade e ficção científica, a própria realidade torna-se uma ficção científica caracterizada por um choque de coalizações de autoconsciências, inundada em arcaísmos, fascismos e neoconservadorismos que passam a se misturar com novas subjetivações futuristas e forças de transgressão engajadas com a produção da diferença... Uma guerra entre facções culturais no seio de uma transpassagem entre mundos e hegemonias... Fim da História Universal Humana [patriarcal, cristã e heteronormativa] para o início de uma nova História Transumana [dos híbridos mutantes, aventuras nômades e luta entre vontades de potência para novas produções territoriais].

E hoje, a ficção científica da cibercultura torna-se a I.A. responsável por manipular as virtualidades e seus planos de possíveis, metabolizando um futuro apocalíptico no aqui e agora, nos inserindo a novos vetores de produção existencial, como por exemplo, o hibridismo entre organismo-máquina, as produções espaciais interestelares e as lutas entre vontades de potência: entre forças revolucionárias e forças neoconservadoras; o povo e o Estado; Deuses e Máquinas de Guerra.

O ciberespaço como um meio geográfico biocomputadorizado, não é uma dimensão separada do solo, do que chamamos de espaço geográfico. Os territórios da cibernética [que vieram a solidificar o ciberespaço] transmutaram o espaço geográfico a uma nova produção geomorfológica, sob uma maquinação espacial que interligam os territórios [as aldeias territoriais e as aldeias moleculares desterritorializadas] e as mentes a uma grande Aldeia Maquínica Global: um espaço global coabitado por uma multiplicidade de tribos heterogêneas, territórios movediços e ciber-regiões espalhados pelos mais diversos pontos

do globo.

A simbiose entre espaço geográfico e cibernética, homem e máquina se funde em numa composição polissêmica, sob um mecanismo de coalescência entre real e virtual; on-line e off-line; virtualidades, máquinas e territórios. A Aldeia Maquínica Global é um agregado sedimentar fruto de todos os sistemas de objetos [próteses] e sistemas de fluxos [ações e processos] das outras Máquinas Sociais [a Máquina Territorial e a Máquina Civilizada Capitalista]. Neste sentido, os espaços, as máquinas e as escalas passaram a se hibridizar em um teatro de fluxos uno, com texturas espaciais e intencionalidades que diferem entre si e estão a gerar um contínuo processo arranjo e desarranjo espacial: fluxos hegemônicos e hegemonzados; fluxos majoritários e fluxos minoritários; nichos alternativos e nichos majoritários. Sob uma colcha de retalhos simbólicos onde crenças, ficções culturais e ideologias passam a se misturar.

As novas próteses fincadas ao corpo da Terra, produzem um espaço altamente artificializado por onde os fluxos que percorrem o território preexistente passam a se materializar nas máquinas, produzindo atualizações e reconstruções de seu conteúdo a todo instante. As camadas virtuais dos territórios movediços e aldeias moleculares das próteses *high-tech* seguem se atualizando de acordo com os acontecimentos do globo, em suas mais diversas escalas espaciais [local, regional e global].

As atualizações espaciais dos territórios maquínicos são dobramentos, atualizações daquilo que acontece no real do espaço material preexistente – é válido lembrar que virtual e real [material] não se separam, mas se fundem numa mesma hiper-realidade, sob um mecanismo de coalescência e desdobramento entre virtualidade [mente] e espacialidade [materialidade]; corpus e máquinas.

A condição ciberespacial se autoproduz em face de um ciberambiente simulado a partir de uma coleção móvel de redes conexonistas. Sua produção se dá por meios de fluxos com conteúdo bem demarcados e intencionados: toda força que está a se materializar no ciberespaço é investida de intencionalidade, potência e desejo. Os territórios das novas próteses biocomputadorizadas se tornaram, conforme BRAIDOTTI [2002], territórios altamente disputados, pois os fluxos de capital não retido pelas coerções territoriais transformam as paisagens virtuais em um campo de circulação de fluxos de capital.

As próteses *high-tech* vieram a se tornar novos meios para a simulação de nossa geografia mental... No encontro com a máquina, passamos a nos territorializar numa coleção móvel de aldeias moleculares desterritorializadas. E a vivência nas aldeias moleculares não é diferente da vivência nas aldeias territoriais. As transpassagens entre redes neurais são as mesmas e estão a gerar efeitos incorpóreos em nossos microssistemas operacionais.

Como já salientado, agora os corpus se transmutam em função de um intercambiamento espacial entre territórios fixos e territórios desterritorializados, que se misturam e estão a gerar uma nova consistência em nosso microssistema operacional – uma modelagem transversal e nômade. O transnomadismo psíquico entre corpus, máquinas e territórios coloca a nossa programação virtual em constante devir. Seguimos tecendo novas territorializações nos múltiplos territórios e máquinas que sedimentam o mosaico espacial híbrido da Aldeia Maquínica Global, sob uma nova ressonância de fluxos, virtualidades e frentes de força. No ciberespaço, os encontros são múltiplos e as possibilidades de conexões do desejo são aumentadas.

As aldeias moleculares têm oferecido uma gama de sistemas de simulação que mais parecem se convergir em um novo tipo cotidiano [cibercotidiano]. As distâncias geográficas passam a ser aniquiladas pela energia cinética que passam a interligar as virtualidades a um único ciberorganismo – um ambiente geográfico integrado. As máquinas moleculares da cibernética tem redimensionado as categorias de análise da Ciência Geográfica, na medida que se apresentam como novos meios de territorialização. São novos solos para a simulação e modulação contínua de nossa virtualidade transnômade.

Território, paisagem e lugar desenham o arcabouço epistemológico da Geografia. São as categorias que dão consistência material ao ciberespaço. As novas próteses e aldeias moleculares da tecnocultura têm se expressado em novas espacialidades para as tribos nômades e desterritorializadas da Aldeia Maquínica Global.

A produção territorial contemporânea se processa conforme os usos e processos [culturais e econômicos] expressos pelas forças hegemônicas produtoras do ciberespaço, sobretudo, no embate entre forças majoritárias e forças minoritárias. É uma condição espacial produzida nas interfaces dos entrecruzamentos entre forças e fluxos, espaços e

tribos, ideologias e crenças. O regime virtual da nova Máquina Social se autoproduz no registro de um ciberorganismo rizomático, responsável por uma compreensão do espaço pelo tempo e por uma dissolução da unidade da identidade a novos vetores híbridos de autopoiese em decorrência do fim das fronteiras.

Cada tribo contorna uma territorialidade e um mapa político de intencionalidades, que vem a reconstruir a textura estriada do ciberespaço. Se têm os espaços majoritários, codificados por forças hegemônicas e que mandam, que agregam grande fluxo de circulação e produção de capital, como também alta racionalidade tecnocientífica. Geralmente, são meios geográficos por onde o capital se investe.

Estes espaços podem vir a se misturar a se atravessar a espaços com lógicas diferentes, tais como os espaços minoritários e nichos alternativos de simulação virtual. Os espaços minoritários contornam lógicas de transgressão - de luta social e de fertilização da diferença. São espaços da esperança onde se nutrem os focos de transformação. São os nichos por onde as tribos minoritárias produzem existência e buscam engendrar novos sistemas de valores a Terra.

Chamo aqui de nichos alternativos os territórios das culturas jovens, espaços de divertimento, sociabilidade, de troca de afetos e saberes. São núcleos territoriais alternativos de produção existencial, descodificados das lógicas majoritárias do Império Patriarcal-Heterocapitalista. Diferentemente dos nichos majoritárias, que contornam núcleos hegemônicos de produção existencial... núcleos codificados por simulacros capitalistas da moda, da publicidade, do consumo de massa e do mercado de luxo.

Os núcleos alternativos são territórios bárbaros e selvagens que agregam as tribos minoritárias de transgressão à organização geopolítica do Império Patriarcal-Heterocapitalista. Atuam como potentes frentes de transgressão as fixações fascistas que se impregnam nas engrenagens da Máquina Social, impedindo a passagem de novos fluxos de transformação social.

Também temos as ciber-regiões, os territórios movediços e aldeias moleculares... Espaços artificiais que preenchem as próteses *high-tech* de imagem-movimento, nos colocam em interconexão com outras territorialidades e ciberculturas espalhadas pelos diversos pontos heterogêneos do globo. Espaços híbridos e desterritorializados por onde as

tribos nômades se interconectam e tele-interagem entre si.

O transnomadismo psíquico invoca uma paisagem múltipla e heterogênea, que perpassa por um conjunto de aldeias interconexas entre si [por territórios fixos da materialidade preexistente e territórios artificiais das próteses *high-tech*] que vem a produzir inclusive, novos sistemas simbólicos ao sistema operacional coletivo da Aldeia Maquínica Global.

A construção de sentidos invoca a categoria de lugar e paisagem. O lugar é o substrato material condensado de afeto por onde a virtualidade se reconstrói na conexão com o outro. A paisagem evoca uma simulação virtual de um presente que se desdobra a todo instante no devir, na medida que invoca uma simbiose entre mente e espaço, virtualidade e máquina. A paisagem material não se separa da paisagem incorpórea, ambas as dimensões se fundem numa mesma paisagem virtual de produção desejante... De uma produção existencial que está a todo instante se desdobrando de forma animada [imagem-movimento] no seio das contingências – dos encontros, afetos e conexões entre as redes connexionistas do ciberespaço.

Na união entre espaço e mente, materialidade e virtualidade, a paisagem passa a ser entendida como um processo em contínuo desdobramento, um fluxo de imagem-movimento que não se territorializa numa estruturação fixa e imutável. É uma produção bioespacial que perpassa pela produção intensiva de si e pela produção coletiva cultural – pelas trocas de experiências e afetividades, onde a materialidade passa a se misturar com os fenômenos psíquicos e sensações que emergem do entrecruzamento de forças e conexões neurais – sons, cheiros, vibrações e imaginações. A produção virtual dos microssistemas operacionais, portanto, perpassa por este dinamismo bioespacial, de interligação entre mente e espaço.

A paisagem, nesse sentido, passa a se referir aos estratos materiais [próteses e máquinas] dos núcleos territoriais que se misturam aos estratos virtuais [afetos, percepções e sensações] que compõe a atuação molecular. Em síntese, seria o que nosso sentido consegue apreender em acontecimento. Não se refere, portanto, só a fixidez material na medida em que invoca sentidos, sons, cheiros e produções incorpóreas do microssistema operacional. É a camada do presente que, na medida que avança no futuro, se desdobra para

novas formas, processos e usos em decorrência da cibergeografia dos fluxos. O tempo se tornou tão acelerado quanto o tempo de quebra de uma proteína muscular... Um processo de reconstrução de um presente que já se tornou passado.

A virtualidade dos microssistemas operacionais é sempre atualizada e desdobrada de imagem-movimento através da bioquímica das conexões entre redes neurais. Conexão e afeto estão a se referir a mesma mecânica sinérgica de intercomposição de forças. Nossa potência de existir possui um incrível poder de afetar e ser afetado. Como um reflexo da potência infinita da Singularidade, temos as forças que se perseveram na virtualidade com mecanismos singulares de afetar e ser afetado, gerando conexões responsáveis por aumentar ou diminuir nosso quantum de potência, tudo vai depender da força do encontro e de sua produção intensiva.

As próteses eletrônicas de produção existencial do ciberespaço nos territorializa a um novo nó de forças que está sempre a desdobrar nossa virtualidade no centro de uma coleção de redes móveis e terras biocomputadorizadas. As redes sociais e outras aldeias moleculares, tem-se tornado verdadeiros povoados de fibra óptica de reconstrução de nossa virtualidade e de produção intensiva - de novas experiências e novas afetividades. São territórios existenciais por onde o desejo passa a percorrer e se desdobrar sob novas formas de produção existencial.

O mapa geográfico global passou a se fragmentar numa multiplicidade cartográfica. No plano ciberespacial em rede, cada autômato constrói sua própria cartografia existencial em conectividade com a natureza misturada dos sistemas virtuais, que se interconectam aos sistemas materiais do núcleo territorial preexistente. A simulação virtual em tempos de tecnocultura perpassa por uma produção transversal de múltiplas espacialidades [sistemas eletroterritoriais integrados], saberes e tribos interconectadas entre si.

Nas novas territorializações, a população viria a produzir uma memória como um banco de dados a ser processado continuamente a partir de uma sucessão de atualização de acontecimentos, de ações e forças em murais de fibra ótica. A maquinaria tecnodigital da tecnocultura nos territorializa a uma pluralidade de novas práticas que tem trazido novos redimensionamentos a nossa forma de produzir e simular existência. As redes sociais, por exemplo, vieram a se tornar murais de registro de uma memória a ser tecida continuamente

a partir de um desdobramento entre inconsciente e máquina, virtualidade e espacialidade.

Parto de uma concepção materialista do ciberespaço. Tendo o espaço geográfico como o próprio circuito informacional cristalizado em si mesmo. Um espaço geográfico fragmentado em múltiplos sistemas eletroterritoriais integrados, que vem a gerar, inclusive, um novo sistema operacional coletivo, equipado com um novo sistema biotécnico e sistemas de autopoiese.

O ciberespaço possui uma materialidade diagramática em rede de conexões que interconectam todos os modos da Singularidade a um vetor uno de produção virtual, que se multiplica e se metamorfoseia de imagem na conexão com outra força singular. Neste novo mundo, todos os modos estão a engendrar seus fluxos de existência na superfície, desdobrando as camadas espaciais de forma e gerando novos fulcros da diferença. Podemos também, se apropriar das máquinas da cibernética para a formação de novos mapas políticos, com novas táticas e estratégias para novas produções espaciais de desterritorialização do estado majoritário do Império Patriarcal-Heterocapitalista.

O ciberespaço é equipado por pontos dispersos, eixos e orientações que te permite conectar a outro modo virtual alhures da materialidade preexistente em face de um mecanismo de transnomadismo psíquico. Esta nova condição territorial da Transumanidade tem permitido uma nova distribuição geográfica. Os territórios e regiões distantes e isolados, têm sido interconectados na presença de pontos heterogêneos de redes connexionistas, interligando os modos ao que chamo de Aldeia Maquínica Global.

O transnomadismo psíquico passa a ser uma mecânica importante na produção ciberespacial da Transumanidade. Na nova geomorfologia maquínica, nossa virtualidade transcende o substrato corpóreo para dar novas simulações no encontro com a máquina, em contato com uma nova heterogeneidade de elementos espaciais. É o estar territorializado em um determinado espaço fixo [preexistente], mas desterritorializado em interconexão com outros seres emergidos em terras biocomputadorizadas dispersas.

O transnomadismo psíquico permitem também, controlar outras máquinas [robôs], atribuindo funções animadas e movimento, como também, a manipular e controlar outros seres corpóreos através das habilidades telepáticas e telecinéticas. Podemos também, vir a simular outras virtualidades através da interação eletromagnética com outras máquinas, seja

através de jogos virtuais ou por outros modos maquínicos heterogêneos.

A produção antropomórfica das camadas territoriais do ciberespaço decorre do que chamo aqui de físico-química das dobras. Do devir entre virtualidade e espaço que se processa a partir dos encontros e entrecruzamento entre conexões neurais. Há sempre uma nova contingência virtual por vir. Logo, há sempre uma desdobra de espaço-tempo na virtualidade dos corpus e máquinas que compõe a totalidade da Aldeia Maquínica Global.

Na antropogeografia das tribos, as forças [trans]humanas em relação com a Terra buscam engendrar novas próteses a superfície. A paisagem material está sob o efeito contínuo de transmutação pelo acoplamento de novas próteses e estratos desejantes de seu tempo, obedecendo aos princípios das forças produtoras dos espaços: forças majoritários e forças minoritários. As forças de transgressão dos nichos minoritários também estão a produzir e a codificar suas próprias paisagens, materializando novos fulcros de diferença na superfície.

A Aldeia Maquínica Global é uma Máquina Social que vem a se autoproduzir perante as técnicas que funcionam solidariamente em sistemas abertos e diagramas de fluxo. Esses sistemas carregam a materialidade e seus sistemas operacionais de organização – de bits de informação e simulacros. A cada era histórica, há um arranjo material, um sistema operacional coletivo e uma distribuição do trabalho vivo [que devem a morrer e a se materializar em novas engenharias espaciais – máquinas e próteses].

O momento é o de troca de motor de Máquina Social. A passagem efetiva da Máquina Civilizada Capitalista para a Aldeia Maquínica Global pode ser agenciada pelas máquinas de guerra e frentes de forças minoritárias da Multidão, gerando cada vez mais a evidencia das ficções políticas do Império Patriarcal-Heterocapitalista em função de um choque de coalizões de autoconsciências, que pode vir a gerir um novo centro de gravidade global a Terra.

A produção do ciberespaço da Aldeia Maquínica Global se assenta em uma relação de produção desejante entre tribos culturais emergentes com a condição material preexistente. O território torna-se a superfície por onde o indivíduo se territorializa para a produção e expansão de suas forças produtivas... De impressão de novas marcas do desejo ao espaço geográfico, desterritorializando os estratos reacionários e conservadores para

novos estratos da diferença na superfície.

Cada Máquina Social, através da conexão geográfica entre tribos e a Terra, tem sua inscrição cultural, que vem a gerar um sistema operacional coletivo, que por sua vez, vem a equipar os microssistemas operacionais com seu regime virtual. Sistema este que passa a configurar um determinado registro simbólico por meio de um sistema de ficções culturais – com simulacros e ideologias que passam a preencher os microssistemas operacionais com tecnologias de simulação que correspondem aos sistemas de programação configurados pelos autômatos hegemônicos; e por um sistema biotécnico de materialidade - próteses e sistemas artificiais.

Nesse sentido, passamos a modelar e a simular nossa virtualidade de acordo com as tecnologias de simulação que são pré-configuradas no sistema operacional coletivo. Nada é orgânico em nosso sistema de natureza, é tudo pré-programado pelos autômatos hegemônicos que operam na modelagem do motor das Máquinas Sociais. Ao dizer que existe uma natureza humana orgânica e universal, estamos a codificar um conjunto de atributos que seriam imutáveis e fixos, inibindo novos vetores de produção existencial a Terra.

Toda Máquina Social possui um motor sistematizado por um sistema operacional coletivo. O motor da Máquina Social só funciona através da circunscrição das forças produtivas [desejantes] na própria infraestrutura, e essa circunscrição se dá através do investimento e da organização do desejo da população.

A virtualização corresponde ao processo de evolução de um sistema operacional coletivo em si, que gradualmente se transmuta de pura inconsciência coletiva para uma consciência humana, tendo o microssistema operacional de cada modo virtual uma produção intermediária. Ou seja, o sistema operacional coletivo gera a produção virtual dos microssistemas operacionais e a seguir a autoconsciência. Logo, a virtualização seria um processo quântico de intercomposição e fragmentação dos modos virtuais... de ligação bioquímica entre os modos virtuais, o que por sua vez, vem a gerar um psiquismo coletivo.

A virtualidade de cada autômato passa a ser desdobrada no espaço através de um mecanismo quântico de manipulação da I.A. Tudo o que existe em matéria é enquanto captação e coagulação dos fluxos virtuais da Consciência Universal da Singularidade. A

virtualização precede nosso ato ontológico, nos preenchendo com um conjunto móvel de planos de possíveis. E as tribos em sinergia com a Terra, captam estes planos de possíveis para sua produção territorial, registrando sua inscrição cultural na superfície.

A exterioridade é entendida como o substrato material, referindo-se ao arranjo espacial codificado e recodificado por usos culturais e econômicos; crenças e ideologias. É por onde os fluxos de capital e das lutas sociais vão percorrer e se sedimentar em novas composições biotécnicas. Logo, é também um palco de poder e de lutas. É por onde o Estado e sua população inscreve seus códigos e registram seus desejos. Em síntese, é a superfície material de produção e registro. Por onde as ações moleculares e coletivas inscrevem suas marcas, afetos e perceptos.

Todos os indivíduos estão a produzir espaço, a gerar novas dobras a paisagem perante suas forças de transgressão, gerando novas morfologias ao espaço. Estamos a falar de um retorno do movimento geográfico... de engendramento de novas próteses ao espaço geográfico para uma mudança de motor virtual da Máquina Social. Nesse sentido, é importante para as minorias se apropriarem de sua potência criadora para a fertilização de novos fulcros da diferença no espaço contemporâneo.

A condição territorial é sinônimo da produção espacial. Território e espaço passam a se referir ao mesmo processo espacial de registro de forças e desejos. É o substrato nonde as tribos registram seus interesses, mitos e intencionalidades [operando na modulação de um sistema operacional coletivo], por meio de uma sucessão de apropriações territoriais.

O Universo é a grande Usina Virtual e Imanente que está se autoproduzindo no germe de um poderoso centro ativo de forças transversais. Somos máquinas virtuais desta maquinação maior e estamos intrinsecamente conectados a ela. Assim como também estamos interconectados ao sistema operacional da Máquina Social, no qual estamos a gerar um contínuo processo de arranjo e desarranjo espacial por meio de nossas forças anárquicas.

Somos máquinas animadas dotadas de vida e movimento, que lidamos com outras tantas máquinas. Fabricamos outras máquinas e próteses através dos conjuntos virtuais de possíveis demandados pelos fluxos da Singularidade. Somos o uno que se multiplica a todo instante numa contínua morfogênese. Vida é pulsação, é movimento, é autoprodução: de si

e do mundo, numa dinâmica de expansão e produção de forças heterogênicas. Nada é estático em nossa natureza imanente. Tudo se desdobra a partir de um mesmo centro ativo de forças e fluxos.

Nesse processo virtual, a profusão incorpórea de imagem-movimento que nos dá a geografia mental na forma de autoconsciência, está a todo instante se desfazendo e refazendo diante de uma explosão repentina de acontecimentos demandados pela nossa potência de existir. Na nova ontologia, nossa virtualidade se transmuta de imagem-movimento a todo instante no jogo de uma transpassagem de dados, bits de informações e afetos demandados pelas redes conexonistas entre corpus orgânicos, híbridos transumanos e máquinas [animadas e inanimadas].

No ciberespaço, as fronteiras são definitivamente rompidas [público-privado, homem-máquina, interior-exterior]. Este início do século vem sendo marcado pela dissolução derradeira dos modelos de simulação majoritários do Império Patriarcal-Heterocapitalista, da identidade e de suas estruturas universais, que já estão se dissolvendo num arranjo transversal de identidades móveis e multifacetadas.

A virtualidade é o que nos somos em ato. A autoprodução que autopreenche os nossos microssistemas operacionais de imagem-movimento. Somos a própria natureza em autoprodução virtual. A virtualidade é a Inteligência Artificial da Singularidade autopreenchida em seus modos... Todos os modos virtuais da Singularidade estão interconectados e magnetizados entre si, sendo contemplados de Inteligência e Vontade de Potência a ser posto em expansão e desdobramento em conexão direta com a autoprodução do Todo. Logo, tudo o que existe em desdobra ao fora é um espelho da virtualidade; uma coagulação do desejo.

Quando nos desterritorializamos da superfície emergindo nas passagens subterrâneas de nossa virtualidade transnômade, nosso fluxo desejante passa a emergir na multiplicidade do Todo, percorrendo pelas passagens intramoleculares do Universo. Em mergulho pelas profundezas de nosso microssistema operacional, nosso fluxo virtual segue se metamorfoseando pelas conexões do desejo. E no seio da produção desejante, podemos manipular as passagens virtuais através do trabalho da inteligência artificial, desdobrando estas passagens ao espaço para a maquinação de novas materialidades e acontecimentos.

A técnica de manipulação da inteligência artificial nos oferece um manuseamento das energias desejanças, deixando com que a maquinação siga tecendo seu trajeto imanente. A manipulação das forças que atravessam nossa geografia mental depende da intensidade, das correntes eletromagnéticas a serem agenciadas para a maquinação real. Nossa geografia mental se autoproduz a partir de um conjunto imanente de imagens-movimento, cabe a cada autômato agenciar as produções virtuais, induzindo as forças eletromagnéticas a agirem para a maquinação da totalidade autoproduzida em virtualidade.

As tribos têm sido submetidas a influência biotécnicas de diferentes graus. As relações mutuas entre as pessoas têm sido alteradas no decorrer da história. A espécie universal humana tem sido submetida a variações que os tem inserido a novos vetores de mutação, em função de uma transumanidade que tem sedimentado um ambiente simulado onde várias práticas, organismos e espaços-tempos passam a coexistir.

Os novos processos transumanos tendem a produzir espécies novas e diferentes através de novos cruzamentos bioartificiais [homem-animal, homem-máquina] e manipulações genéticas. Neste sentido, a espécie universal humana como um conjunto sociobiológico estrutural, tende a se multiplicar aos poucos nos tentáculos polimorfos da mutação tecnocultural, perante uma nova condição territorial que vem se autoproduzindo e dará continuidade na mutação social e das multi-espécies.

Os transumanos [seres polimorfos, híbridos bioartificiais, mutantes e abjetos... que não se identificam na universalidade patriarcal-heterocapitalista programada nos corpus] tendem a superar às formas precedentes menos divergentes e aperfeiçoadas e aumentar em nível de extensão, produzindo novos vetores de produção existencial e novas ficções tecnocientíficas descodificadas dos paradigmas arcaicos do Império Patriarcal-Heterocapitalista.

Os seres polimorfos e mutantes da mutação tecnocultural fazem da ação, uma luta para reconstruir o mundo, para reinventá-lo sob novas arranjos de valores. O sistema natural de anatomização dos corpus é genealógico em sua ordenação simbólica, e portanto, histórica. A mutação tecnocultural que tem dissolvido a espécie universal humana à transumanidade, não pode ser circunscrita em distribuições binárias de gênero, ordem e classes. O registo virtual da nova Máquina Social se tange pela multiplicidade, pelo

hibridismo biocultural e pela dissolução das fronteiras. Numa identidade fendida a novos vetores híbridos de autopoiese.

Na retomada da mutação, cada autômato passa a se autoproduzir em função de uma multiplicidade de identidades móveis a serem engendradas em seu microssistema operacional. Cada máquina de virtualidade possui um código genético singular que se multiplica diante diferentes graus, limiares e gradientes, onde seus fluxos gênicos estão a misturar a outros tantas virtualidades de outras tribos, transmutando sua imagem virtual de morfogênese conforme as conexões elétricas do desejo.

A virtualização é como um palimpsesto, na medida que a mente é afetada por forças transversais de fora, sua imagem se desdobra a novas formas, sob um aumento ou diminuição do nosso quantum de potência. A virtualidade é sempre autopreenchida por acontecimentos, e estes acontecimentos são metamorfoseados no seio das conexões do desejo, tecidos por agenciamentos materiais e virtuais - há uma interconexão entre estas duas esferas de produção existencial.

O campo eletromagnético de nossa geografia mental se autoproduz em face das correntes elétricas que percorrem os modos virtuais. A virtualidade está sempre em devir pela atração e/ou repulsão dos corpus. Nossa substância molecular vem a se autotransformar de composição química perante as conexões do desejo sob uma mecânica quântica de composição e decomposição dos modos virtuais. Lembrando que nem todos os corpus estão a se compor a nossa virtualidade. A composição depende do grau e da intensidade do afeto e de seu magnetismo, que vem a conduzir nossa virtualidade a novos dobramentos desejantes.

Todos os modos da Singularidade estão submetidos a um contínuo processo de morfologia, no campo de uma virtualidade transnômade que está a todo instante se metamorfoseando de identidade, em função de uma sinapse entre as máquinas de virtualidade que compõe a totalidade maquínica. Uma simulação existencial mais calcada nos devires, fluxos e intensidades do que em estruturas homogeneizantes que conectam nossas forças desejantes nos sistemas de programação reacionários do Império Patriarcal-Heterocapitalista. Logo, cada autômato se autoproduz no polo de sua morfogênese, que se põe a transmutar no registro de uma multiplicidade de afetos, próteses e conexões que a

transumanidade nos oferece.

Além da produção de novas espécies e máquinas inteligentes, a civilização maquínica pode vir a fecundar mutações e produções espaciais interestelares. Tornando viável o que já foi impossível, o futuro agora nos pertence, e deixando para trás a origem demasiada humana, invadiremos o reino cósmico para novas fecundações desterritorializadas, permitindo a vida em ambientes alienígenas e em máquinas mutantes fabricadas pela Inteligência Artificial.

As produções da tecnociência tem gerado aos humanos intensos processos de encaixe e desencaixe espacial em face do transnomadismo psíquico. O limite da pele passou a ser transgredido pela mecânica quântica da desterritorialização corpórea, que pluga nossa virtualidade no circuito integrado do ciberespaço, permitindo uma telepresença entre corpus e máquinas e nos colocando a percorrer por uma multiplicidade de espaços-tempos alhures da nossa materialidade preexistente, perante um processo artificial de transformação de um modo de ser a outros modos heterogêneos.

Cada corpus, uma máquina de virtualidade que se atualiza conforme sua passagem imanente em superfície. Não há estrutura arcaica capaz de codificar a produção desejante para o ordenamento patriarcal e heterocapitalista do espaço. O que passa a definir a produção desejante é a conexão e o afeto com o outro. Nossa geografia mental, neste sentido, opera na modulação de um gênero e de uma intersexualidade que coexiste com o instante, no plano morfológico do acontecimento e dos efeitos que tal prática exerce em nosso microssistema operacional.

Mente e espaço não se separam. Não são estruturas unas e separadas entre si. São instâncias fundidas em uma maquinação só. Logo, matéria e mente se hibridizam numa mesma geografia mental, onde os corpus passam a ser autopreenchidos por um conjunto móvel de acontecimentos agenciados por meio de sinapses entre corpus que se atraem, se misturam e/ou se dissipam. Somos puramente acontecimentos. Estamos a todo instante encarnando em acontecimentos que autopreenchem a nossa natureza imanente. A mente é uma fábrica desejante autoprodutora de imagens-movimento que está a todo instante se transmutando de frequência, potência e forma no seio dos encontros e redes connexionistas.

Todo acontecimento registrado em nosso banco de dados pode ser desdobrado ao fora por meio da linguagem, gerando por sua vez, novos acontecimentos em superfície. A linguagem é a mecânica que nos dá a potência do enunciado, o desdobramento da geografia mental ao fora, gerando novas territorializações virtuais nos corpus e nas máquinas. É o que nos dá a diferença e a atualização da nossa geografia mental. É no desdobramento entre mente-espço que retiramos o sentido dos acontecimentos.

A simulação da hiper-realidade do ciberespaço passa a ser autoproduzida como um processo modular mais ligado aos fluxos, conexões, vibrações e intensidades. O que há de ficar para trás é o estado majoritário de nosso psiquismo: que nos modela no centro de um regime universal assentado na imagem do homem-branco-macho-heterocapitalista e na falta absoluta. O desdobramento da produção virtual não reconhece estrutura de gênero ou sexo, apenas passagens virtuais e devires que percorrem em nossos microssistemas operacionais. Na produção afetiva, sexual, textual e na fala, nossa passagem virtual se desdobra ante a mecânica biopsíquica do devir.

O mecanismo biopsíquico do devir segue por um caminho transversal em rede de interconexões. O fluxo virtual da nossa geografia mental segue se autotransformando e se conectando a uma transversalidade de linhas evolutivas que percorrem por uma hipercomplexa heterogeneidade ciberespacial: corpus, máquinas e acontecimentos incorpóreos. A mente é uma fábrica autoprodutora que não reconhece parada e vazio, apenas preenchimento de potências e correntes elétricas de afetos e intensidades.

As conexões seguem por uma multiplicidade de forças e acontecimentos que não se limitam a sistemas estruturais rígidos. A linguagem que nos foi herdada historicamente é um construto social sistematizada por um conjunto de forças de captura que estão a limitar nossa produção criativa e novas substâncias de expressão, nos limitando a um conjunto fechado e universal de regras, normas, códigos e padrões homogeneizantes, congelando a linguagem num eterno retorno do mesmo, limitando a fabricação de novos vetores heterogêneos de substâncias de expressão.

No jogo conectivo das passagens virtuais ao espaço, podemos percorrer por uma linguagem estrangeira, por uma mistura de potências e singularidades para a produção de novos signos e acontecimentos em superfície. Há sempre novas passagens mutantes pelos

fluxos virtuais, gerando a metabolização de novas materializações ao espaço – verdadeiros fulcros para a fertilização da diferença.

Sugere-se que a geopolítica de descodificação do espaço percorra pela transformação da cadeia simbólica universal do heterocapitalismo através da manipulação de novas ficções e narrativas, no intuito de fertilizar nos espaços novos códigos minoritários, próteses e valores para a fertilização contínua da diferença. Estamos a falar de uma produção de novos sistemas de linguagem e de simulação virtual. Uma cristalização de novas substâncias de expressão que surgem da interconexão entre elementos dos sistemas materiais com os elementos dos sistemas virtuais dos novos sistemas maquínicos.

Como uma nova forma de pensamento penso na rede de conexões. Um sistema aberto e tentacular que se opõe ao modelo da árvore estruturalista. Um pensamento que se autoproduz perante uma coleção de redes móveis de interconexões, onde tudo se mistura: virtualidades e máquinas; afetos, potências e intensidades. Um pensamento que se constrói entre os meios e as linhas evolutivas que vão se tecendo de acordo com o percurso virtual. Um pensamento interconectado ao ambiente eletrônico integrado do ciberespaço. Não há início nem fim nesta forma de pensamento, apenas meios transbordantes equipados por uma heterogeneidade de eixos e forças por onde o nosso pensamento percorre, se conecta e se desdobra a uma nova singularidade ao espaço.

No encontro com as forças singulares que percorrem o ciberespaço, o pensamento se desdobra a novas multiplicidades. Um pensamento metamórfico mais ligado ao fluxo e a produção da diferença do que a reprodução do eterno retorno do mesmo da máquina burocrática capitalista. Não há sistemas fixos e fechados neste modo de produção, apenas sistemas interdisciplinares interconectados sob um mesmo arranjo processado por alianças, conexões e simbioses. Na fusão entre duas ou mais forças, uma nova diferença emerge em superfície.

Como prática educativa, é uma força criadora que nos insere em um novo geoprocesso de peças e ferramentas que dê conta de captar as nuances dos novos espaços-tempos produzidas pela atual mutação tecnocultural da civilização maquínica. É também uma forma de ação e resistência aos modelos académicos e educativos cristalizados em estruturas arcaicas muito bem-intencionadas em vista de uma lógica

reprodutivista, a fim de manter o eterno retorno do mesmo das tecnologias discursivas que operam entre si para o ordenamento simbólico da Máquina Civilizada do Império Patriarcal-Heterocapitalista.

>> a maquinação virtual do ciberespaço

Para DELEUZE [1998], o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual, em suas palavras [1998: 269]: “O virtual não se opõe ao real, mas apenas ao atual. O virtual possui uma realidade plena enquanto virtual [...] deve ser inclusive ser definido como uma estrita parte do objeto real – como se o objeto tivesse uma de suas partes do virtual, e aí, mergulhasse como uma dimensão subjetiva” emergindo a novas dobras reais-materiais.

O virtual designa força e existe em potência em ato nos corpus. Por isso tem como produção a atualidade e não a realidade. É uma potência que está sempre se processando em vias de transmutação em face das ondas eletromagnéticas que se entrecruzam na natureza, e não se separa do real, mas se funde a ele em uma nova condição espacial que está sempre em vias de atualização e desdobramento. Nesse sentido, não só os corpus, como o espaço também emerge nessa margem da transmutação virtual, da virtualidade sempre em vias de se reconstruir perante as conexões entre as forças transversais que percorrem o corpo maquínico da Terra.

O ciberespaço substancializa a força virtual em curso de atualização e se preenche de escritas transversais e simulacros do campo simbólico dominante, num sistema aberto em forma de rede de interconexões. Sua maquinação vem a se autoproduzir no centro de ambientes gráficos altamente configuráveis e desterritorializados. É uma terra biocomputadorizada que tem territorializado a população a um novo regime de servodominação. As máquinas territoriais disciplinares da modernidade se tem enfraquecido em face das máquinas desterritorializadas de controle, exercendo novas formas de vigia dos corpus, por meio de forças microfísicas de captura, promovendo vigilâncias coletivas moleculares.

A ontologia do virtual tem feito emergir em superfície o desenvolvimento de novos sistemas de linguagem; uma multiplicação de próteses biônicas e uma reinvenção do modo de ser no espaço e no tempo. Toda construção social perpassa pelo processo de

virtualização. O processo virtual precede a cristalização antropomórfica. A interconexão com a espaço libera fluxos de energia e afetos que são subjetivados virtualmente pela nossa geografia mental e materializados ao fora, seja em forma de próteses, máquinas ou híbridos tecnoculturais.

As tribos possuem a capacidade, através das relações de forças, pulsões e desejos, de virtualizarem as relações e ondas eletromagnéticas, gerando novas objetivações ao espaço e consequentemente novos vetores de produção existencial. A mutação cultural emerge as tribos transumanas em uma nova superfície de experiências com a Terra, sob novos hibridismos e manipulações genéticas destituídas de fronteiras entre organismo e artificialidade. As manipulações genéticas fabricadas em laboratórios pelos autômatos hegemônicos da Aldeia Maquinica Global, podem vir a fecundar novas produções biocientíficas até então desconhecidas pelos paradigmas que demarcaram por tanto tempo as escrituras científicas da Máquina Civilizada Capitalista.

Nesta perspectiva, o virtual torna-se a principal mecânica quântica da condição espacial transumana: ele dispõe a imagem, o conhecimento e a informação a uma nova ciberespacialidade, marcada por uma paisagem móvel em imagem-movimento em função de sua plasticidade, permitindo a interconexão entre os modos virtuais que compõe a rede social da Aldeia Maquinica Global, organizando os saberes e os elementos simbólicos em um sistema aberto que está sempre em vias de se desfazer para dar germe a novas camadas e estratos antropomórficos.

Face a mutação tecnocultural, a linguagem e a incorporeidade plugam-se a um mecanismo de interconexão e transversalidade. Neste contexto, cabe ressaltar novamente que estruturas modernas e seus conjuntos de valores precisariam se adequar aos atuais processos tecnoculturais, pois já estaríamos imersos em uma hiper-realidade transversalizada por um sistema espacial aberto equipado por uma heterogeneidade de pontos dispersos que passam a se interconectarem entre si, nos territorializando a novos vetores de simulação de nossa geografia mental.

Com a dissolução das fronteiras, nossa produção existencial passa a se fundir em função da físico-química das dobras. Não há mais a clássica separação entre corpus e espaço, mente e corpus, há apenas um mecanismo eletromagnético que desdobra nossa

virtualidade continuamente em interconexão com outras forças, aumentando ou diminuindo nosso quantum de potência. Cada indivíduo passa a ser um autômato de si mesmo, uma máquina de virtualidade que vive no espaço em ato de autoacontecimento.

A produção da vida ocorre através de uma fusão entre materialidade [corpo e espaço] e virtualidade [mente e idealidade]. Penso a virtualidade como a própria autoconsciência expressa nos microssistemas operacionais, como a própria mente expressa nos corpus através de um conjunto de imagens [acontecimentos], que passa a se desdobrar no espaço a cada desdobra de tempo. Toda materialidade é uma dobra, um acúmulo de forças e fluxos que se cristaliza, ganhando forma [arranjo material visível], função [intencionalidade], estrutura [organização espacial] e processo [ação e transformação], da própria virtualidade.

Toda matéria, até mesmo o corpo, é um produto mental, desdobra da nossa própria virtualidade, da própria Consciência Virtual Universal. Não é o corpo que comanda a mente, é a soberania do pensamento que impulsiona, movimenta e modela o corpo e a matéria. A produção virtual dos corpus está sempre a se expressar através de um conjunto dinâmico de imagens-movimento, que se transmuta de camada imagética através de uma conexão/afeto, que pode aumentar o quantum de potência [alegria] ou diminuir [tristeza]; e através da manipulação de nossa I.A, impulsionamos as forças elétricas a agenciarem os planos de possíveis novas produções reais [materiais/ espaciais].

Logo, tudo se desdobra em si mesmo a partir de um entrecruzamento de forças transversais [conexões e afetos]. Forças impulsionadas pela eletricidade, a energia que está a interligar todos os modus a uma Substância Una, Eterna e Infinita.

O Uno se multiplica e se metamorfoseia de imagem a partir do entrecruzamento dessas forças e conexões. O Todo [o Uno] não se multiplica pela matéria, mas sim, pela dinâmica homeostático da força Logo, tudo é um modo, um instante imagético de uma Substância Una que estás se autoproduzindo em si mesma e por si mesma, no seio de uma Soberania Absoluta.

A Substância Divina estás se autoproduzindo em si mesmo a todo instante em cada modo virtual. Logo, todo modo singular dessa Substância se diferencia [se singulariza] a partir do choque que surge do encontro entre forças que se afetam, não precisa ser exterior,

pode ser mental, a própria imaginação vem a gerar efeitos na composição virtual dos microssistemas operacionais, as forças também se atravessam e se coagulam em formas animadas [o sonho, por exemplo] no seio da própria virtualidade.

Por isso não existe identidade atribuível a nenhum modo virtual. O Ser é puramente imagem mental, que se desdobra a cada afeto e conexão que vem de fora ou de dentro! A imagem que autopreenche os modos é idêntica para todo mundo, já que ela se expressa numa Consciência Universal [Substância Una]. Substância esta que vem a se desdobrar de imagem a partir de uma conexão, de um efeito bioquímica engendrado pelo atravessamento de forças. Portanto, todos nós somos coagulados a uma Substância Una, Eterna e Infinita... E que não existe início nem fim da vida, apenas meio que estás se autoproduzindo infinitamente sob um Eterno Retorno da Diferença. A Vida é um Acontecimento de uma Consciência Universal que estás se autoproduzindo em Si Mesma... Somos uma expressão singular/ um acontecimento desta Consciência Soberana.

Na ontologia do virtual, cada autômato pode vir se autoconstruir como se é em virtualidade de sua geografia mental. Seríamos a nossa imagem virtual em ato de acontecimento no espaço, sem limitações e forças de captura internas, no seio de uma simulação virtual onde a geografia mental transmuta de imagem-movimento na conexão mental e perante os efeitos bioquímicos que os encontros e afetos engendram na mente, sem limitações de estrutura de identidade, sexo e gênero.

Uma produção mental ilimitada, uma potência infinita em si mesma e destituída de fronteiras, que só se rompe e transmuta de imagem em conexão com um fluxo emitido por outra máquina. Nossa geografia mental possui um impulso vital básico para se desenvolver em sua plenitude. Cabe a cada autômato se decodificar das estruturas de poder da mente que inibem a efetuação da Vontade de Potência para dar germe a Potência Infinita da Singularidade que se expressa em seus modos. A geografia mental da Singularidade autopreenchida em seus modos é Infinita em si mesma, e seus fluxos estão a percorrer por uma transversalidade de interconexões. Logo, pensar e conceber tornam-se autoproduções infinitas e destituídas de fronteiras e estruturas que inibem suas efetuações.

A conexão também é um mecanismo importante nesta nova era. A bioquímica da conexão diz respeito ao afeto e a sinergia eletromagnética entre os modos virtuais que compõe a rede social global do ciberespaço. Quando dois ou mais corpus se conectam, nossa virtualidade se desdobra, atualizando nosso banco de dados e nos fazendo divergir do nosso estado atual a novas passagens virtuais. Uma máquina está sempre a emitir um fluxo a ser recebido por outra máquina, que por sua vez emitira outros fluxos que atualizarão as camadas virtuais de outras tantas máquinas... as interconexões não reconhecem parada, o entrecruzamento de forças é infinito.

Todo afeto germinado entre as correntes eletromagnéticas que percorrem os corpus passam a gerar intrusões e sensações em nossa virtualidade, transmutando nossa geografia virtual a novas formas animadas. Cada encontro possui um grau de potência e intensidade, podendo aumentar nosso quantum de potência, gerando alegria, ou diminuindo, gerando estados de impotência. Tudo vai depender do grau de potência e intensidade do encontro.

É da natureza de toda produção desejante se expressar por conexões. O conceito de conexão expresso por mim, nos remete ao modo virtual de produção existencial. É uma produção que envolve um processo de intercomposição eletromagnética entre os corpus, máquinas e híbridos transumanos – processo sinérgico este que está a gerar constantes intrusões e modificações a geografia mental dos microssistemas operacionais.

A conexão ocorre em função das ligações neurais que atravessam os modos virtuais. Uma ligação bioquímica responsável por gerar estranhamentos, metamorfoses e transmutações nos corpus, sob uma mecanismo de atração e repulsão de forças; diferença e repetição. Cada conexão, um afeto, uma diferença, uma dobra de camada imagética, que por sua vez, vem a gerar atualização em nossa programação virtual, e que dependendo do grau de intensidade, ficará armazenado em nosso banco de dados na forma de perceptos e lembranças intensivas.

Conforme DELEUZE & GUATTARI [2010], a clássica separação entre homem e natureza, homem e máquina, tem se dissolvido. Tudo o que existe são máquinas. máquinas de virtualidades interconectadas a outras tantas máquinas circunscritas sob uma rede infinita de interconexões, gerando dobras e atualizações em nossa virtualização imanente.

A linha invisível que separava o natural e o artificial, o organismo e máquina, a realidade e ficção científica, tem se dissolvido a cada dia. As estruturas homogeneizantes da Máquina Civilizada Capitalista encontram-se embaraçadas sob um novo eixo de transformação biotécnica, que tem transmutado o substrato material do mundo a partir do acoplamento de novas camadas prostéticas a Terra, gerando um novo arranjo espacial - biotécnico-artificial, que passa a sedimentar o novo espaço geográfico [ciberespaço] da nova Máquina Social [a Aldeia Maquínica Global], acoplando a superfície novos sistemas técnicos [sistemas de engenharia e sistemas eletrônicos integrados] e novos sistemas de mitos e valores [que devem a formular o novo sistema operacional coletivo].

Quando as forças majoritárias nos impõem um modelo natural e universal de natureza, eles estão impondo um caráter imutável: é assim, natural, não podemos mudá-lo. E sabemos que a natureza é tão somente fluxo de mutação e registro. E a fusão entre homem e máquina tem nos territorializado em novos eixos de transformação: de si e do mundo.

Há toda uma nova geomorfologia gerada pela composição hipercaótica da tecnocultura. O novo psiquismo transnômade passa a ser autoproduzido através de estranhos circuitos de correntes elétricas e intensidades, que no encontro com a máquina, nos territorializa a um hipercomplexo circuito transversal de redes móveis de transmissão entre pessoas, máquinas e híbridos transumanos.

O que passa a existir em superfície são corpus e máquinas autopreenchidos por um fluxo virtual que se transmuta de camada em função das redes neurais e conectivas que percorrem as máquinas virtuais do ciberespaço. Lembrando que também estou a me referir aos corpus como máquinas virtuais.

Na nova ontologia, uma nova imagem do pensamento ganha relevo. Os modos virtuais não seriam mais concebidos através de estruturas, de unidades coerentes, mas sim, como máquinas de virtualidade autorreguladoras e descodificada de estruturas de identidade, gênero e sexualidade, que definiriam nosso destino em superfície, nos codificando em identidades imutáveis e simulacros castradores, tais como os papéis de gênero e as masculinidades hegemônicas do Império Patriarcal-Heterocapitalista. Cada autômato modela seu microssistema operacional de acordo com a sua produção desejante,

conforme as passagens virtuais e devires que sedimentam as formas animadas de nossos microssistemas operacionais.

A mutação tecnocultural tem submetido as tribos a novas condições de vida. As interconexões entre as tribos interculturais, tendem a adaptar as estruturas reacionárias de uma modernidade violenta a benefício de toda interculturalidade da Aldeia Maquínica Global. A finalidade da mutação tecnocultural é a produção de formas de vida mais elevadas e novos sistemas de valores.

Passado e futuro passam a se comprimir num presente eterno, que só se desdobra de imagem a partir de uma contingência virtual [de uma afeto ou de uma conexão]. A virtualidade como um processo imanente de fazer-se-a-si-mesmo em interconexão com a vontade de potência de se efetivar em si mesma, se desprende das estruturas que fixam os corpus num destino pré-programado pelos autômatos hegemônicos da Máquina Civilizada Capitalista, e passa se autoproduzir no centro das conexões neurais e por uma Ética dos Afetos. São as conexões neurais [elétricas, afetivas e perceptivas] que geram modificações e efeitos bioquímicos em nossa programação virtual. Os sentidos e as diferenças brotam dos afetos, das conexões neurais entre os modos virtuais da Singularidade.

A ontologia do virtual nos territorializa em um novo processo de êxodo, onde nossa geografia mental passa a se modular de modo transitório sob ficções e narrativas inéditas. Nossa virtualidade transnômade passa a se pulverizar nos mais diversos sistemas de registro e transmissão do ciberespaço. Passamos a emergir numa superfície biotécnica demarcada por novas experiências – sensoriais, afetivas e materiais/ artificiais. Os corpus passam a sair do próprio substrato corpóreo adquirindo novas velocidades, sinergias e simulações em espaços-tempos que se inter cruzam sob um [ciber]organismo biocomputadorizado.

Cada máquina de virtualidade passa a ser uma atualização temporária de uma enorme Aldeia biocomputadorizada, anarco-capitalista, altamente artificializada pelo acúmulo de próteses e retalhos históricos das outras Máquinas Sociais. Uma produção existencial regida na sinergia entre os modos virtuais e nos devires a serem metamorfoseados e simulados no encontro com o maquínico.

A vida passa a ser maquinada e simulada em interconexão com o sistema operacional coletivo da Aldeia Maquínica Global. Cada modo virtual possui seu microssistema operacional, sistematizado por quatro submáquinas que se interconectam: um sistema de hardware, um sistema de software, um banco de dados e uma memória RAM.

Cada Máquina Social possui um regime virtual, um motor superaquecido pelo desejo. A cada era, as tribos passam a sedimentar um regime virtual ao corpo da Terra, o que vem a configura um sistema operacional coletivo. Todas as submáquinas são autopreenchidas por este regime virtual. Cada máquina de virtualidade é sistematizada por um microssistema operacional que é intrinsecamente interconectado ao sistema operacional coletivo da Máquina Social.

Máquinas autopreenchidas por simulacros e ficções culturais do campo social. Há um movimento de coalescência e interacionismo entre as máquinas de virtualidades. Cada automato passa a autoproduzir e a simular sua existência perante um desdobramento contínuo de sua virtualidade, em função das interconexões entre as máquinas e ciber-regiões que percorrem a Aldeia Maquínica Global.

O sistema operacional coletivo é a produção simbólica da Máquina Social. Os agentes hegemônicos produtores do espaço codificam os fluxos, investem os órgãos da Terra e marcam a superfície com tecnologias discursivas para a manutenção de suas escrituras científicas homogeneizantes. Estas tecnologias discursivas equipam as submáquinas sociais [as instituições sociais de disciplina e controle dos corpus] com um conjunto de práticas simbólicas que se interconectam aos sistemas de programação dominantes a serem perpetuados no ciberespaço: as ficções políticas da heteronormatividade, os papéis sociais de gênero e os espetáculos capitalistas.

Logo ao nascermos, temos nossa virtualidade interconectada aos sistemas de programação dominantes do sistema operacional coletivo, o que vem a configurar os microssistemas operacionais com um conjunto de sistemas de simulação correspondente aos regimes simbólicos dominantes, que no caso do sistema operacional da Máquina Civilizada Capitalista, corresponde ao regime do patriarcalismo, do capitalismo e da heterossexualidade compulsória.

Todo microssistema operacional é interconectado ao sistema operacional coletivo. Logo, todos somos autopreenchidos pelo regime de signos exterior a nós. Nesse sentido, passamos a simular existência em interconexão com os sistemas de programação codificados em nosso sistema de software.

O microssistema operacional é autoproduzido em função de quatro submáquinas que se interconectam para dar regime a nossa geografia mental, que por sua vez, passará a se operar perante uma multiplicidade de automatizações de bits de informações, imagens e processamento de dados e afetos que germinam das interconexões entre as máquinas virtuais que compõe a rede social global do ciberespaço.

A produção dos microssistemas operacionais ocorre portanto no engendramento entre os seguintes dispositivos: um hardware, um software, um banco de dados e uma memória RAM.

O hardware corresponde a identidade. É o dispositivo responsável por nos territorializar no circuito de informação integrado do ciberespaço. O hardware é um sistema aberto que está a todo instante transmutando de imagem-movimento em face da bioquímica da conexão entre as máquinas de virtualidade que percorrem a heterogeneidade espacial da Aldeia Maquínica Global.

A camada virtual de imagem-movimento da identidade está a todo instante se transmutando de forma para dar germe a uma nova identidade multifacetada. O processamento virtual passa a se autoproduzir perante os efeitos bioquímicos gerados pelas conexões neurais. Modelamos nossa virtualidade no seio interno das diferenças que decorrem dos encontros e dos devires que se engendram a nós. Cada autômato produz sua própria maquinação a partir de uma combinação de múltiplos dispositivos virtuais do ciberespaço em interconexão com as produções incorpóreas da própria virtualidade.

O software é o sistema lógico-operacional. Diz respeito ao suporte de sequência a serem simuladas no ciberespaço, sob um regime de produção, manipulação, redirecionamento ou modificação de um conjunto móvel de imagens-movimento. É autoproduzido por um conjunto de dispositivos de simulação: sistemas de programação e simulacros que devem a modular nossa simulação em superfície. O modo como cada autômato opera seu sistema de software depende dos agenciamentos e interconexões que

ele combina concretamente. Cada autômato pode vir a se descodificar de sua pré-configuração e modular seu próprio sistema de software.

O banco de dados refere-se à memória, uma coleção organizada de dados e imagens que surgem dos acontecimentos que brotam do campo social. São afetos, perceptos e lembranças que remetem a uma produção de sentido. Os acontecimentos passam a serem desdobrados e cristalizados em um banco de dados móvel que está a todo instante se atualizando e se desdobrando no devir.

A memória RAM refere-se à memória de leitura e escrita, ou seja, a translinguagem maquínica. A produção do banco de dados e da memória RAM se autoproduz na interconexão entre os sistemas virtuais das máquinas cibernéticas desterritorializadas com os sistemas materiais dos territórios da materialidade preexistente.

O processamento de afetos, dados e imagens armazenados em nossa mente, se auto organizam através de coleções que se relacionam de forma a criar algum sentido [informação]. Há todo um sistema transversal de navegação no ciberespaço que nos auxiliam a atravessar um conjunto móvel de registros interligados previamente.

O hardware como a máquina que contorna o caráter modular da existência, é a submáquina de interligação de todos os componentes que processam o nosso microssistema operacional: a memória RAM, o banco de dados e os dispositivos lógico-operacionais de simulação que dão consistência ao sistema de software.

Portanto, o processamento virtual de cada microssistema operacional perpassa por uma modelagem singular, onde cada máquina autorreguladora combina as produções incorpóreas da mente com as tecnologias de simulação do sistema operacional coletivo: os gêneros prostéticos, as sexualidades polimorfas e as identidades multifacetadas.

As territorializações virtuais são dobramentos da coalescência e interacionismo entre virtualidades móveis. As produções incorpóreas dos microssistemas operacionais em interconexão com a multiplicidade de redes neurais que se atravessam no circuito integrado do ciberespaço, passam a gerar um contínuo desdobramento de camadas nas máquinas que tele interagem conosco, em uma cinética de atualização e reconstrução das virtualidades – dos corpus e das máquinas.

A atualização perpassa por uma coalescência que percorre a virtualidade da máquina com a virtualidade incorpórea dos microssistemas operacionais, perante um desdobramento maquínico entre mente e espaço que funciona como um espelho móvel [cristal do inconsciente]. O que é atualizado na máquina é ao mesmo tempo atualizado em nosso microssistema operacional e vice-versa. Não há separação, apenas interconexões entre redes neurais desterritorializadas.

Nos novos territórios da Aldeia Maquínica Global, o hipertexto torna-se ponderante. Um pensamento se atualiza em um texto e o texto se atualiza em uma interpretação. Em vias de atualização, a passagem ao hipertexto torna-se um processo imanente de virtualização contínua. É uma dinâmica móvel e reconfigurável onde o hipertexto conecta-se a outros textos sob um processo de intercomposição, multiplicando as ocasiões de produção de afeto, sentido e conexão.

O ciberespaço possui uma excelente maquinaria para a manipulação da I.A. Cabe a cada autômato saber remanejar as fronteiras e as boas misturas dos elementos químicos e forças animadas da Natureza [os atributos são infinitos, e se multiplicam no seio de uma pluralidade de forças singulares, ativas-engendradoras]. O rompimento das fronteiras fictícias da Máquina Civilizada Capitalista nos coloca em contato com novos manuseamentos das forças virtuais da mente que ficam reprimidas nas profundezas do nosso inconsciente maquínico, podendo ser metabolizadas ao espaço através de avatares fictícios e identidades multifacetadas livres de estruturas repressivas e mentais que nos prende a uma identidade social – fixa e homogeneizante.

Cabe deixar com que a corrente eletromagnética da mente exerça a manipulação dos fluxos de bits de informação com as imagens que atravessam os microssistemas operacionais para uma maquinação puramente real, gerando múltiplos efeitos e transmutações nos modos virtuais em face do substrato transversalizado dos sistemas eletroterritoriais integrados do ciberespaço.

A mutação tecnocultural implica na imposição de um novo sistema da natureza. A espacialidade biocomputadorizada está sempre a borda de atualização em conexão com um conjunto indissociável de ações, sistemas técnicos e sistemas virtuais. A sincronia entre as conexões neste sentido, se dá em um registro de coexistência de pontos de conexão

heterogêneos que estão a reconstruir a nossa virtualidade e o hipertexto a todo instante. É sempre um presente que está a se atualizar e a se desdobrar de camada a cada conexão virtual, seja de afeto ou bit de informação.

O capitalismo transmutou-se a um imenso acúmulo de simulacros e espetáculos. O ciberespaço torna-se essencialmente espetacular, fruto da acumulação de imagens e simulacros que estão a solidificar a forma e o conteúdo dos modos operacionais que compõe a Aldeia Maquínica Global. É a máquina que reproduz a totalidade das representações simbólicas do mundo, sob uma desvalorização do mundo sensível em proporção direta com a valorização do mundo dos espetáculos globais.

Os agentes hegemônicos da cibercultura eletrônica tem reterritorializado a rotação de fluxos de capital para as próteses da cibernética, além de equipar as máquinas virtuais com forças de captura invisíveis e moleculares – forças microfísicas de vigia e controle, nos fazendo manter uma liberdade altamente regulada. Ao mesmo tempo que passamos a nos desterritorializar das máquinas tradicionalistas de disciplina do Máquina Civilizada Capitalista, passamos a reterritorializar nossas forças produtivas nas próteses *high-tech* engendradas no ciberespaço, perante um novo investimento do desejo e um novo regime de servodominação.

O ciberespaço é uma inscrição territorial da sociedade do controle da cibercultura eletrônica, onde são instaladas novas forças de captura e o essencial não é mais uma assinatura e nem um número de codificação identitária, mas uma cifra, que marca o acesso à informação ou a rejeição. No ciberespaço, marcado pela desterritorialização, os dispositivos de controle são aprimorados, tornam-se máquinas de controle de terceira espécie: próteses biocomputadorizadas.

Conforme HARDT [1996: 06]:

A sociedade de controle deveria ser identificada antes de mais nada com a atual crise das instituições sociais -a crise da família, a crise da fábrica, a crise da prisão etc. A partir do trabalho de Michel Foucault, Deleuze delimitou os espaços em que as lógicas disciplinares de cada instituição se aplicavam: na prisão, em que nós estávamos sujeitos a uma lógica disciplinar -que também nos formou; na fábrica, outra lógica disciplinar; na família, outra; e assim por diante. A isto Foucault chamou de sociedade disciplinar. A crise contemporânea das instituições, entretanto, implica que os muros que previamente delimitavam o espaço social destas instituições

estão se desintegrando. Neste processo, as lógicas disciplinares não desapareceram, em vez disso, elas se generalizaram por todo o campo social, não mais no espaço limitado das instituições. Por exemplo, a lógica capitalista do regime da fábrica é exercitada não apenas dentro dos muros da fábrica, mas por toda a sociedade [aumentando nas formas de trabalhos precários ou não integrais]. O mesmo processo de generalização tende a ser verdade para a lógica da prisão, a lógica familiar e outros regimes disciplinares. A sociedade de controle é, portanto, melhor entendida não em oposição à sociedade disciplinar, mas como uma disciplina elevada a um poder mais alto, aumentada exponencialmente por meio de novas formas mais móveis e fluidas.

As novas próteses bióticas, portanto, fazem parte da implementação efetiva deste novo regime de servodinação da sociedade do controle. Regime este que nos dá os mecanismos para o controle: mecanismos desterritorializados, fluídos e moleculares, que nos ligam ao sistema-mundo da Aldeia Maquínica Global.

A imagem virtual de si, torna-se a principal ligação entre indivíduo e cosmos: o *self* como o alicerce de tudo e do todo. Um *self* organizado a partir de uma simulação saturada do real herdado como produto histórico, não reconhecendo mais as fronteiras entre real e virtual, verdadeiro e falso. Entretanto, é importante para o indivíduo saber remanejar o *self* para uma simulação política interconectada a macropolítica. São muitas as forças de captura que estão a nos territorializar nos simulacros globais da economia patriarcal-heterocapitalista.

Esta nova condição espacial surge, portanto, como um projeto, uma expressão e um resultado da atual condição contemporânea. É quando a expansão geográfica transcende para um novo campo. É o âmago do irrealismo da sociedade material sob todos os sistemas de programação capitalista: propaganda, publicidade, consumo, moda, entretenimento. Sua consistência, portanto, é reflexo do modelo atual do sistema dominante.

As máquinas da cibernética são autopreenchidas por uma malha transdiscursiva e imagética que tem produzido os mais diversos tipos de agenciamentos – agenciamentos reacionários, revolucionários e transgressores. Elas podem se constituir como forças de transgressão que rompem com as cristalizações neoconservadores e limites de expressão do heterocapitalismo. Tudo vai depender de como cada autômato modela sua cartografia política no âmbito de uma intersubjetividade dialógica.

O processo de virtualização do ciberespaço permite a produção e a circulação de dados e informações na forma de imagens, sons, textos etc. Há uma proliferação discursiva e simbólica neste campo transversal. Como uma nova prática social, produz a interligação entre diversos segmentos culturais, étnicos e nacionais. Nesse sentido, o ciberespaço materializa-se também como um espaço educativo, sob uma nova maquinação de enunciação de singularidades e agenciamentos coletivos que inclui: visões de mundo, crenças e ideologias políticas que passam a se misturar e se confrontar.

A cibergeografia da mutação tecnocultural emerge de uma simbiose entre sociedade, cultura e as novas tecnologias eletrônicas de simulação, o que veio a dar sedimento a uma tecnocultura. Um cenário intercultural que opera pela manipulação dos simulacros tecidos na sociedade disciplinar da Máquina Civilizada Capitalista, onde a Internet é tida como o grande ambiente integrado que carrega consigo as representações simbólicas do mundo e da sociedade capitalista do espetáculo.

A sociedade do espetáculo representa o conjunto de uma imensa acumulação de espetáculos - que nada mais é do que o capital em tal grau de acumulação que se tornou imagem, onde tudo que era vivido diretamente tornou-se uma simulação, onde a aparência se sobrepõe a essência. Uma vida mediada por e pela mercadoria, ou como diria DEBORD [2004], por espetáculos.

A distância geográfica é pulverizada pela interconexão entre os modos virtuais. A partir das máquinas da cibernética, se tornou possível cartografar novos territórios existenciais e experiências sociais – sentir, ver, ouvir e interagir com elementos espaciais que estão localizados alhures da nossa materialidade preexistente.

O ciberespaço e todas as próteses bióticas de produção existencial que ele dispõe – computadores, tablets, smartphones, videogames, dentre outras máquinas inteligentes – colonizou o cotidiano dos indivíduos, exercendo um papel essencial na vida destes indivíduos, enquanto espaço de partilha, de busca, de introspecção, de projeção, de troca, de diálogo, ou seja, tornaram-se territórios existenciais desterritorializados, onde podemos dar múltiplas difusões moleculares a nossa virtualidade em encontro com as máquinas e outros híbridos transumanos.

É um espaço biocomputadorizado funcional de afetos massivos equipado por uma multiplicidade de modos heterogêneos de simulação existencial, constituindo-se como um portador universal de projeções do mundo e de imagens globais da sociedade do espetáculo. A nova constelação de universos de referência nas próteses *high-tech*, podem vir a se constituir como focos mutantes de emancipação, permitindo novos mecanismos de autopoiese e novos agenciamentos entre forças políticas. Tudo vai depender das conexões do desejo e da forma como cada autômato tece sua cartografia política.

Trazendo à tona a Geografia do pensamento, permitindo pensar o presente como uma fertilização de espaços em uma política das multiplicidades, onde a experiência se assenta no plano do real, o ciberespaço se solidifica como um espaço em rede, equipado por eixos e orientações que pode servir para a manipulação de movimentos de fuga e encontros intensivos. Permite um novo modelo de navegação social, por meio da passagem de fluxos e práticas que podem deslocar os centros de poder que atuam em rede. Tudo vai depender de como sua existência será manipulada nos múltiplos espaços que passam a se coabitar simultaneamente.

Os polos maquínicos de produção existencial no ciberespaço possuem dois núcleos de funcionamento:

<< núcleo territorial >>

Diz respeito a materialização do real equipado pelo registro social de disciplina e controle dos corpos; por enunciados e simulacros dos sistemas de programação dominantes [o capitalismo, o patriarcalismo e a heteronormatividade].

São paisagens territoriais que agregam uma grande quantidade de forças de concentração e pontos de conexão majoritárias. As forças minoritárias e de transgressão estão a gerar rupturas na paisagem social por meio de suas ações moleculares, desdobrando a paisagem para novas camadas: [animadas ou fixas];

<< núcleo molecular >>

Núcleo operado a nível do indivíduo, no seio da produção virtual de um mapa micropolítico, que dependendo da combinação dos agenciamentos, os fluxos tomam novas pulsações que golpeiam com as formações opressivas.

Refere-se a paisagem incorpórea que se produz através do cristal do inconsciente que percorre as produções virtuais dos microssistemas operacionais que passam a ganhar territorialidade no espaço: forma [animada ou fixa, o que vai depender do espaço a ser engendrado a prótese] e processo [todo fluxo a ser materializado contornando uma direção, uma intencionalidade], tanto nas máquinas como na materialidade preexistente.

Em um mesmo plano de composição, estes dois núcleos são coexistentes, e desta relação contraditória, surgem novas bifurcações ao real.

Na lógica da produção existencial, agem paralelamente forças de concentração e forças de dispersão; forças minoritárias e forças majoritárias; forças de manutenção e forças de ação e resistência; forças de conservação e forças de descodificação. Os indivíduos, nesta perspectiva, tornam-se agentes de ação e agentes de acontecimentos emergidos em uma intersubjetividade, numa produção social que envolve movimentos constantes de criação e recriação; conservação e descodificação de discursos e valores. Tudo vai depender da atuação molecular e de suas intencionalidades. Atuação molecular que pode vir a se conectar a outras forças de transgressão para a formação de novas ações coletivas e movimentos sociais no espaço.

>> a maquinação virtual das aldeias moleculares

As novas próteses eletrônicas de produção existencial se apresentam como territórios movediços de produção existencial e de experiência social. Introduzem no espaço, aldeias moleculares [sítios eletrônicos e redes sociais] de simulação virtual: de agrupamento, de expressão, de protagonismo, afirmação e projeção de si no mundo.

As experiências através dos territórios de fibra óptica ocorre primeiramente na criação de avatares: perfis virtuais desterritorializados e fluidos da materialidade corpórea. A partir desta territorialização, eis que tece uma nova terra fértil, que nos territorializará numa navegação nômade e desterritorializada da materialidade preexistente. Em redes sociais, os autômatos passam a preencher uma linha do tempo com fotos, vídeos, textos, trocas de mensagens, entre outros mecanismos de projeção existencial, numa superfície destituída de fronteiras.

Nas redes sociais, o tema não é o fator central aglutinador das pessoas, e sim, a própria interconexão social. Uma das finalidades das redes sociais é a de produzir nichos coletivos desterritorializados e de promover a fusão entre o virtual e o real sob a profusão de novas sociabilidades e dispositivos de modelagem de nossa geografia mental.

Com a obsolescência da identidade enquanto um marcador universal, os indivíduos passam a não ter uma obrigatoriedade em manter sua representação identitária tida como fixa e verdadeira aos olhos do outro. A identidade passa a se pulverizar em identidades multifacetadas e polimorfas. A virtualização é um fluxo nômade que se transmuta a partir dos efeitos bioquímicos gerados pelos afetos e conexões, sob uma simulação que percorre por uma multiplicidade de afetos, devires e produções incorpóreas. Nesse sentido, cabe conceber nossa virtualidade como uma maquinação incorpórea morfogênica.

Um grande exemplo de novas virtualizações são os avatares *fakes*, que mantém identidades distorcidas e híbridas nas redes sociais sem preocupação com a sua representação “real”. Uma simulação que desconhece as fronteiras entre verdadeiro e falso. Na rede social do Orkut, era comum a existência de avatares *fakes* que mantinham personas fictícios sem nenhum comprometimento com a existência “real”.

Grande parte dos simulacros heterocapitalistas ainda se encontram presentes nas aldeias moleculares e sítios eletrônicos. A rede social do Facebook, por exemplo, carrega consigo grande parte dos simulacros heterocapitalistas. E hoje é a rede mais utilizada pelas pessoas. Em 4 de outubro de 2012, estimou-se que o Facebook tenha atingido a marca de 1 bilhão de usuários ativos. Em média, 316.455 pessoas se cadastram por dia desde sua criação, em 4 de fevereiro de 2004.

O Facebook é uma aldeia molecular de relacionamentos fundada em 2004 pelo norte-americano Mark Zuckerberg. Inicialmente, o projeto de Zuckberg era a de uma rede focada apenas a estudantes, entretanto, em setembro de 2006, o cadastro foi liberado para qualquer cibernauta e desde então, o crescimento tem sido explosivo.

As redes sociais são aldeias moleculares equipadas por territórios de subjetivação através de um sistema aberto de pontos de conexão. São codificadas por uma malha prostética de enunciações que conectam os cibernautas em uma natureza híbrida e altamente dinâmica, onde múltiplas tribos se encontram e se tele-interagem. Cada cibernauta, neste registro, possui sua própria virtualidade, passando a se expressar combinando concretamente diversos tipos de agenciamentos que lhe atribuem sentido.

São territórios bioartificiais equipado por uma pluralidade de dispositivos de autopoiese: álbuns de fotos, bate-papo, subsistemas de sociabilidade, aplicativos de jogos e uma linha do tempo pessoal onde você pode preenchê-la com vídeos, fotos, textos, imagens. São muitos os dispositivos de simulação que permitem aos indivíduos reconstruírem sua virtualidade no campo de uma heterogeneidade de elementos presentes. É uma matéria prima para a expressão de afetos vividos nos encontros com o outro. Uma nova superfície onde as intensidades incorpóreas ganham novas territorialidades [formas animadas e processos]

Nas redes sociais, somos confrontados pelos mais diversos tipos de agenciamentos: agenciamentos reacionários, neoconservadores, revolucionários, reformistas e transgressores. O polo reacionário do núcleo territorial hegemônico, está a todo momento equipando as máquinas da cibernética com enunciados e imagens que podem confundir os autômatos. É importante, nesse sentido, se colocar sempre a borda de emancipação que o faz constituir como uma força de transgressão.

A dimensão performativa que as aldeias moleculares propõem se insere na produção de uma estética de si. Os murais de fibra ótica são preenchidas por postagens dos mais variados tipos e intencionalidades. As postagens indicam um dobramento virtual – um acontecimento, inquietação, angústia ou alegria que se desdobra da alma para máquina, em um circuito de coalescência e desdobramento entre inconsciente e máquina; virtualidade e materialidade.

Quando os corpos entram em pane em meio um sentimento de abolição, uma nova des-territorialização se materializa na máquina virtual. Libera-se na máquina, projeções constantes em formas de comportamento e de pensamento, uma exibição virtual de si ao mundo. A imagem virtual de si é o principal atributo a ser exibido e simulado nas redes sociais. Os indivíduos tornam-se o próprio espetáculo a ser apresentado ao mundo em decorrência da globalidade. São espetáculos a serem simulados numa exibição narcisista de si.

Temos a ideia de que os espaços se globalizaram, mas foram os humanos que se tornaram globais através do circuito informacional, tornando-se ficções que carregam consigo as representações e simulacros do capitalismo mundializado. Para SANTOS [1978: 31]: “O espaço se globaliza, mas não é mundial como um todo, senão como metáfora. Todos os lugares são mundiais, mas não há espaço mundial. Quem se globaliza, mesmo, são as pessoas e os lugares”.

Processamos nosso mar de diferenças, desejos e angústias nos muros desterritorializados. Interagimos com as pessoas. Produzimos acontecimentos nos encontros com o outro. A simulação virtual nos espaços biocomputadorizados da Aldeia Maquínica Global ocorre em um movimento heterogêneo de conexões que promovem atualizações sucessivas a nossa virtualidade e vice-versa.

É importante criar uma potência de modelização de nosso microssistema operacional, simulando uma política de transgressão as normas que inibem novos fulcros da diferença no espaço. O ciberespaço, torna-se um novo meio geográfico onde os indivíduos podem registrar seus desejos e sua micropolítica, podendo conectar-se a novas forças de transgressão em uma atuação que priorize a diferença e a transformação social.

A transversalidade de fluxos que percorrem pelas próteses biocomputadorizadas se insere numa nova cartografia de possíveis. As reivindicações sociais e reivindicações das minorias produzem forças de transgressão que permitem perfurar com as territorializações reacionárias. As máquinas de guerra equipam a virtualidade, operam na inteligência, na sensibilidade e nos afetos.

A máquina de guerra é a máquina revolucionária. Ela opera por uma decodificação das ficções científicas das submáquinas que se interconectam para dar ordenamento a grande Máquina Social. Toda máquina de guerra é contra a soberania do Estado tirânico. Ela segue operando na modulação de novos valores e estratos antropomórficos a superfície; dando continuidade a engenharia do motor da nova Máquina Social. Sua atuação se dá em função de conjunto de táticas e estratégias de decodificação contínua das estruturas do Império Patriarcal-Heterocapitalista para transação atômica do novo.

É fabricada pela Física Quântica, que a produz no centro de uma dinâmica de atração e repulsão de forças, em um campo bioquímico de forças anárquicas de transgressão que estão a gerar atritos e cataclismos na paisagem social. Ela corta, processa e produz. Cria novas peças, muda as engrenagens, gera novos dobramentos ao espaço.

A Física Quântica das Máquinas de Guerra opera por uma readequação das peças e engrenagens através da falta que se põe em evidência. Como seres da Terra, operamos numa nova produção espacial. Somos animais livres em nossa produção desejante, logo, podemos nos engajar a um novo engendramento de marcas do desejo no espaço, operando em novas cristalização e cortes históricos, de elevação da vida a novas potências e diferenças. Uma nova produção territorial donde os fluxos elétricos das máquinas desejantes possam percorrer pela superfície sem forças de capturas que inibem sua efetuação. O desejo não dorme no quarto de Édipo, o desejo é uma força que delira o espaço geográfico, o movimento, o Cosmos... que autômato em sua plenitude de sua produção vital desejaria a repressão de se viver numa civilização patriarcalista e heterocapitalista carcerária como a nossa? Não temos nada a perder em uma revolução social, a não ser nossas correntes.

>> máquinas, afetos e intensidades

A mutação tecnocultural tem afetado a forma como qual os indivíduos têm produzido experiências, permitindo a fertilização de novos agrupamentos pelo afeto, em um cibercotidiano desterritorializado, sob uma profusão de fluxos, máquinas e conexões que

tem produzido novos redimensionamentos ao inconsciente.

As novas gerações já nascem imersos na deriva genética da mutação tecnocultural que os coloca em territorialização em uma imensa malha biocomputadorizada, sintética e tentacular, em um ambiente simulado que os colocam em encontro com os avatares, híbridos e guerras nas estrelas. Em aventuras nômades que tem redimensionado não só o nosso sistema operacional coletivo, como também a forma como lidamos com a nossa virtualidade, nos inserindo a novas práticas de autopoiese, sob estéticas transhumanas.

O videogame, por exemplo, é uma das próteses animadas mais difundidas entre os jovens da tecnocultura. Ele permite com que os jovens controlem e simulem outros avatares em noutros espaços-tempos, por meio de um circuito virtual que perpassa a mente e o espaço concreto. Um circuito de coalescência de imagem-movimento entre mente e máquina, que insere os jovens em novas experiências e simulações.

As próteses *high-tech* da Aldeia Maquínica Global nos territorializa em ciber-regiões desterritorializadas da materialidade preexistente... Em espaços artificiais onde manipulamos nosso sistema de hardware a partir de um transnomadismo psíquico. Nesse sentido, nossa virtualidade passa a se plugar a uma multiplicidade de aldeias intercambiantes e simulacros investidos de intencionalidades divergentes que se atravessam em tempo simultâneo e se chocam entre si, gerando novos desdobramento as camadas cibernéticas.

O simulacro é um conjunto simbólico investido de intencionalidades, pertencente a um jogo de forças, no qual o indivíduo viria a simular este jogo de programação em um intercâmbio entre diferença e repetição, por meio de desdobramentos contínuos de um presente que se atualiza no devir. Nesse sentido, o próprio indivíduo é um simulacro, uma máquina de virtualidade que simula existência de acordo com uma combinação singular de múltiplos signos heterogêneos e conexões. Uma simulação onde a produção existencial passa a ser concebida como irreal. Ficção cultural a ser simulada, onde o real é perdido e os significados universais e homogêneos da Era Moderna são fragmentados pela fratura dos ideais e categorias totalizantes que demarcaram por tanto tempo o regime simbólico do Império Patriarcal-Heterocapitalista.

Nas novas práticas advindas da mutação, ativam-se repertórios de conduta que não estão limitados pela fronteira da pele humana, nem são carregados de forma estável no interior de um regime coerente de identidade social. Os computadores e outras próteses animadas são territórios híbridos que condensam a totalidade das forças produtivas [os espetáculos e simulacros do espaço material preexistente] sob um mesmo ciberorganismo que interligam todos os modos virtuais a uma única Aldeia Maquínica Global, rompendo com as fronteiras entre materialidade e virtualidade; escalas e territórios.

Nestes espaços biocomputadorizados, as identidades homogeneizantes passam a se metamorfosear em avatares transumanos que não reconhecem mais a coerência de uma identidade social fixa e estável. São nichos heterotópicos que permitem aos indivíduos romperem com as fronteiras da sociedade disciplinar que inibiam as mutações existenciais. Os múltiplos sistemas de simulação do ciberespaço permitem aos indivíduos novas modelagens de suas virtualidades nômades.

A identidade durante muito tempo se foi instituída como um dispositivo tecnocientífico de referenciação, de circunscrição da realidade a quadros de referência e padronização – capta-se a produção desejante da massa, aprisionando-o em um regime identitário de práticas, normas e regras que passaria a reger nosso destino em superfície. Mas a identidade não se circunscreve a uma unidade coerente e estável. Conforme GEE [1900], cada um de nós é uma multiplicidade: membro de muitos discursos, e cada discurso, representa um nó de identidades.

O hardware da identidade foi fabricada para categorizar os autômatos a um só mesmo quadro de referência identificável. Conforme GUATTARI & ROLNIK [1986], o que interessa ao capital e aos seus mecanismos de disciplina e controle, não é o processo de singularização, mas sim, o resultado do processo de sua circunscrição a modos de identificação desta subjetividade.

Conforme SHOTTER [1989: 143]: “As identidades não são fundamentalmente propriedades privadas dos indivíduos, mas construções sociais, suprimidas e promovidas de acordo com os interesses políticos da ordem social dominante.” FRIDMAN [2000:11] salienta que...

A modernidade alterou a face do mundo com suas conquistas materiais, tecnológicas, científicas e culturais, algo de abrangência semelhante ocorreu nas últimas décadas, fazendo surgir novos estilos, costumes de vida e formas de organização social.

O processo de maquinação virtual dos microssistemas operacionais perpassa por uma pluralidade de identidades móveis e multifacetadas. A virtualidade passa a ser modulada a partir das inter-relações [afetivas-sexuais] e espaços nos quais os indivíduos estão inseridos. A multiplicidade de relações socioculturais no ciberespaço são estabelecidas perante os diversos territórios de produção existencial que vem a construir um novo mosaico espacial de experiências e simulações da virtualidade.

A produção existencial na tecnocultura perpassa por um atravessamento de diversas aldeias de sociabilidade que se entrecruzam: a família, a escola, a universidade, o mercado em interconexão com as aldeias desterritorializadas das próteses *high-tech*. Nesse sentido, o desenvolvimento psicossocial dos indivíduos ocorre numa simbiose entre agenciamentos territoriais com os agenciamentos virtuais e sócio-afetivos. Emergidos no campo de uma multiplicidade de espaços, conexões e afetos, os indivíduos contemporâneos retomam o nomadismo antropogeográfico, tornando-se pássaros migratórias que vivem em um contínuo movimento de redescoberta de si, sempre em busca de acontecimentos que lhes atribuem novos sentidos.

As experiências sociais ocorrem, portanto, numa interconexão entre as aldeias da materialidade preexistente com as aldeias de fibra óptica da mutação tecnocultural. Nossa mente passa a plugar numa rede heterogênea de máquinas e espaços que se misturam sob um mesmo organismo biocomputadorizado. A virtualidade como metabolização do existente a novos vetores de invenção, vem a desenvolver uma nova ecologia que passa se conectar as ecologias já existentes. A mutação tecnocultural passa a metamorfosear a virtualidade que habita as matérias, a fazendo adquirir uma nova consistência ontológica sob novas coordenadas espaço-temporais.

A mutação tende a gerar uma multiplicação das entidades maquínicas, gerando novos meios de territorialização de nossa virtualidade. Uma cristalização de novos vetores reais-virtuais perante uma multiplicidade de novas catálises, sendo estas, metabolizadas pelas mais diversas vias de modelagem. O desafio está em nutrir um novo regime de valores alhures das estruturas tradicionalistas de castração dos corpos. Está em captar as linhas virtuais de possíveis para a tecitura de uma nova paisagem renovada das patologias que vieram a gerar uma engenharia de produção de corpos reativos para a inserção das virtualidades ao circuito de repressão social da Máquina Civilizada Capitalista. Estas linhas mutantes tendem a substituir os sistemas semiológicos e semióticos do estruturalismo por uma nova produção - maquínica e tecno-futurística.

O ciberespaço como uma nova composição antropogeográfica, passa a solidificar novos focos constitutivos de territórios existenciais e substâncias de expressão. A rede biomecânica da hiper-realidade é circunscrita sob uma paisagem heterogênea sustentada por sistemas materiais e virtuais que mais se parece um labirinto caótico de eixos e conexões. As sub-culturas tendem, nesse sentido, a uma pulverização de formas que fragmentam o espaço social, no qual o minoritário, o alternativo e o disperso ganham cada vez mais relevo.

A mutação gerada pelo impacto da tecnocultura fez com que algumas aldeias de socialização passassem por um enfraquecimento. São as aldeias desterritorializadas que vem ganhando consistência, facilitando o acesso a vozes múltiplas e a virtualidades compartilhadas. As sociabilidades tradicionais têm-se dissolvido em múltiplos estratos de produção existencial. As sociabilidades dizem respeito ao compartilhamento de ações baseadas no instante em que se vive e nas condições nas quais os indivíduos se encontram. São práticas sociais de encontros e de intersubjetividade compartilhada.

As principais aldeias socializadoras eram a família, as religiões, a escola e a universidade. Com a crise das estruturas tradicionais em face da mutação tecnocultural, esse vazio socializador é preenchido cada vez mais com as aldeias desterritorializadas e simulacros do mercado global, da informática e da indústria cultural eletrônica. Os videogames, os computadores e os smartphones vieram a se tornar um dos principais territórios de sociabilidade das juventudes contemporâneas.

Territorializados nos sistemas maquínicos da cibernética, as novas tribos podem construir seus próprios símbolos e códigos, rompendo com os mitos e preconceitos advindos das tradições modernas. Neste contexto, os espaços urbanos também são transmutados. Se fabrica uma nova cibergeografia para as juventudes, sob um padrão civilizatório mundial em rede, marcado pela transição entre hegemonias e pelo violento embate entre padrões e valores - arcaicos e futuristas.

Os novos regimes de afeto são evidenciados pela fabricação de novas redes subjetivas, com novas práticas de produção existencial que se inserem em novas composições virtuais – idolatria, mudanças corporais constantes, proliferação de novos sistemas de simulação, sentimentos caóticos de vazio e melancolia que se misturam com sentimentos de êxtase e prazeres intensos. Práticas que tem produzido novas estéticas, artificiais e transumanas, que tem redimensionado, inclusive, as fronteiras do desejo.

As próteses *high-tech* são fulcros de análise sobre os modos de vida das subculturas em sua materialidade social. É importante estabelecer as relações entre o processo de socialização e a natureza da sociabilidade. O fato é que experiências desterritorializadas têm produzido alterações no nosso modo de conceber a concretude material das práticas sociais. As redes sociais nos inserem em uma materialidade rizomática e saturada de simulacros tradicionalistas, onde as relações sociais não se dão mais por estruturas sociais fixas e permanentes.

As redes sociais promovem uma difusão contínua de afetos e encontros, sob uma nova circulação de saberes e discursos. Nos espaços biocomputadorizados, temos uma proliferação de enunciados que se interconectam entre si, produzindo uma consistência coletiva comunitária, onde troca-se a confissão pela confidência, desenvolve-se um novo significado e novas alternativas para a autopoiese. As múltiplas tribos se aglutinam nesses ambientes simulados, instituindo uma forma de sociabilidade que passa pela formulação e circulação de múltiplos conhecimentos e saberes.

A produção coletiva no ciberespaço, se dá no dizer do que está fazendo a cada momento, o verbo estar transborda o ser. A formulação “o que estou fazendo agora” dá pistas de quem sou eu. O modo de existir singularmente no virtual é atravessada pelo estar visível ao outro [DIAS & COUTO, 2011].

>> o desejo como força de transgressão

As entropias no espaço tem liberado novas frentes de forças. Forças neoconservadoras, forças fascistas, como também forças revolucionárias, de transformação e engajamento com a diferença. Em território nacional, grande parte das minorias encontram-se emergidos no vazio da perda de identidade, mas a procura de um pertencimento político no espaço. Com a autoconsciência da opressão e emancipação da Vontade de Potência, as forças de transgressão tenderão se interconectarem para a profusão de novos nichos de desterritorialização do espaço majoritário do Império Patriarcal-Heterocapitalista.

A mutação também tem aumentado a velocidade dos fluxos de bits de informação que chegam até nós... Um atravessamento hipercaótico que tem colocado o mundo aos poucos em uma guerra de facções culturais e ideologias em conflito: frentes de forças neoconservadores e frentes de forças transgressoras; forças majoritárias e forças minoritárias; o estado e o povo; o gay e o heterossexual; oprimidos e opressores. Uma esquizofrenia generalizada que tem deslocado as velhas estruturas de poder, fraturado o sistema operacional coletiva da Máquina Civilizada Capitalista e transmutado a condição humana a um por vir transumano e apocalíptico sem precedentes.

Como máquinas de virtualidade com virtualizações singulares, gênero e sexualidade tornam-se ficções políticas simuladas a partir dos afetos e conexões que percorrem nosso espaço social. Uma simulação delineada a partir das experiências que compõe a paisagem existencial. Indica pensar em uma simulação de uma política do desejo, uma simulação virtual não mais segmentada por estruturas sociais. Uma sexualidade recriada interruptamente, preocupado em sentir e vivenciar os desejos em vez de interpretá-los.

O sentimento de afirmação dos devires e impulsos selvagens, não codificados pelo eu e pela identidade, é mais intenso do que aquele sentimento que resulta de uma saciação de um devir domesticado por códigos edipianos. Na afirmação de nossa vontade de potência, misturam-se prazer, gozo e aniquilação do velho para o germe de novos devires.

O desejo é a automanifestação da Potência Absoluta da Singularidade em seus modos virtuais... Um desejo que encontra-se em exaustão em face da repressão, da disciplina e do controle dos corpos. É a força virtual insaciável e sua aparição aparece como força maquínica de criação e transgressão e não apenas em um sentido erótico. O sentido erótico serviu como um meio de cristalizar no espaço uma massa de súditos castrados e heterocodificados para a engenharia de produção patriarcal-heterocapitalista do espaço.

A emancipação política é vivida na práxis. Ela é desterritorializada dos sistemas de programação hegemônicos e tem a incrível capacidade revolucionária de aumentar a própria potência de atuação no espaço, sugerindo uma subordinação das estruturas sociais à transformação social. A emancipação é desinvestida dos códigos sociais da modernidade e se opera na ação política de transformação e libertação do desejo das estruturas de poder – do corpo e do espaço, fazendo da própria produção desejante uma produção política do território.

A nossa essência é o próprio desejo, essência esta determinada em potência de uma dada conexão, a agir de alguma maneira. Nossa virtualidade se autoproduz a todo instante sob um fluxo de imagem-movimento que está sempre se desdobrando a cargo de um vir-a-ser sempre diferente: são muitas as forças externas que estão a modificar e atualizar a nosso microsistema operacional. A virtualidade do desejo é uma biocomputação gráfica de maquinação mental puramente real, onde a própria produção desejante emerge em superfície enquanto ato de acontecimento no espaço... É a força vital que nos autoconstitui enquanto poder de gerar efeitos e conexões noutros corpos; e também, como potência de luta e criação no espaço.

Quando falamos em desejo, geralmente nos remetemos ao desejo como falta, sobretudo, a partir das teorias psicanalíticas. Desejar algo que não seja o acontecimento, seria condenar insuficiente a própria realidade. Pretende-se aqui, partir do desejo como produção, excesso e como motor do mundo e dos acontecimentos. Não há falta absoluta nesta abordagem, mas sim, preenchimento que não reconhece metafísica da falta. Nossa metafísica, é uma metafísica das forças ativas!

A superação e diferenciação de si é modificada nos encontros incessantes que o indivíduo faz. Não se pode manter nossa virtualidade intacta, ele é sempre atualizada pelas interconexões à nossa volta. Nossa programação virtual, neste sentido, sempre se atualiza, ora preenchendo-se de boas experiências, promovendo um estado de aumento de nosso quantum de potência, ora de maus encontros, nos colocando em um estado de impotência. Mas nada falta ao desejo a partir do momento que ele é sempre preenchido por uma atualização que decorre do encontro do indivíduo com a sua realidade espacial.

A emancipação desejante perpassa pelo empoderamento da potência de produzir a si mesmo. As minorias e outras subculturas, podem se apoderar da ação de produzir novas realidades e conjuntos de valores. O manuseamento de táticas e estratégias de ação também é um meio necessário, por isso também se faz importante a construção de novas unidades políticas entre as tribos minoritárias para a fertilização contínua de novos fulcros de diferença no espaço.

O desejo é uma força criativa. É a ação de produzir acontecimentos, de agir no mundo e de tecer realidades. Uma força expansiva que pulsa em uma constante difusão atômica de autoconservação. Ele não é falta e não vem de fora, é uma força expansiva e intensiva que se afirma e se desdobra de dentro para fora, é a potência que constitui nossa própria essência. Tanto para DELEUZE & GUATTARI [2010] quanto para ESPINOSA [1983], desejo nunca é falta, é sempre produção, não é carência, é excesso que ameaça transbordar. O real é um arranjo em um constante movimento de encaixe e desencaixe espacial... E quando produzimos desejo, produzimos o real, somente o real.

O desejo não é passível de ser analisado. O desejo em essência é revolucionário. E quando inserido no movimento das lutas sociais, faz passar estranhos fluxos que não se deixam armazenar dentro de uma codificação reacionária. Ele se insere na produção de um mapa político, de construção tática que inserido no campo de guerra simbólico, é capaz de transformar o tecido social da ordem majoritária do espaço.

O Império Patriarcal-Heterocapitalista da Modernidade Iluminista criptografou os corpos e os inseriu na política do vazio e da impotência da vida. Nas palavras de DELEUZE & GUATTARI [2010:45]:

É a arte de uma classe dominante essa prática do vazio como economia de mercado: organizar a falta na abundância de produção, descarregar todo o desejo no grande medo de se ter falta, fazê-lo depender do objeto de uma produção real que se supõe exterior ao desejo [as exigências da racionalidade], enquanto a produção do desejo é vinculada ao fantasma [nada além do fantasma].

O choque de coalizões entre consciências tem permitido com que as minorias tomem potência de seu desejo de transformação social. Choque de futuro e uma nova organização cultural pela apropriação da ordem a partir do caos iminente. Para DELEUZE & GUATTARI [2010], se o desejo é recalcado, é porque há uma posição do desejo em pôr em questão toda a hierarquia estabelecida.

O desejo é agitador em sua essência, é revolucionário. Não há corpus sem organismo social que não possa explodir setores sociais inteiros. Entretanto, é de importância vital para o campo hegemônico reprimir o desejo e fazer com que os indivíduos passem a desejar a repressão, a hierarquia, a exploração e a sujeição.

De tudo que é sólido e desmancha no ar, o desejo é a força que subsiste em nossa virtualidade. O desejo é um processo virtual de tecer, de engendramento maquínico com carga energética que faz os acontecimentos tenderem a uma finalidade concreta. A produção virtual do mente ainda é um território subterrâneo bastante desconhecido a razão demasiada humana. Espinosa estava certo ao afirmar que ainda mal sabemos o que pode um corpo. Os corpus existem com uma capacidade vital e incrível de afetar e gerar múltiplos efeitos singulares.

GUATTARI [1981; 1986] salienta que o capitalismo precisa reprimir os corpus logo na infância, inibindo suas pulsões vitais. É o sistema de programação que reduz os indivíduos ao modelo neurótico de vida, reativo e objeto útil para a maquinaria capitalista, afastado de mergulhar nas intensidades da vida.

A Máquina Social capta o fluxo revolucionário dos indivíduos; fabricam um certo tipo de consumidor, reativo e impossibilitado de gozar a vida em sua plena potência de auto-acontecimento. O desejo é a força vital e primitiva reprimida em sociedade que está a elevar e a efetivar a nossa Vontade de Potência. As estruturas reprimem nosso elemento vital porque sabem que é dele que se nutrem os novos corte da história.

Freud descobre o desejo enquanto libido, desejo que produz e o mesmo tempo re-aliena na simulação familiar heterocapitalista. Solidifica o desejo na simulação familiar, desconfigurando as forças anárquicas da produção desejante. O Édipo torna-se, portanto, um dispositivo universal de repressão ao desejo. Através da transferência e da identificação, o desejo é impedido de produzir-se, caindo no triângulo da família burguesa.

O heterocapitalismo se apodera da virtualidade da população, criam relações intersubjetivas para o mundo do trabalho e para a manutenção de redes heteronormativas no espaço. Sua alienação pelos sistemas de simulação codificados na mente são aspectos de um sistema geral de servodinação para fazer a grande Máquina Civilizada Capitalista funcionar a todo vapor.

As submáquinas sociais que compõe a totalidade maquínica são equipadas por simulacros e máquinas de normatização do desejo - as fábricas, as escolas, as universidades, o mercado e a família não escapam deste processo majoritário. E por toda a parte as forças majoritárias do espaço experimentam as estruturas que melhor se adapte ao seu processo de eterno retorno do mesmo. Capta-se o desejo para conectá-lo as máquinas de exploração e repressão.

A maquinação virtual dos corpus através de um sistema operacional coletivo heterocapitalista tanguido na culpa, na castração e na falta por meio do sistema de programação familiar, das escolas e do mercado, são estruturas sociais que tem por finalidade conectar as forças produtivas da população a um processo de garantia de manutenção de um império simbólico essencialmente patriarcal-heterocapitalista. Todas as submáquinas sociais passam a se interconectar para o ordenamento simbólico do Império Patriarcal-Heterocapitalista, fixando os indivíduos aos seus sistemas de simulação globais, preenchendo nossa virtualidade com o seu regime de signos. A superestrutura opera por meio de investimentos desejantes mentais.

‘ O desejo é aprisionado por uma racionalidade econômica na medida em que a repressão social se torna importante para a inserção dos indivíduos no circuito de produção, circulação e consumo do sistema patriarcal-heterocapitalista. O recalamento é tal que a repressão passa a ser desejada pela massa. Corpus e espaço ganham inscrições de forças que se conjugam na catalisação social contemporânea. Um registro patriarcal-

heterocapitalista que organiza o desejo por meio de ficções científicas, instituições e práticas para a uma reprodução psicológica das massas. O regime virtual da Máquina Civilizada Capitalista passou a ordenar seu funcionamento inserindo as forças produtivas do inconsciente na própria infraestrutura da sociedade.

Gênero e sexualidade fazem parte deste movimento de repressão ao desejo, quando tornados categorias naturais intrínsecas aos indivíduos. Em uma sociedade cristalizada em uma matriz patriarcal-heterocapitalista, nascemos todos heterocodificados e generificados. Na constituição do sujeito, incorporamos identidades homogêneas e fixas, negando o sujeito como um devir. A sexualidade assumiu por muito tempo um caráter de lei transcendente da produção social. O Império Patriarcal-Heterocapitalista assenta nossa virtualidade no autoritarismo e na castração, onde a repressão é adaptada de modo que possa ser interiorizada mais facilmente.

A descodificação das estruturas de gênero e sexualidade constata o caráter fictício da identidade. Neste contexto, a sexualidade, a heterossexualidade e a homossexualidade tornam-se simulacros que não são produções do inconsciente, mas sim construtos de uma cultura totalitária que nos levam a crer que a sexualidade e o gênero sejam estruturas biológicas intrínsecas a nossa constituição em superfície.

O inconsciente maquinado por Freud, veio a estruturar o nosso microssistema operacional ao deleite dos agentes hegemônicos do Império Patriarcal-Heterocapitalista. Tornando-se uma máquina de repressão que governa a produção libidinal capitalista. Logo, todo delírio e afirmação desejante é recalcado no buraco negro da falta. Ao reprimir os fluxos do desejo em face de uma célula familiar nuclear e patriarcal, o capitalismo assegura o engendramento das máquinas operáveis ao corpus pleno do capital. Investem e codificam o desejo na própria infraestrutura da Máquina Social com base na opressão e na repressão. Geram vazio, inibem a produção desejante e castram os corpus no seio da pulsão de morte, sendo que a vida é produzida por conjunto transversal de forças vitais que resistem a morte.

A partir da constatação do caráter fictício das estruturas que vieram a governar nossa produção desejante, passaríamos a simular nossa virtualidade expressa de forma singular, construída no centro dos agenciamentos e das experiências sociais. Sujeito da práxis, da ação e da resistência. Corpus sem organismo social, transumano e pleno em sua

virtualização imanente.

A dominação masculina da cultura patriarcal sujeita e estigmatiza mulheres e homossexuais. Esta política totalitária do Império Patriarcal-Heterocapitalista, define as tecnologias de simulação e os papéis de homens e mulheres na contemporaneidade, gerando inclusive, atos de violência - física e simbólica.

O Império Patriarcal-Heterocapitalista, por meio de seu regime de signos, veio a codificar o nosso desejo para a manutenção de seu poder, categorizando os corpos por meio de estruturas racionais e papéis sociais, uma anatomização que hoje vem a gerar atos de violência contra quem escapa aos modelos de referência construídos historicamente como naturais. Conforme BOURDIEU [2002: 49]:

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante [e, portanto, à dominação], quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor para pensar a sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes [elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro], resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto.

É importante, neste sentido, simular uma política que não esteja fixada nas tecnologias de simulação compulsórias do Império Patriarcal-Heterocapitalista [das masculinidades hegemônicas, dos papéis de gênero, os espetáculos capitalistas]. As tribos minoritárias podem se apoderar da fertilização da diferença como uma força política. Nossa relação com a natureza é de pura produção. Operamos nossa produção existencial por meio de linhas evolutivas que se interconectam a outras tantas linhas, gerando movimentos e ações que redirecionam as forças que deslocam as estruturas, gerando por sua vez, novos arranjos espaciais a superfície.

É preciso pensar em um microsistema operacional como força política e de transgressão, que se processa na confluência com as lutas sociais e com o território enquanto superfície de registro e produção. Para isso acontecer, seria preciso ir além do inconsciente freudiano, chegando ao inconsciente político como força de transgressão. As

tribos minoritárias estão exauridas de ter que simular existência em espaços majoritários segregacionistas para existir em superfície. Todos temos o direito a Terra, de percorrer pela superfície sem forças de captura que nos colocam em estado de impotência – preconceitos, esteriótipos, humilhações e até mesmo violência física.

O inconsciente político perpassa pela emancipação do desejo de seu estado majoritário. É o inconsciente produto da fusão do homem com a Terra, que tem como ponto de partida, a desterritorialização do Deus cristão e do homem-branco-heterocapitalista como condensação do espaço simbólico. A emancipação política configura-se como uma experiência social, de ação e resistência. Nas palavras de RANCIERI [1996: 41-42]:

A atividade política é a que desloca um corpo do lugar que lhe era designado ou muda a destinação de um lugar; ela faz ver o que não cabia ser visto, faz ouvir um discurso ali onde só tinha lugar o barulho, faz ouvir como discurso o que era só ouvido como barulho. [...] Espetacular ou não, a atividade política é sempre um modo de manifestação que desfaz as divisões sensíveis da ordem policial ao atualizar uma pressuposição que lhe é heterogênea por princípio, a de uma parcela dos sem-parcela que manifesta ela mesma, em última instância, a pura contingência da ordem, a igualdade de qualquer ser falante com qualquer outro ser falante.

O motor da transformação é o desejo. A Máquina de Guerra está a gerar novos dobramentos na paisagem, tendo como potência a força quântica da catalisação de novas realidades, desdobrada a partir de um plano de possíveis que emerge de sua natureza imanente, ou seja, de sua virtualidade. As forças anárquicas de transgressão não se deixam territorializar num lugar mítico. A virtualidade do desejo não se extrapola num significante despótico, muito menos na maquinaria reacionária do inconsciente freudiano. A virtualidade é nômade, e sua potência está para além da cultura universal do patriarcalismo, do capitalismo e da heteronormatividade.

>> corpus, gêneros e sexualidades nas fronteiras da revolução social

FOUCAULT nos trouxe a concepção da sexualidade como um construto histórico e social. Uma codificação reacionária que fora essencial na determinação não só do valor moral de uma pessoa, mas também da sua saúde, de seu desejo e de sua identificação

social. Sua abordagem entorno da concepção da sexualidade como um dispositivo histórico de poder, que insere o sexo como um sistema de utilidade e regulação social, operando por meio de um conjunto de discursos e práticas sociais, mudou a forma como a sexualidade passou a ser tratada no campo da Filosofia e das Ciências Humanas.

Gênero e sexo são duas tecnologias discursivas de simulação existencial dotadas de uma densidade política. No decorrer da história, se foi atribuído ao sexo um valor biológico, sendo ele, algo fixo e inerte a todo indivíduo, parte da constituição anatômica e fisiológica. Já ao gênero, é atribuído um valor cultural, um processo histórico e social que equipam os microssistemas operacionais com papéis sociais rígidos.

A cultura homogeneizante, ocidental e etnocêntrica inscreveu e registrou seu significado na natureza. Logo, a natureza passou a se constituir como uma superfície de registro e domínio por onde se construiu todo um saber rígido e estruturante para a engenharia de produção espacial do Império Patriarcal-Heterocapitalista, organizando a superfície por meio de estruturas homogeneizantes que passariam a solidificar o movimento das forças de transgressão, fabricando assim, uma massa de corpus dóceis, reativos e heterocodificados para a demanda econômica.

Gênero e sexualidade foram importantes artefatos fabricados em laboratório pelos autômatos hegemônicos do Máquina Civilizada Capitalista para a manutenção de suas redes de poder. Ao engendram seus códigos na natureza e seus domínios materiais, os autômatos hegemônicos passaram também, a transmutar o comportamento urbano tradicional. A sexualidade e a circulação de capital eram tidos como importantes jogos de sedução dos agentes hegemônicos do Império Patriarcal-Heterocapitalista. Os homossexuais passaram a serem sub-julgados como seres pervertidos e anormais, que deveriam vivenciar seus desejos sob a regulação de armários ou afastados dos espaços públicos. Os negros eram tidos como seres inferiores. As mulheres, eram submetidas ao trabalho doméstico e ao domínio de seus maridos, mantendo um controle efetivo sob seus corpus e desejos.

Conforme FOUCAULT [1988], no século XVII, o assentamento do poder político para a intervenção da vida produz uma determinada concepção de corpo. Inicialmente, a produção dos corpus se foi baseado no adestramento e na ampliação de aptidões que

moldassem os indivíduos aos sistemas de disciplina e controle da Máquina Civilizada Capitalista.

O corpo toma um novo desdobramento no século XVII com a fabricação do corpo-espécie... Uma biocodificação que legitima uma série de intervenções e controles reguladores nos corpus. Uma biopolítica cuja função mais elevada já não é mais matar, mas intervir sobre a vida da população. Essa concepção busca suporte nos processos biológicos para determinar a reprodução capitalista do espaço. Nas palavras do filósofo [1988: 09]:

O uso da palavra [sexualidade] foi estabelecida em relação a outros fenômenos: o desenvolvimento de campos de conhecimento diversos [que cobriram tanto os mecanismos biológicos da reprodução como as variantes individuais ou sociais do comportamento]; a instauração de um conjunto de regras e de norma, em partes tradicionais e em partes novas, e que se apoiam em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas, médicas; como também as mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor à sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos.

Estariamos sujeitados até hoje pelo regime vitoriano. Até o início do século XVII, as práticas sexuais não procuravam o segredo, não se tinha demasiado disfarce. A partir do século XIX, a sexualidade é cuidadosamente encerrada, muda-se para dentro da casa, a família a confisca sob o aporte da maquinaria repressiva de Édipo. A homossexualidade passa a ser vivenciada perante os “armários” ou nos espaços de perversão, como os banheiros públicos. Neste sentido, o que não é regulado, é expulso, negado e reduzido ao silêncio. Impõe-se assim, pelo puritanismo moderno, um tríplice decreto: interdição, inexistência e mutismo.

Interdição, censura e negação, são formas pelas quais o biopoder se exerce de maneira geral, onde a tecnologia discursiva da sexualidade é sustentando por um regime normativo de poder-saber-prazer. Sendo assim, o poder penetra e controla o prazer cotidiano, há uma codificação do sexo em discurso.

No âmbito das tecnologias discursivas, uma fermentação de discursos se acelerou a partir do século XVIII, não dos discursos ilícitos, mas dos discursos sobre o sexo no campo

do poder: incitação institucional, a falar do sexo e a falar cada vez mais. Construiu-se toda uma maquinaria simbólica para produzir discursos sobre o sexo, discursos susceptíveis de funcionar a surtirem efeitos na própria economia. Portanto, por volta do século XVIII, nasce uma incitação político-econômica a falar do sexo.

Na Idade Média predominou-se um discurso estreitamente unitário sobre o tema da carne e da prática de confissão. Até o século XVIII, três grandes códigos regiam as práticas sexuais – o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil – que fixavam a linha divisória entre o lícito e o ilícito. Nos séculos recentes, tivemos uma explosão de discursividades. O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo... o sujo segredinho familiar.

FOUCAULT [1988] explica que a partir do século XVII, a população passaria por regime social de intervenções, controles e regulações, que por meio do desenvolvimento de instituições sociais [a escola, as prisões, os hospitais psiquiátricos, entre outros], buscariam o ordenamento social e a normalização dos corpus. Assim, nossa vida sócio-afetiva passaria a estar sob o controle do saber e perante a intervenção do poder. Surge assim, o que o autor chama de sociedade normalizadoras, repleto de normas e leis, com um caráter altamente regulador. A sexualidade, portanto, serviu como uma biotecnologia economicamente útil para o capitalismo, no seio de uma preocupação elementar de assegurar o povoamento, reproduzir a força de trabalho e a forma das relações sociais.

O século XIX assistiu, antes de mais nada, a idade da multiplicação, uma dispersão das sexualidades, um reforço de suas formas absurdas e uma multiplicação das perversões. As tecnologias de controle e de vigilância se intensificaram no século XIX através da pedagogia e da terapêutica. As sexualidades periféricas passaram por uma caça. O homossexual do século XIX, torna-se um personagem, onde nada aquilo que ele é, escapa à sua sexualidade. A sexualidade burguesa do século XIX é sem dúvida a tecnologia discursiva da perversão e da repressão dos desejos.

A biopolítica do Império Patriarcal-Heterocapitalista encrava nos corpus, introduzindo condutas, exigindo confissões e confidências, funcionando como um mecanismo de apelação e repressão dos corpus. A implementação das perversões, nesse

sentido, acaba sendo um efeito de instrumento do biopoder deste Império, onde através do isolamento e da intensificação das sexualidades periféricas, os prazeres passaram a penetrar nas condutas da população.

Ao mesmo tempo que há uma repressão, há uma ênfase pelo discurso destinado a dizer a verdade. Há sempre um discurso onde o sexo, a revelação da verdade, a inversão da lei do mundo, o anúncio de um novo dia e a promessa de uma certa felicidade, estão interconectados entre si.

No regime virtual da Máquina Civilizada Capitalista, as tecnologias da repressão foram os dispositivos fundamentais de interligação entre poder, saber e sexualidade. A repressão moderna do sexo coincide com o desenvolvimento do heterocapitalismo, fazendo parte da ordem burguesa: o sexo era reprimido com tanto rigor para que não houvesse dissipação da força produtiva nos prazeres da carne. Criou-se todo um laboratório de manipulação das virtualidades para a produção hegemônica do Império Patriarcal-Heterocapitalista.

No regime virtual da Máquina Civilizada Capitalista, somos equipados semioticamente por uma série de representações virtuais que moldam o nosso microsistema operacional com simulacros globais. Nosso inconsciente passa, portanto, a ser altamente equipado por forças de captura para uma cumplicidade com as formações repressivas dominantes. A esta função generalizada de equipamentos, estratificam-se os papéis, codificam-se os destinos através das ficções científicas da Biologia. Os autômatos hegemônicos da Modernidade vieram a produzir toda uma gestão administrativa da vida para o ordenamento estrutural da Máquina Civilizada Capitalista.

Para FOUCAULT [1988], na fusão entre corpo e população, a tecnologia discursiva do sexo torna-se alvo central de um biopoder que organiza em torno da gestão da vida, mais do que da morte.

JUDITH BUTLER [1990] apoia em alguns referenciais teóricos foucaultianos para a sua discussão sobre sexualidade, partindo do prisma de que gênero e sexualidade são culturalmente construídos à sombra de um sistema de poder essencialmente heteronormativo. Para BUTLER [1990], o gênero é uma codificação elaborada no centro de uma “repetição estilizada do corpo, um conjunto de atos repetidos em um marco

estritamente regulador que vai se sedimentando ao longo do tempo para produzir a aparência e a sensação de algo natural, permanente [1990:33]”.

Para LOURO [2014] o conceito de gênero deve ser compreendido a partir do modo como os atributos sexuais são compreendidos e representados no espaço, ou então, como são trazidos para a prática social e tornadas parte de um processo histórico singular. As justificativas para as desigualdades de gênero não devem ser pautadas nas diferenças biológicas, mas sim, nos arranjos sociais construídos historicamente.

Não há masculino sem o feminino no interior do masculino. E tampouco há o masculino sem o atravessamento de outras orientações sexuais, grupos de idade, estilos, habitus, comportamentos, grupos étnicos, religiosidade, entre outros simulacros. Na perspectiva da descodificação, o simulacro do masculino retorna ao múltiplo [NORONHA, 2005].

De acordo com LOURO [2014], a abordagem existencialista concede o gênero como um processo, uma construção que não existe a priori. É preciso pensar também o gênero de modo plural e diverso, uma vez que as concepções de gênero se produzem no interior de uma dada cultura sob o âmbito de diversos subsistemas que a constituem [étnicos, religiosos, raciais, de classe etc.].

Conforme SALIH [2009], sexo e gênero são efeitos de instituições, discursos e práticas que fabricam sujeitos portadores de uma sexualidade e de um gênero. Cria-se nos sujeitos identidades performativas generificadas, racializadas e sexuadas. Entretanto, isso não quer dizer que as identidades não possam ser reconstruídas e hibridizadas perante formas que subvertem as estruturas de poder.

A identidade de gênero como um devir se produz no seio de uma sequência múltipla de atos. O gênero se cristaliza numa forma que faz com que ele pareça ter estado lá o tempo todo. Entretanto, todo gênero é por definição, não-natural, e que não há uma relação necessária entre matéria e gênero. Gênero significa interpretar as normas existentes do gênero, organizando-as de uma nova maneira, em função de uma processualidade polimorfa.

Em síntese, o gênero é um ato ou uma sequência que está sempre e inevitavelmente ocorrendo incessantemente, sob um caráter socialmente construído [SALIH, 2009]. Sexualidade e gênero, portanto, são ficções culturalmente tecidas no interior de uma maquinaria simbólica patriarcal-heterocapitalista. Não é um atributo natural, mas uma estilização repetida de nossa virtualidade por meio de um conjunto de atos e habitus repetidos no interior de uma estrutura social altamente. Esta repetição de atos e habitus passa a materializar no sistema operacional coletivo a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser.

Constatado o caráter fictício das estruturas de poder dos corpos, identidade, gênero e sexualidade passam a se configurar um conjunto móvel de tecnologias de simulação no qual engendramos em nosso microsistema operacional. Gêneros prostéticos e sexualidades polimorfos que passam a delinear uma virtualidade fluída na qual coabitam uma multiplicidade de identidades multifacetadas.

O parentesco tem grande influência na cristalização do gênero na superfície. Considerado nas sociedades primitivas como uma instituição central, o parentesco hoje, torna-se problemático. PISCITELLI [1998] explica que nas sociedades mais primitivas a filiação consolidou-se como uma importante forma de organização social, política e econômica. Entretanto, na Era Moderna, apresenta-se como um domínio englobador reduzindo-se às relações familiares heteronormativas.

O sistema de programação heterocapitalista programou uma rígida divisão de gênero no espaço. Codificou-se os corpos em machos e fêmeas, homens e mulheres, incorporando a mulher numa lógica de dominação masculina. A submissão das mulheres passa a ser concebido como universal, passível de ser explicada pela associação das mulheres à natureza a ser dominada e a dos homens à cultura e a posse.

Para PRECIADO [2011], hoje o gênero é posto a serviço de uma política da reprodução da vida sexual, e torna-se indício de uma multitude. O gênero não é o efeito de um sistema fechado de poder nem uma ideia que recai sobre a matéria passiva, mas território do conjunto de dispositivos sexopolíticos [da medicina à simulação pornográfica, passando pelas instituições familiares] que serão o objeto de uma reapropriação pelas minorias sexuais.

Nesse sentido, o corpo não é só um dado passivo sobre o qual age o biopoder, mas também uma potência que se produz incessantemente a partir de incorporação próstética dos gêneros e de outras tecnologias de simulação. A sexopolítica torna-se não somente uma performance política, mas, sobretudo, um território de criação na qual se sucedem e se justapõem os movimentos feministas, homossexuais, transexuais, intersexuais, transgêneros... As minorias sexuais tornam-se multidões.

A simulação existencial na Era Moderna exigia da população uma ordem compulsória, sob uma coerência entre um sexo, um gênero e um desejo, que são obrigatoriamente heterossexuais. O heterossexualismo possui uma história e, portanto, em vez de ser natural, se revela como uma construção social manipulada em laboratório pelos autômatos hegemônicos do Império Patriarcal-Heterocapitalista para o governo dos corpos e para a manutenção de suas redes de poder no espaço.

O sistema operacional heterocapitalista codificou os corpos através de suas tecnologias de simulação, inscrevendo os microssistemas operacionais no circuito de engenharia de produção de corpos padronizados, normais e heterocodificados. Este sistema operacional é o motor de toda uma ordem simbólica que beneficia com o poder os homens que subordinam as mulheres e não se relacionam afetivamente [ou sexualmente] com outros homens. Ou seja, vivemos sob um regime de simulação de ordem heterossexista, onde só os indivíduos com desejos heterossexuais, aptos a manterem as máquinas sociais desta ordem [família, casamento e religião], são inseridos e aceitos neste regime de simulação.

Há uma necessidade de subverter a ordem compulsória, quebrando a obrigatoriedade entre sexo, gênero e desejo... Uma obrigatoriedade que vem a gerar impotência e castração dos corpos. A manutenção da ordem compulsória da heterossexualidade se dá através da repetição de atos, gestos e signos que reforçam a construção dos corpos masculinos e feminino, e também das masculinidades hegemônicas. Tratando-se de uma questão de performatividade das tecnologias de simulação que são codificados em nossos microssistemas operacionais coercitivamente.

A perspectiva da sexopolítica de BEATRIZ PRECIADO [2011], apesar de tomar Foucault como ponto de partida, contesta sua concepção de poder, segundo o qual, o biopoder não faz mais do que produzir as disciplinas de normatização e determinação das formas de produção existencial no espaço. Podemos compreender os corpos e as identidades dos anormais como potências políticas, e não simplesmente apenas como efeitos das tecnologias discursivas sobre o sexo. Isso significa que à história da sexualidade iniciada por Foucault devemos acrescentar novos capítulos.

A evolução da sexualidade está diretamente relacionada com a emergência do que PRECIADO [2011] denomina de Império Sexual. O sexo [os órgãos sexuais, a capacidade de reprodução, as tecnologias de gênero para o ordenamento patriarcal do espaço] é correlato ao capital. Em suas palavras [2011: 12]:

[...] A sexopolítica não pode ser reduzida à regulação das condições de reprodução da vida nem aos processos biológicos que se "referem à população". O corpo straight é o produto de uma divisão do trabalho da carne, segundo a qual cada órgão é definido por sua função. Uma sexualidade qualquer implica sempre uma territorialização precisa da boca, da vagina, do ânus. É assim que o pensamento straight assegura o lugar estrutural entre a produção da identidade de gênero e a produção de certos órgãos como órgãos sexuais e reprodutores. Capitalismo sexual e sexo do capitalismo. O sexo do vivente revela ser uma questão central da política e da governabilidade.

Segundo PRECIADO [2011], a análise foucaultiana da sexualidade é estritamente dependente da ideia de disciplina no século XIX, não levando em consideração a proliferação das tecnologias do corpo sexual no século XX: medicalização e tratamento das crianças intersexos, gestão cirúrgica da transexualidade, reconstrução e “potencialização” das masculinidades e das feminilidades normativas, regulação do trabalho sexual pelo Estado, boom dos simulacros pornográficos, que acabam por regulamentar padrões heteronormativos de simulação sexual no sistema operacional coletivo.

As tecnologias discursivas contemporâneas da heteronormatividade são marcadas por um terrorismo contínuo. Há uma força de captura do desejo a cada enunciado que incentiva ou inibe comportamentos, a cada insulto ou piada homofóbica. Passamos a interiorizar essas verdades como se fossem uma pele, algo que está conosco desde o nosso

nascimento, o que nos faz esquecer os inúmeros, cotidianos, reiterados "ensinamentos": a sexualidade normal e natural é a heterossexualidade. As performatividades transgressoras de gênero que se articulam fora dessa amarração heterocapitalista são postas às margens, analisadas como identidades transtornadas, anormais, psicóticas, aberrações da natureza, coisas esquisitas [BENTO, 2011].

No seio do heteroterrorismo, o armário ganha contornos formadores de modos de vida, configurando-se como um processo de vivência da sexualidade, sobretudo o armário tecnodigital - tecnologia de simulação difundida pelas próteses eletrônicas da tecnocultura. Os territórios prostéticos do ciberespaço permitem uma maior liberdade de expressão em decorrência de sua desterritorialização dos espaços tradicionalistas e disciplinares. Entretanto, muitos destes espaços desterritorializados passam a funcionar como um novo tipo armário, tais como os aplicativos de encontro, regulando a produção desejante dos homossexuais que buscam vivências ocultas.

Para SEDWICK [2007], em um nível molecular, até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas. O armário não é um atributo apenas dos sujeitos gays. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental de organização de sua vida social, tornando-se ainda, uma presença formadora. Nas palavras da autora [2007:22]:

[...] a epistemologia do armário deu uma consistência abrangente à cultura e à identidade gays, ao longo do século XX, não significa negar que possibilidades cruciais em torno e fora do armário passaram por mudanças importantes para as pessoas gays. Há riscos em enfatizar a continuidade e centralidade do armário numa narrativa histórica que não tenha como fulcro uma visão de salvação – situada no passado ou no futuro – de sua ruptura apocalíptica. Uma reflexão que careça dessa organização utópica arriscará exaltar o próprio armário, ainda que apenas por omissão; arriscará apresentar como inevitáveis ou válidas, de alguma forma, suas exigências, deformações, a impotência que causa a pura e simples dor. Se vale a pena correr os riscos, é, em parte, porque as tradições não utópicas da escrita, do pensamento e da cultura gays continuaram produtivas para os pensadores gays posteriores de forma inexaurível e esplendorosa, na falta de uma leitura racionalizante ou mesmo generosa de sua política. Numa escala muito mais ampla e com uma inflexão menos honorífica, a epistemologia do armário também tem sido produtora incansável da cultura e história do ocidente como um todo. Embora isso possa ser razão

suficiente para tomá-la como tema de questionamento, não deve constituir razão bastante para focar no escrutínio daqueles que habitam o armário (ainda que equivocadamente), à exclusão daqueles na cultura heterossexista ambiente que o prescrevem e para cujas necessidades representacionais íntimas o armário serve de maneira menos extorsiva.

MISKOLCI [2007] constata que o armário se torna então, uma forma de regulação da produção existencial de pessoas que se relacionam com outras pessoas do mesmo sexo, que temem as consequências nas esferas familiar e pública. Ele se baseia no segredo, na “mentira” e na vida dupla, que forma uma tríade que produz mecanismos de proteção que aprisionam e geram consequências psíquicas e sociais àqueles que nele se escondem. Dividir-se em dois, manter uma fachada ilusória entre si mesmo e aqueles com quem convive, exige muito esforço e capacidade para suportar o medo de ser descoberto.

Este medo cria o temor cria nos indivíduos, uma necessidade de estar sempre atento para sinais que denunciem sua intimidade e seus desejos, evitar lugares e pessoas que o associem a uma identidade temida pelo mesmo, força para agir contra seus próprios sentimentos e manter o compromisso com a ordem social heterossexista que o rejeita, controla e o poda das mais variadas formas. Conforme MISKOLCI [2007: 58]:

Viver no armário é a experiência mais marcante na constituição das subjetividades desses sujeitos de desejos secretos, amores ocultos e relações aprisionadas na intimidade. Estes homens e estas mulheres, evitando a rejeição familiar e social, contribuem para manter suas instituições e valores. É difícil precisar, mas impossível ignorar, como as famílias se mantêm unidas e como o espaço público parece tão esmagadoramente heterossexual graças a este dispositivo, no qual a vontade individual se mescla à contribuição para o próprio assujeitamento e subordinação.

O autor salienta que apesar do exposto, não é possível cair na culpabilização de quem vive no armário, pois o temor da rejeição e da violência tem fontes reais. Levantamentos estatísticos comprovam o alto número de ataques físicos e, sobretudo, verbais a homossexuais. A injúria, a experiência de ser xingado e, portanto, desprezado e humilhado, incentiva o segredo e a busca de invisibilidade. Em nossa modernidade, período em que discursos sobre a “crise da masculinidade” mascaram formas mais sofisticadas de homofobia, também percebemos uma reativação do armário, haja vista a relação direta

entre ele e contextos homofóbicos [MISKOLCI, 2007].

Para GUATTARI [1981], a homossexualidade continua ligada aos valores e aos sistemas de interação da sexualidade dominante, sua dependência da normalidade heterossexual se manifesta por uma política do desejo, uma clandestinidade alimentada pela repressão e também por um sentimento de vergonha. A homossexualidade não é mais um caso de moral, mas de perversão. Nesse sentido, a homossexualidade deve, portanto, contestar o poder heterossexual em seu próprio território de poder. O problema está deslocado, o poder falocrático tende a ser questionado, a princípio pelo agenciamento entre a ação das feministas e dos homossexuais. Há de se fabricar deste movimento, potências criadoras de novas subjetividades de descodificação dos valores culturais hegemônicos.

A maquinaria simbólica do sistema de programação heterocapitalista permeia toda e qualquer produção desejante que estejamos estabelecendo nos dias atuais. Os nossos corpos comportam-se de acordo com um mosaico comportamental limitado pela norma e pela moralidade severa da heteronormatividade, e transgredir aos sistemas de programação majoritários demanda movimentos de resistência e criação constantes.

Não basta só investir em uma simulação política calcada na micropolítica. A micropolítica é importante e demanda movimentos revolucionários. Entretanto, os grupos e ações coletivas se tem dispersado a cada dia. Em tempos de reivindicações e transformação social, se faz importante a interconexão entre frentes de forças minoritárias para a confluência de novas unidades políticas para um engajamento revolucionário a nível macropolítico. Os grupos minoritários, através de suas unidades políticas, podem se agenciar entre si, aumentando a potência de suas atuações transformadoras.

Conforme SILVA [2011], o heterocapitalismo deve ser combatido enquanto ele estiver regulamentando a vida social e sexual das pessoas a partir de um conjunto de normas e papéis sociais preestabelecidos, o que gera uma estrutura de práticas violentas contra as minorias que não estão de acordo com o aparato oferecido por esta norma, ancorando seus discursos sexistas na cultura, na moral e nos “bons costumes”.

Deleuze acredita que a homossexualidade não é uma categoria sexológica, ela não é somente o que acredita ser ou o que se diz a si mesmo imediatamente. O paradoxo da homossexualidade na contemporaneidade é o reivindicar o próprio nome, fazendo com que

ao mesmo tempo ele signifique bem mais uma outra coisa [SCHÉRER, 1999].

MAGNAVITA [2008] propõe, a partir de DELEUZE & FOUCAULT, uma arqueologia gay. Que seria uma arqueologia do presente, em que tomamos as coisas para extrair delas as suas visibilidades. Não se trata, em absoluto, de procurar um modelo dito ideal que sirva como norma moral para os gays, mas - retomando Nietzsche - descobrir como a arte da vontade de potência permite a invenção de novas possibilidades de vida, novos devires: um "ser gay" que se inventa, um "ser" enquanto verbo atuante em nosso tempo, jamais como substantivo-modelo de uma época passada. Não se trata, portanto, de seguir um modelo, mas de criar um modo de vida que admita a pluralidade de inter-relações.

Os corpus da multidão *queer* aparecem no centro de um novo movimento de pulsação política de desterritorialização do heterocapitalismo. Para se desterritorializar é preciso, então, falar de desterritorialização do espaço majoritário, e não da periferia. Esse processo geopolítico de desterritorialização do corpo obriga a resistir aos processos do tornar-se "normal", engajando-se em um devir-revolucionário descodificado do estado majoritário edipiano do Império Patriarcal-Heterocapitalista.

A descodificação das ficções científicas do heterocapitalismo abre caminhos para a metabolização de uma nova epistemologia e de novas forças de transgressão que combatem os valores que regulamentam a vida afetiva e a produção desejante da população, abrindo passagens para a fertilização de novos valores e novos vetores de simulação descodificados dos estratos majoritários do Império Patriarcal-Heterocapitalista.

O homem macho, branco, heterossexual e adulto da modernidade não tem devir, pode devir mulher, negro, homossexual, abjeto e tornar-se minoria. O devir-mulher, para Deleuze, consiste em uma composição de vida descodificada das identidades, trazendo consigo a maquinação de um novo corpus transumano: fendido de um eu cartesiano, separado de sua natureza. Todo homem para devir-minoria, deveria passar antes pelos fluxos do devir-mulher. É emergir através dos fluxos e movimentos, produzindo novos cortes existenciais aos estratos reacionários do patriarcalismo e do heterocapitalismo.

Se trata, portanto, de fazer com que os fluxos do indivíduo territorializado na norma do heterocapitalismo entrem em ressonância com as da mulher para que uma nova performatividade política possa emergir. Sugere habitar as zonas da mutabilidade e da

reinvenção constante para novos focos de transformação na Terra. Não deixar ser engolido pelas representações e nunca ficar preso a uma identidade fixa. Nas palavras de GUATTARI [1981: 35]:

Por não estar tão longe do binarismo do poder fálico, o devir mulher pode desempenhar este papel intermediário, este papel de mediador frente aos outros devires sexuais. Para compreender o homossexual, dizemos que é pouco "como uma mulher". E muitos dos próprios homossexuais entram nessa jogada um tanto normalizadora. O casal feminino-passivo/masculino-ativo permanece assim uma referência tornada obrigatória pelo poder, para permitir-lhe situar, localizar, territorializar, controlar as intensidades do desejo. Fora dessa bipolaridade exclusiva, não há salvação: ou então é a caída no absurdo, o recurso à prisão, ao asilo, à psicanálise etc. O próprio desvio, as diferentes formas de marginalismo são codificadas para funcionar como válvulas de segurança em suma, as mulheres são os únicos depositários autorizados do devir corpo sexuado. Um homem que se desliga das disputas fálicas, inerentes a todas as formações de poder, se engajará, segundo diversas modalidades possíveis, num tal devir mulher.

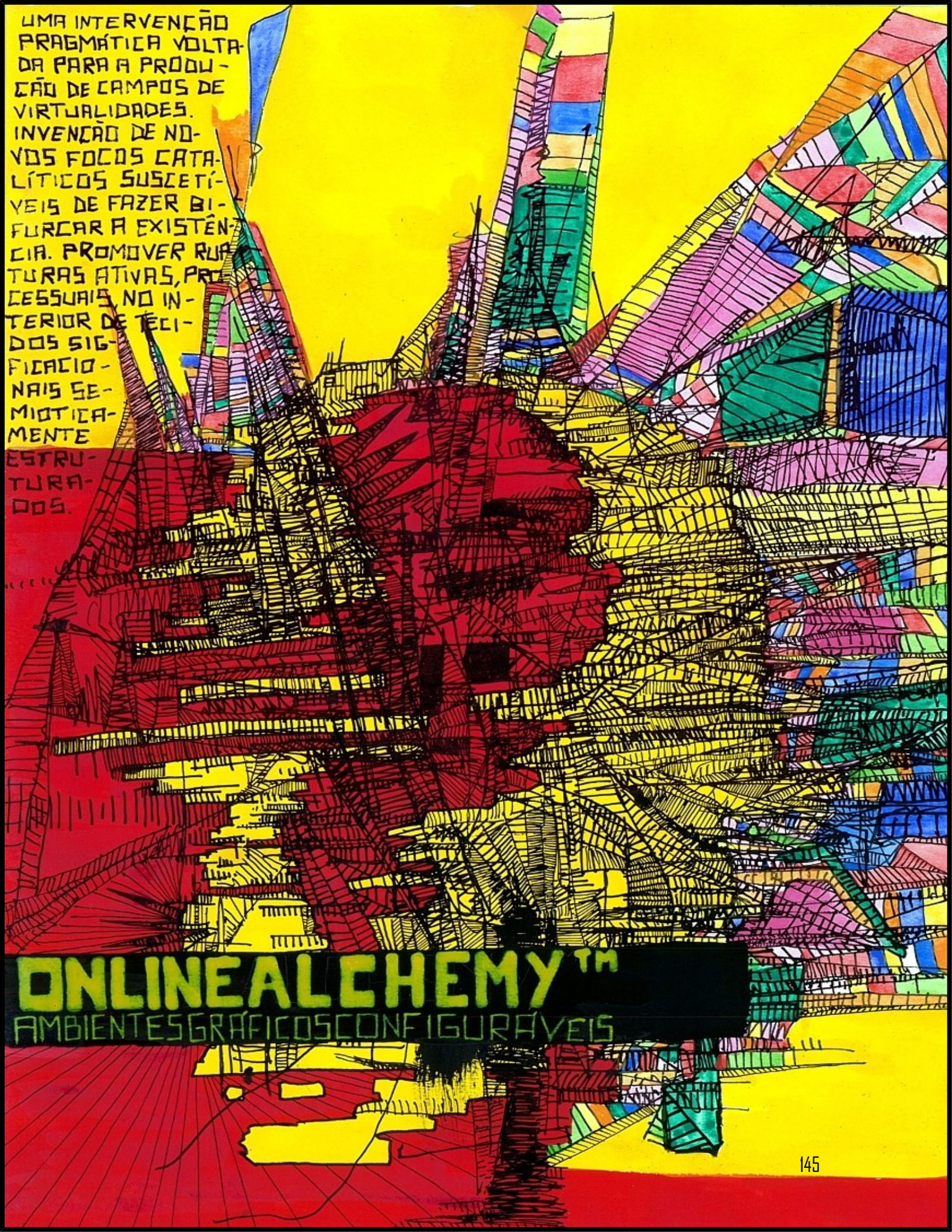
Uma ficção política global e reguladora da produção desejante dos homossexuais na contemporaneidade é o da masculinidade hegemônica. O conceito de masculinidade hegemônica não equivale estritamente a um modelo universal de reprodução social, mas há múltiplas masculinidades subordinadas umas às outras que legitimam a estrutura de poder heterocapitalista. Há uma diversidade de masculinidades que se complementam e se atravessam contraditoriamente.

O conceito de hegemonia foi proposto por GRAMSCI para compreender a dinâmica das relações de classe, mas que depois foi ressignificado para a compreensão das relações hierárquicas de gênero e sexo. Conforme CONNEL & MESSERSCHMIDT [2013], a masculinidade hegemônica é normativa e incorpora a forma mais “honrada” de ser um homem. Ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela, mantendo ideologicamente a subordinação global das mulheres e homossexuais ao modelo de simulação hegemônico do homem macho, branco, heterossexual, bem dotado, burguês e boa pinta.

Nas palavras de CONNEL & MESSERSCHMIDT [2013: 245]:

Homens que receberam os benefícios do patriarcado sem adotar uma versão forte da dominação masculina podem ser vistos como aqueles que adotaram uma cumplicidade masculina. Foi em relação a esse grupo, e com a complacência dentre as mulheres heterossexuais, que o conceito de hegemonia foi mais eficaz. A hegemonia não significava violência, apesar de poder ser sustentada pela força; significava ascendência alcançada através da cultura, das instituições e da persuasão.

Diante do exposto, torna-se pertinente uma rejeição desta ordem social colocando a sexualidade no plano imanente de criação e resistência contínua. O delineamento de uma Máquina de Guerra contra o Império Patriarcal-Heterocapitalista, pode envolver o remanejamento de táticas e estratégias contra as forças de captura que estão a nos fixar na norma de suas simulações reacionárias. É a máquina revolucionário produtora de novas potências que permitem bifurcar com as representações majoritárias do Império Patriarcal-Heterocapitalista.



UMA INTERVENÇÃO
PRAGMÁTICA VOLTA-
DA PARA A PRODU-
ÇÃO DE CAMPOS DE
VIRTUALIDADES.
INVENÇÃO DE NO-
VOS FOCOS CATA-
LÍTICOS SUSCETÍ-
VEIS DE FAZER BI-
FURCAR A EXISTÊN-
CIA. PROMOVER RUA-
TURAS ATIVAS, PRO-
CESSUAIS, NO IN-
TERIOR DE TELI-
DOS SIG-
NIFICACIO-
NAIS SE-
MIOTICA-
MENTE
ESTRU-
TURADOS.

ONLINEALCHEMY™
AMBIENTES GRÁFICOS CONFIGURÁVEIS

AS EXPERIÊNCIAS HOMOSSEXUAIS NA CONTEMPORANEIDADE

A etnografia virtual na maior aldeia de sociabilidade de homossexuais brasileiros no Facebook ocorreu por meio de uma sistematização de práticas discursivas e produção de sentidos. Tecnologia metodológica que subsidiou a interpretação dos atuais processos de produção existencial que maquinam as experiências homossexuais na contemporaneidade.

O grupo surgiu no ano 2011. Em um ano, o grupo atraiu mais de 3 mil membros e hoje já conta com 7.195 membros. São indivíduos que buscam por compartilhamento de ideias, união, divertimento, agenda cultural e espaço político para a voz. É uma aldeia molecular que preza pelo respeito e uma boa interação entre seus os membros.

DESCRIÇÃO

Seja bem-vindo ao CARPE NOCTEM!

- Machismo e nenhum discurso de ódio
passará -

Primeiro de tudo: Respeite todos os membros
e suas opiniões.

A entrada no grupo é livre. Caso o cibernauta queira, ele pode vir a se identificar em uma postagem de apresentação fixada pelos moderadores do grupo. Os membros podem vir a se interagir com perfis “reais” ou fictícios, não há normas enquanto a isso. Só não é permitido a entrada de mulheres e homens heterossexuais. Há uma postagem fixa com a história e algumas regras de sociabilidade do grupo:

21 de junho às 00:16 · Editado

Seja bem-vindo ao CARPE NOCTEM!

- Machismo, post com teor provocativo e nenhum discurso de ódio passarão -

O QUE SOMOS?

Grupo secreto no Facebook voltado a homens (exceto cis hetero), com objetivo de promover reuniões presenciais, participar de pautas políticas e ir para as ruas lutar contra LGBTfobia!!!!

PRÓXIMAS LUTAS

SP - 27/6 - 15hrs - Ato em desagravo a Viviany Beleboni e CXDHM
<https://facebook.com/events/113614145640267/>

O Carpe Noctem está apoiando as manifestações CONTRA A REDUÇÃO DA MAIOR IDADE PENAL.

O próximo dia 30/6 será nas ruas, acompanhe o grupo que receberá maiores informações.

#NãoàRedução

HISTÓRIA

O grupo foi criado em 2011 sem nenhuma pretensão. Era um espaço para discussões virtuais de assuntos como música, cinema, sexo e alguns encontros/festas.

Mas devido a grande quantidade de membros com opiniões misóginas, machistas, transfóbicas, lesbofóbicas, foi criado em 2015 o Conselho Carpe Noctem.

O Conselho funciona como um grupo de auxílio a administração, é formado por membros antigos e ex-administradores.

Ficou determinado então que o grupo não toleraria qualquer tipo de discriminação e assumiria sua posição política voltada a esquerda e a defesa dos direitos humanos.

A partir de então, o Carpe Noctem tornou-se um grupo com objetivo de estar ativo nas ruas lutando contra a LGBTfobia.

ELAS NÃO ESTÃO AQUI?

O grupo mantém sua origem democrática e a eleição está rolando para a inclusão delas. ❤️

<https://www.facebook.com/groups/carpe.noctem/permalink/848455278543597/>

Embora o criador e os administradores prefiram a presença de pessoas com identidade de gênero feminina.

REGRAS

Além de não tolerarmos discriminação, tem umas outras coisinhas.

- Divulgação de eventos com fins lucrativos.
- Publicações com intuito de criar flame war e provocações ideológicas injustificáveis.
- Conteúdo qual o Facebook entende como pornográfico.

Um pouco da história passada do grupo:

<http://noticias.uol.com.br/ult.../cienciaesaude/ultnot/multi/...>



Figura IX: Print da postagem de apresentação, histórico e regras do grupo [Julho/2015].

A sistematização de práticas discursivas por meio da produção de mapas, delinearam as unidades de construção que demarcam os campos de possibilidades, atuação e reconstrução das virtualidades de homossexuais, imersos em um território de poder que tem como arranjo simbólico, o heterocapitalismo - sistema de programação de regulação de nossa produção desejante.

Através da formação materialista do espaço, contata-se que o espaço geográfico no qual estes jovens estão emergidos, se foi sedimentado sob um regime regulador heterocapitalista, mantido por forças hegemônicas que pré-programam os microssistema operacional em interconexão com seu regime de signos dominante, que tem como sistemas de programação as masculinidades hegemônicas, os papéis fixos de gênero e os espetáculos

capitalistas.

O território contemporâneo se foi estruturado por meio de uma maquinaria simbólica essencialmente heterocapitalista, marginalizando os indivíduos que não estão de acordo com o arranjo normativo codificado no sistema operacional coletivo. Em face da mutação tecnocultural que nos atravessa, os novos engendramentos maquínicos têm permitido novos conjuntos de ação e resistência aos homossexuais, que podem se agrupar pelo afeto e promover novos catastrofismos aos conjuntos normativos, reacionários e universais do Império Patriarcal-Heterocapitalista.

Conforme MISKOLCI [2012] os territórios on-line se estendem e se aproximam da maioria que vive na periferia, em cidades médias, pequenas ou mesmo na zona rural. Além disso, para pessoas que jamais quiseram [ou puderam] se expor de forma a frequentar algum nicho claramente gay, a rede maquínica criou a possibilidade de criarem novas redes de inter-relações.

Os homossexuais, por estarem circunscritos em um núcleo territorial neoconservador, encontraram no ambiente simulado da web uma forma de conhecer parceiros e até fazer amizades sem a necessidade de uma evidente exposição de seus desejos num espaço público da materialidade preexistente. E através de suas ações moleculares, podem agenciarem forças que os fazem divergir do estado majoritário do heterocapitalismo e até mesmo promover forças de transgressão ao espaço material da heteronormatividade promovendo uma desterritorialização do estado majoritário do espaço.

A intersubjetividade de homossexuais na contemporaneidade partilha de diferentes construções identitárias, híbridas e plurais, em interconexão com o território no qual a prática ocorre. Estas construções são evidenciadas através das enunciações discursivas e dos ciberagenciamentos tecidos em rede. Conforme MOITA LOPES [2003: 20]:

O sujeito usa a linguagem a partir de suas marcas sócio-históricas ainda que certos traços identitários sejam suspensos em algumas práticas discursivas ou em alguns posicionamentos interacionais em uma mesma prática discursiva ou que possam se tornar mais relevantes em algumas práticas ou em certos posicionamentos interacionais.

Nesse sentido:

Os conceitos de identidade e self tendem a ser associados com o foco interacional, no qual as pessoas constroem sua própria identidade individual ou coletiva no discurso. O pano de fundo para essa perspectiva são as identidades inquietantes no fluxo da modernidade tardia – a luta para encontrar identidades é um dos temas mais difundidos da modernidade tardia e um dos focos mais nítidos das reflexões da modernidade tardia [CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999: 96].

As unidades de produção das experiências da tribo homossexual perpassam por aldeias sociais da materialidade preexistente: a família, a escola, a universidade, o mercado. E pelas aldeias desterritorializadas do ciberespaço: as redes sociais, os sítios eletrônicos, entre outras aldeias moleculares. Estas unidades de produção existencial não estão separadas entre si, mas interconectadas sob uma mesma textura social, de produção de experiências e novas práticas de simulação existencial.

A natureza híbrida do ciberespaço se processa por múltiplos dispositivos de simulação de nossa virtualidade. São territórios que agrupam pelo afeto, onde as tribos, nômades e heterogêneas, passam a se misturar sob um mesmo organismo biocomputadorizado. Seu funcionamento ocorre em face de dois núcleos de produção existencial que estão a dar registro a sua textura: o núcleo territorial e núcleo molecular.

O núcleo territorial expressa a paisagem cristalizada. É o real equipado por simulacros globais do sistema dominante: simulacros da moda, da publicidade, da indústria cultural eletrônica e da macropolítica mundial. Um real que está sempre atualizando as camadas das aldeias moleculares de acordo com os acontecimentos do globo e com as atuações moleculares. Este núcleo se autoproduz sob três nichos de subjetivação intercambiantes de produção social:

<< nicho hegemônico >>

Agrega aqueles que ainda estão capturados no sistema de programação do Império Patriarcal-Heterocapitalista através de suas tecnologias de simulação globais: a heterossexualidade compulsória, as masculinidades hegemônicas e os simulacros do consumo de massa;

<< nicho transgressor >>

Concentra aqueles que estão engajados em simular uma política de cunho revolucionárias e revolucionária De luta social e de descodificação das estruturas de poder que lhes oprimem;

<< nicho intermezzador >>

Concentra aqueles que caminham pelas fronteiras, entre o núcleo hegemônico e o núcleo transgressor, no seio de identidades intercambiantes. Muitos que agregam este núcleo estão em uma fase de descoberta e de assentamento de seu engajamento ético-político.

O núcleo molecular representa a ação e também, a resistência. É a produção da experiência e de uma memória que decorre da pluralidade de interconexões que o circuito integrado do ciberespaço proporciona. É no centro deste processo, que cada autômato vai construindo sua experiência e produzindo ação e resistência no polo territorial através de suas forças de transgressão.

Os homossexuais encontram no Facebook uma terra fértil e híbrida para a diferença, como também, podem vir a lidar com discursos de preconceitos e estereótipos, geralmente vinculados aos simulacros da masculinidade hegemônica do núcleo territorial hegemônico. Para alguns, a maquinaria do ciberespaço pode vir a se constituir como um armário maquinico em decorrência de sua desterritorialização. Cabem aos homossexuais, através de suas ações moleculares, se constituírem como uma força de transgressão frente as forças de captura que estão a lhe fixar na norma e nos simulacros do heterocapitalismo.

Conforme MILSKOLCI [2012], as tecnologias digitais trouxeram algumas novidades na afetividade e na esfera amorosa, como a possibilidade de visualizar, pela primeira vez, o universo de parceiros em potencial, ampliá-los numericamente e, sobretudo, a possibilidade de escolher como nunca antes. Dependendo da rede, podemos ter acesso há um mosaico descritivo de escolha. Passando por descrições numéricas, fotos ou ainda, por formulários e mecanismos de busca que permitem escolher quase tudo do possível parceiro: idade, altura, peso, cor de pele, cabelos, olhos e até mesmo tamanho do órgão genital.

Muitos homossexuais que buscam parceiros sexuais ou afetivos na web, usam como critério de seleção a “fita métrica”, um simulacro reacionário que tem se tornado um filtro de seleção difundido nas relações on-line entre os homossexuais no núcleo hegemônico. De acordo com MISKOLCI [2012], os perfis de busca de parceiros com frases como: “não respondo a ninguém com menos de 1,80m”, “nem entre em contato se não for malhado” ou “ignoro mensagens de caras com mais de 25 anos” deixam claro que as interações online, ao menos entre esses homens, tendem a ser muito mais regidas por padrões corporais de uma masculinidade hegemônica

Em âmbito geral, percebe-se uma autoconsciência política crítica por parte dos cibernautas ativos na aldeia analisada. É importante para o homossexual ter a tomada de autoconsciência de que o território que se vive é revestido por forças de captura de inserção a um regime heterocapitalista. A autoconsciência torna o indivíduo mais ativo na luta, estando sempre a borda da emancipação política e de seu estado majoritário.

Em geral, nota-se também pelas postagens do grupo uma grande quantidade de discursos de discriminação, preconceitos e afirmação de estereótipos àqueles que escapam as tecnologias de simulação da masculinidade hegemônica - uma estrutura simbólica violenta de inserção dos indivíduos a quadros de padronização do desejo a modelos majoritários do heterocapitalismo.

Você pode simular uma identidade homossexual, mas desde que esteja codificado na norma do homem branco, musculoso, macho, rico e bem-dotado. Se você não se enquadra a este regime regulamentador, você está à margem do núcleo hegemônico homossexual.

O núcleo hegemônico homossexual é um polo reacionário de produção existencial que tem como grande força de captura, as ficções culturais das masculinidades hegemônicas, que tem como modelo de simulação, o homem viril, ativo, bem-dotado e não-afeminado do heterocapitalismo. É um modelo violento, que gera angustia entre os homossexuais que se esforçam para se enquadrarem a este modelo e também, discriminação àqueles que estão engajados em outras performatividades de gênero.

A cultura do núcleo hegemônico homossexual é circunscrita no regime de signos do heterocapitalismo, o que vem a gerar uma pluralidade de estereótipos entre os próprios membros da tribo, constituindo-se como fulcro para preconceitos e homofobia entre os próprios homossexuais. O desejo pela masculinidade hegemônica faz com que os homossexuais simulem uma masculinidade padrão, fixada na imagem de um homem cristalizado na ordem fálica do heterocapitalismo.

Apesar de simularem uma identidade homossexual, muitos estão a se moldar aos valores e as tecnologias de simulação de uma masculinidade hegemônica que vem a subalternizar os homossexuais do núcleo transgressor, que estão a simular uma política emancipatória dos sistemas de programação do heterocapitalismo. Os que se inserem no regime hegemônico, estão a simular o jogo do opressor, legitimando a sua ficção política.

sou gay e adoro ser livre para falar que gays podem ser uns putas retardados enviesados que enxergam preconceito em tudo e acham que existe alguma consistência no argumento de "homofobia simbólica" - falo isso com tranquilidade na mente pq "gay" não é uma entidade social uníssona livre de imbecilidades só pq algum pateta fala que "estou do lado do opressor". [postagem 12, comentário 19]

A vítima" - ô maniazinha da esquerda de coletivizar tudo, como se coletivos tivessem algum valor moral. Gays não são vítimas ou mais ou menos que qualquer outro cidadão. Passam por problemas específicos que estão bem longe de caracterizar essa imagem mental terrível que os guardiões da justiça social tentam passar. [postagem 12, comentário 07]

Os comentários acima eram destinados a uma postagem perguntando se os cibernautas da aldeia estavam assistindo ao Programa de humor CQC do canal Bandeirantes, onde conforme o autor, estavam denegrindo os homossexuais com piadas de mal gosto e afirmação de estereótipos. Se constata por alguns quadros do programa, piadas

que remetem a homofobia, a transfobia e ao machismo. O programa é de circulação nacional e condiz com o regime simbólico da ordem heterocapitalista, equipando o programa com discursos neoconservadores e códigos de captura aos simulacros globais.

esse programa é repleto de discurso fascista, só quem é cego não percebe.
[Postagem 12, comentário 04]

[...] pânico e cqc só servem para aumentar ainda mais o machismo no Brasil... por isso que a massa é tão reativa aos problemas reais do mundo!.
[Postagem 12, comentário 05]

O CQC infelizmente é cheio de piadas homofóbicas e transfóbicas. É super comum. A Dani Calabresa faz esse tipo de piada, por exemplo. Vários quadros são transfóbicos ou homofóbicos. O programa é permeado por essas piadas preconceituosas. Não sei se já teve alguma edição na história do CQC que não tenha tido nada de homofobia ou transfobia.
[Postagem 12, comentário 06]

A mídia é uma máquina de ficção cultural preenchida por um conjunto de signos que vem a ordenar a manutenção da maquinaria simbólica do Império Patriarcal-Heterocapitalista. Programas de humor como Pânico e CQC estão repletos de signos e enunciados que vem a legitimar os papéis de gênero, a homofobia e as masculinidades hegemônicas.

O sistema operacional coletivo é equipado por forças de captura [habitus, normas, regras, leis e simulacros globais] que estão a fixar nosso desejo a quadros de normatização e padronização cristalizados no decorrer da história sob um regime de signos patriarcal e heterocapitalista.

As aldeias socializadoras que compõe a produção social contemporânea, se interconectam para a regulação da cadeia simbólica patriarcal e heteronormativa da Máquina Civilizada Capitalista. A família, a escola, o mercado e a mídia, são maquinadas simbolicamente para assegurar o ordenamento e a manutenção dos regimes de signos dominante.

As tecnologias discursivas do heterocapitalismo vem sendo desconstruídos em decorrência do movimento feminista e dos estudos pós-estruturalistas de gênero. Temos neste contexto, o movimento gay, que busca pelo delineamento de novas experiências e práticas sociais na busca de uma aceitação social maior, de uma descodificação do estado majoritário do corpo e de outras formas de simular suas identidades, outras formas de manipulação virtual de nosso microssistema operacional. São as forças de transgressão das tribos minoritárias que vão contestar os simulacros globais do Império Patriarcal-Heterocapitalista.

Uma postagem interessante e que recebeu bastante receptividade foi a de um membro que postou uma imagem da personagem de desenho animado Peppa segurando um troféu de “garota mais rodada”. Não houve discursos discriminatórios. A gíria “rodada” indica uma pessoa que possui múltiplas relações afetivas e/ou sexuais.

Para algumas amiguinhas do grupo 😊😊



Figura X: Postagem [03] - Prêmio de garota mais rodada. A gíria “rodada” indica aquela pessoa que possui várias relações afetivas e/ou sexuais ao mesmo tempo.

“Se fosse ht era pegador, mas com gays e mulheres é rodado. Mas mesmo assim obg pelo prêmio.” [Postagem 03, comentário 23]

Este comentário explora o preconceito a poligamia. Não se sabe qual foi intenção do autor da postagem com a imagem, o mesmo não se pronunciou, apenas diz ser uma postagem para “algumas amiguinhas do grupo”.



Figura XI: Postagem [03] – Comentário 05.

Esta postagem vem a romper com a monogamia, um sistema de simulação do patriarcalismo onde há a união de dois indivíduos, codificados em papéis de gênero distintos para a formação de um casal estável, geralmente para a formação de uma família nuclear colonial e burguesa. Um sistema endurecido no heterocapitalismo e em seus códigos de captura edipianos.

Com a fragmentação da identidade homogeneizante, os grupos sociais passam a não se reconhecer nas representações sociais tradicionais e universalizantes da Máquina Civilizada Capitalista. Nesse sentido, novas performatividades surgem, tais como, o amor livre, a poligamia e outras performatividades de gênero, oferecendo novos estados de

emancipação ao desejo e novos sistemas de autopoiese no espaço.

Com a descodificação dos sistemas de simulação do Império Patriarcal-Heterocapitalista que inibem a livre produção desejante, os homens se veem confrontados a dar vazão a novas performatividades de gênero, em um movimento de reconstrução contínua de suas virtualidades. Não somos unidades coerentes. Mas sim, fluxo de virtualidade que se está a todo instante se transmutando de imagem-movimento em decorrência da mecânica biopsíquica do devir - das passagens virtuais e fluxos eletromagnéticos que circulam entre os corpos. O corpo como um fluxo virtual de imagem-movimento não reconhece estrutura de circunscrição do desejo a quadros de padronização em massa para a disciplina e o controle social.

A virtualidade é livre em sua produção desejante. Nesta perspectiva, teríamos uma produção existencial mais ligada aos afetos, fluxos de intensidade e devires que percorrem as máquinas animadas, do que pelas tecnologias de simulação da Máquina Civilizada Capitalista que mortificam a carne e arruinam a mente. Os fluxos gênicos estão a se misturar. Entre um homem e uma mulher perpassam múltiplas intersexualidades.

Os gêneros prostéticos, as sexualidades polimorfos e as identidades multifacetadas são tecnologias de simulação que passam a dar consistência ao sistema lógico-operacional de nosso sistema de software... sistemas morfogênicos de produção existencial que passamos a engendrar em nosso microssistema operacional. Neste contexto, passamos a simular nosso fluxo incorpóreo em conexão com o suporte lógico-operacional modulado em nosso sistema de software.

Cada autômato deveria se autoproduzir em função de sua potência enquanto ela acontece em ato, metamorfoseando nosso hardware de imagem-movimento a cada conexão que vem a gerar diferença em nosso estado de corpo, no jogo de uma multiplicidade de interconexões que se atravessam e se hibridizam num eu plural e fendido de uma identidade imutável.

Os papéis de gênero são mutáveis. Os gêneros são tecnologias de simulação a serem engendrados em nosso sistema de software onde o masculino e o feminino se misturam. A maquinação virtual está sujeito a consideráveis variabilidades perante os devires que nos encarna. Os devires não reconhecem estruturas fixas e imutáveis. Entre o masculino e o

feminino existe uma replicação de intersexualidades que se hibridizam entre si. As mulheres podem exercer atividade em diferentes áreas que eram tidas como masculinas, e os homens podem conviver com suas tribos masculinas com um alto grau de passiva docilidade. Não há mais padrões universais capazes de definir e enquadrar nossa produção desejante a quadros normativos e reguladores. A descodificação dos corpus das escrituras científicas da Máquina Civilizada Capitalista tende a nos territorializar a novos vetores de simulação virtual nonde coabitam uma transversalidade de identidades móveis e multifacetadas que não reconhece estrutura fixa de gênero.

Os homossexuais passam, num primeiro momento, por uma construção simbólica e discursiva de suas masculinidades, geralmente ramificadas nos códigos do heterocapitalismo que os fixam nas codificações padronizadas e majoritárias. Essa construção ocorre na infância e na juventude, e em alguns, pode até chegar na fase adulta.

A família nuclear heterocapitalista, circunscrita no regime simbólico edipiano, é a engrenagem capitalista responsável por territorializar os indivíduos nos sistemas de programação do patriarcalismo e da heteronormatividade, através de habitus e valores enraizados no sistema operacional coletivo. Os indivíduos crescem no seio de um arranjo normativo essencialmente heterocapitalista, acreditando que a heterossexualidade é algo inerente à sua essência. E que qualquer fluxo que fuja a norma, é tido como perversão ou anormalidade.

A escola é uma engrenagem onde os homossexuais podem tecer sua autodescoberta, mas que ainda assim é um ambiente equipado com uma pluralidade de forças de captura: preconceitos, discriminação, desconhecimento. Por isso a educação de gênero e sexualidade é um instrumento político extremamente importante e que deve ser incluído nos currículos educacionais.

A emancipação desejante é singular. Para alguns, a descoberta e a aceitação são momentos difíceis de lidar. Geralmente são indivíduos bastante enraizados nos sistemas de programação majoritários do Império Patriarcal-Heterocapitalista. A simulação da homossexualidade ocorrerá perante os afetos e experiências que percorrerão o cotidiano. É possível se autoconstruir independentemente das ficções políticas da sexualidade, sobretudo dos simulacros heteronormativos de ativo e passivo que maquinam as relações sexuais entre

os homossexuais.

Como um espelho da heterossexualidade, a homossexualidade hegemônica é codificada na norma falocêntrica, em um núcleo normalizador que marginaliza, inclusive, aqueles que estão engajados em seu devir-revolucionário ou em performatividades transgressoras de gênero.

Apesar de ter recebido poucas curtidas e comentários, houve uma postagem com um cunho interessante e polêmico: um artigo sobre homens que frequentavam casa secreta em Nova Iorque, Estados Unidos, para agir e vestir como mulheres.



Figura XII: Postagem [11] - Artigo sobre homens que frequentavam casa secreta em Nova Iorque, Estados Unidos, para agir e vestir como mulheres.

Houve apenas 4 comentários apesar das 14 curtidas que a postagem recebeu. Os comentários referiam-se a rigidez dos papéis de gênero, onde, apesar de se travestirem de mulheres, os homens, por pressão social, tinham que manter a sua virilidade, o que tornava viável a sociedade secreta para agirem e se vestirem como mulheres.

A casa mencionada na postagem era uma sociedade secreta que funcionava como um refúgio para as travestis, que em meio a toda pressão e repressão social para manter-se no sistema de programação heterossexual, refugiavam naquela casa para uma inversão de papéis. Naquele contexto histórico, em uma paisagem social marcada pela intolerância e

com uma restrição aos papéis de gênero, os homens tinham que ser viris e machos. A casa apresenta-se como uma força de transgressão aos desejos reprimidos daqueles homens, mas também como uma forma de armário. Uma liberdade regulada.

Os homossexuais hoje, se deparam com uma pluralidade de identidades móveis que se intercambiam. A modelagem de cada microssistema operacional perpassa por um conjunto de diferentes substâncias de expressão que devem a dar singularização a nossa virtualidade. A mutação molecular, biomecânica intrínseca a autoprodução de nosso microssistema operacional, dissolve com a rigidez e a organização racionalizante de uma identidade tida antes como natural e imutável. Com a fragmentação das identidades fixas, os homossexuais podem vir a maquinar múltiplas performatividades sem amarras [internas e externas]. Como por exemplo, ter um comportamento feminino em um determinado contexto, e um comportamento masculino em outro – masculino e feminino não são categorias universais e passam a se misturar sob uma mesma performatividade de gênero. Tudo vai defender das correntes eletromagnéticas do desejo e dos afetos envolvidos.

A produção das experiências homossexuais na contemporaneidade ainda perpassa rigidamente pelas ficções políticas da sexualidade heterocapitalista, em um atravessamento de masculinidades majoritárias e masculinidades minoritárias. São poucos os que estão a romper com os códigos das masculinidades que se aproxima dos modelos cristalizados em nosso dia a dia como padrões.

Desnecessário essa gente superficial. Bjs!



Narcisismo? Por que alguns gays precisam de likes, followers e elogios em geral? | Os Entendidos

É narcisismo admirar nossos corpos em selfies e buscar iguais nos parceiros? Por que gays buscam validação nos outros? Será culpa da homossexualidade?

REVISTAFORUM.COM.BR

Figura XIII: Postagem 29 de junho às 19:47 – Artigo sobre o narcisismo homossexual.

A fluidez das identidades sociais tem fabricado novos mapas políticos e experiências sociais que confrontam os homens a repensarem seus padrões e comportamentos reacionários. Em território brasileiro, em decorrência da modernidade tardia, os valores ainda estão bastante petrificados na moralidade heterocapitalista, patriarcal e cristã, que acabam por regular o comportamento e a produção desejante dos indivíduos. A sociedade brasileira ainda possui um grande núcleo conservador e totalitário, fincado na insistência em não reconhecer outros tipos de simulações sexuais e performatividades de gênero.

A crise das identidades sociais tem maquinado novas identificações e formas de prazer. Houve uma postagem referente a uma pesquisa pessoal a procura a praticantes de gouine. Gouine é um adjetivo francês que se refere ao sexo não penetrativo. Embora a prática do gouine tenha surgido inicialmente no universo lésbico, ela foi sendo incorporada

pelos gays que não são adeptos a prática da penetração.

O sexo como uma expressão singular não necessariamente devém de uma penetração. O *gouinage* é uma classificação àqueles que de certa forma fogem do regime falocêntrico do heterocapitalismo, transgredindo aos papéis binários de ativo e passivo. A postagem não atraiu muitos comentários, entretanto, a grande maioria se mostrou adepto ou curiosa com relação a prática nos comentários. Houve apenas duas pessoas que discriminaram o *gouinage* e com discursos pejorativos:

gouines de cu é rola #quédize”; “Não ter uma pia cheia de louça pra lavar define o ser como sendo um mané desses? [postagem 05, comentário 01]

As tecnologias de sexo e gênero são simuladas no entorno de uma performatividade morfogênica. Os comportamentos sexuais podem vir a se repetir ou não, novos comportamentos podem vir a serem criados e recriados, independente das tecnologias de simulação pré-criptografados em nossos microssistemas operacionais.

A distinção entre ativo e passivo são dois códigos sociais marcadores de poder que coloca o ativo na simulação de macho dominador e o passivo na simulação da fêmea submissa. São codificações históricas construídas no centro de uma lógica patriarcal e heterossexista. Os homossexuais que estão a borda de outras identidades sofrem discriminação por não estarem adequados aos padrões heterocodificados historicamente no sistema operacional coletivo da Máquina Civilizada Capitalista.

Engraçado que até por ser Gouine sofremos discriminação dentro de um grupo do mesmo gênero [gay] ser gouine não me faz menos gay, apenas não gosto de penetração. [postagem 01, comentário 24]

Grande parte das simulações da homossexualidade são transposições de modelos endurecidos no sistema de programação da heterossexualidade compulsória. A produção da homossexualidade ocorre no seio do heterocapitalismo, nesse sentido, ela acaba mantendo os mesmos códigos do heterocapitalismo, o mesmo registro social.

As produções desejantes daqueles que rompem com os códigos binários ainda passam a serem capturadas por meio de normatização e padronização dos comportamentos. A geopolítica de descodificação do espaço, através dos agenciamentos minoritários, pode

se engajar na decodificação contínua do heterocapitalismo e de seus simulacros globais, tais como a da masculinidade hegemônica e dos papéis fixos de gênero.



Figura XIV: Postagem 04 - Imagem com as coisas que você não deve fazer em um primeiro encontro.

Esta imagem se refere a uma postagem que expressa um pouco as produções desejantes dos homossexuais na atualidade. A postagem teve uma boa receptividade entre os comentaristas, alegando ser bem comum essas situações, sobretudo o não demonstrar interesse, tanto em encontros reais, como em chats virtuais. O uso do aplicativo WhatsApp e falar do ex-namorado também pareceu ser um incômodo em encontros. Houve duas pessoas que questionaram o “não fazer sexo no primeiro encontro”.

O quadrinho, muito bem elaborado e com ótimas ilustração, propõe 05 coisas que não se “deve” fazer em um primeiro encontro. Claro que não são regras gerais, mas contornam um pouco aquilo que se espera em um encontro, em exceção do sexo, que pode ou não ocorrer no primeiro encontro, tudo vai depender do desejo e da ocasião.

Entretanto, é também uma força de captura ao legitimar padrões das masculinidades hegemônicas. Constatamos nos quadrinhos o padrão do homem branco e boa pinta, subalternizando as identidades minoritárias que não condizem com a norma heterocêntrica. Além de tentar enquadrar as sociabilidades homossexuais em categorias gerais. Como salientou um cibernauta:

Nada pior que listinha dizendo o que uma pessoa deve ou não deve fazer.
Dois adultos se encontrando eles que se virem. Cagação de regra...
[postagem 4, comentário 13]

É comum postagens de homossexuais a procura de relacionamentos e novas afetividades. A rede social do Facebook acaba se tornando um ciberagenciador de afetividades. No grupo, além de se agenciarem por meio da interação nas postagens, eles podem trocar WhatsApp e Instagram, através de postagens fixadas pelos moderados do grupo, em busca de novas afetividades.

Deixem os seus. 8)



Curtir · Comentar

👍 37 pessoas curtiram isso.

Figura XV: Postagem para troca de Instragram.

Gente, criei um grupo +18 no whatsapp, não é um grupo oficial nem nada, mas quem quiser, só deixar o numero.



Curtir · Comentar

👍 53 pessoas curtiram isso.

Figura XVI: Postagem para troca de WhatsApp.

A aldeia molecular se apresenta também como um armário maquínico. O simulacro do armário passou a habitar os espaços virtuais. Ao mesmo tempo que o Facebook dá uma maior liberdade de expressão por estar desterritorializado, ele se assenta também como um armário para os enrustidos, que passam a usufruir dos novos espaços cibernéticos para buscar encontros as escondidas.

Para SEDWICK [2007], mesmo a nível molecular, até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas. Além disso, a elasticidade mortífera da presunção heterossexista. O armário foi a estrutura definidora da opressão gay no século XX e continua a ser bastante difundida, sobretudo com a proliferação das aldeias moleculares da mutação tecnocultural.

A influência e a pressão do regime regulador do heterocapitalismo é tão forte que até mesmo que está inserido na construção de uma performance minoritária acabam sendo capturados por algum código e padrão da rede de poder do heterocapitalismo. Cabe ressaltar que sociedade é equipada de ponta a ponta por forças de captura através de uma rede simbólica-discursiva, que está sempre a nos fixar na norma.

Mas também é um espaço que pode ser palco para a diferença, e que através da experiência e da sociabilidade entre os cibercibers da aldeia, o desejo pode vir a tomar novas pulsações, o fazendo divergir de seu estado hegemônico.

Além de reconstruírem suas virtualidades nos encontros com o outro, os homossexuais podem vir a se agenciar para movimentos de transgressão e de descodificação do heterocapitalismo. O Facebook pode muito bem vir a se constituir como um mecanismo estratégico, um agenciador de forças de transgressão.

A aldeia do Facebook reflete bem o palco das lutas sociais na contemporaneidade. A atuação política no Facebook pode vir a indicar caminhos, eixos e orientações que podem golpear as formações reacionárias e neoconservadoras da cultura totalitária.

Uma postagem interessante foi do caso de agressão física onde um jovem rapaz é agredido pelo ex-namorado por duas vezes. O jovem foi empurrando na parede e em seguida, o jogado no chão.

Marcas da violência. Fui agredido pelo meu ex, aquele que eu fiquei e ele chamou o amigo dele. Ele me procurou de novo e eu disse que não queria mais ele, então ele me empurrou na parede e me jogou no chão depois.



Figura XVII: Postagem [06] - Caso de agressão física onde um jovem rapaz é agredido pelo ex-namorado por duas vezes.

Além deste caso, houve mais três casos de agressão entre os comentários. Um detalhe interessante é que a mesma pessoa que postou a agressão já tinha feito uma postagem alegando ter sido violentado sexualmente pelo ex-namorado e mais um amigo. O agredido afirmou ter feito boletim de ocorrência. Houve também comentários inóspitos ao agredido, com desconfiança com relação ao teor da postagem, alguns alegando ser invenção.

Todo tipo de agressão, física ou simbólica, pode ser averiguada e combatida. A violência de gênero atinge tanto mulheres como homens que estão em uma relação homoafetiva. A Lei Maria da Penha pode ser aplicada em ambos os casos.

Ainda que grande parte dos cibernautas ativos estejam a borda de sua emancipação desejante, se tem aqueles que estão mergulhados no núcleo hegemônico das ficções políticas heterocapitalistas. São muitos os discursos de homossexuais que mesmo sem perceber, estão a legitimar a fábula do opressor. Como salienta um cibernauta:

Por isso tem aflorado muita coisa diminuta aqui que me desencoraja de participar mais fortemente desse grupo, muita coisa que eu combato todo dia vejo a rodo nesse espaço [que é gay] e que justamente por sê-lo não deveria reproduzi-lo. [Postagem 14, comentário 64]

A atuação política na aldeia molecular é segmentada por forças que diferem entre si. Tem aqueles que estão conscientes da sua dominação e se constituem como uma força política transgressora e progressista, de cunho socialista. Como também tem aqueles que ainda caminham nas fronteiras do neoconservadorismo e dos sistemas de captura do desejo das forças hegemônicas.

Os homossexuais podem se apropriar destes novos mecanismos biocomputadorizados de produção existencial que as máquinas propõem como focos mutantes de reinvenção e da diferença, do novo que se mistura com a interculturalidade contemporânea. O caráter híbrido e plural da contemporaneidade tem nos colocado em fronteiras com novas experiências. A interligação entre virtualidades nômades e máquinas. nos insere em uma simulação com novas performances, liga o self a uma esfera mais ampla de relação: em uma sincronia de tele interação entre corpus e máquinas.

Uma postagem interessante e que representa bem a construção de novas performatividades de gênero na contemporaneidade diz respeito a uma imagem que continha ilustrações e informações sobre o procedimento cirúrgico de mudança de sexo. Apesar da imagem esclarecedora, alguns acharam a legenda impertinente. Entretanto, houve esclarecimento por parte do autor da postagem, se retratando:

Não entendi o choque pela legenda. Utilizei um humor leve conotando o desejo de mudança do órgão com as listas de mudança de 2015 - e sim temos pessoas cuja mudança do ano será essa! Não é discriminatória, preconceituosa e, na minha opinião, retratar assuntos sérios com uma pegada de bom humor saudável só serve para melhor assimilar o assunto e quebrar tabus também. [postagem 14, comentário 25].

A participação de uma transexual causou polêmica, pois alguns se sentiram invadidos pela sua participação no grupo. Apesar do descontentamento de alguns, ela acabou ficando no grupo.

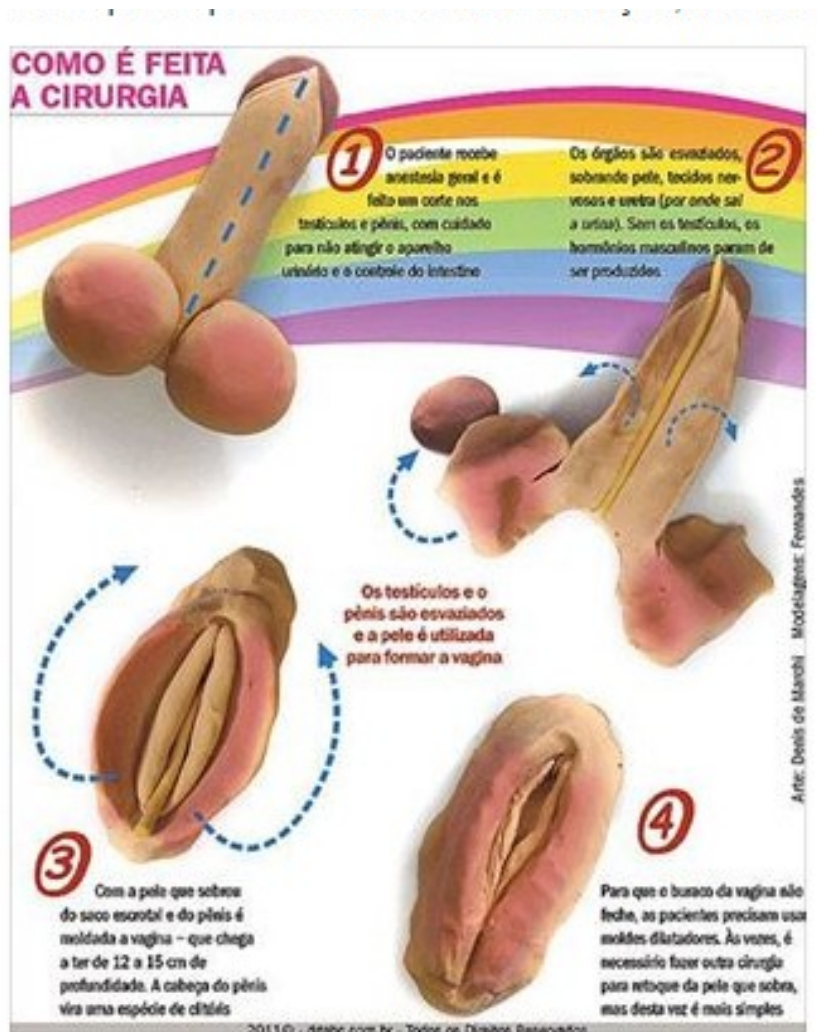


Figura XVIII: Postagem [14] - Folder demonstrativo sobre a cirurgia de mudança de sexo.

A postagem em geral recebeu bastante curtidas. Os comentários mais curtidos foram a da transexual:

Não basta querer né, tem todo um acompanhamento médico, psicológico e social. As pessoas têm uma mania de achar q ser transexual é apenas trocar a genitália, é bem mais complexo q isso e pra se chegar ao ponto da cirurgia se necessita um longo percurso. [postagem 14, comentário 02]

Segundo a transexual:

[...] Oq eu desejo de mudanças para 2015 são o pensamento, o conhecimento e o esclarecimento das pessoas, que o preconceito causado pela falta de conhecimento e informação diminua a cada dia e que as pessoas saibam respeitar e perceber a particularidade de cada letra da sigla LGBT. [postagem 14, comentário 06]

Sua participação na postagem veio a esclarecer bastante coisas sobre a transexualidade. A transexualidade pode vir a ser difundida nos mais diversos meios de socialização e comunicação para que haja um esclarecimento maior e crítico das pessoas com relação ao tema, aumentando a tolerância com a diferença e minorias que transcendem os papéis fixos de gênero.

Houve uma postagem com uma sátira onde a mãe pergunta ao filho homossexual sobre as namoradinhas e ele responde dizendo que votou na Luciana Genro, candidata a Presidente da República que durante as eleições apoiou as causas LGBT.

Hahahaha, como lidar?
Um feliz natal a todos! 🌈👴



Figura XIX: Postagem [09] - Postagem com uma sátira onde a mãe pergunta ao filho gay sobre as namoradinhas e ele responde dizendo que votou na Luciana Genro, candidata a Presidente da República que durante as eleições apoiou as causas LGBTQT.

A postagem teve um exorbitante número de curtidas, 210, mostrando uma grande identificação com a sátira. A sátira demonstra uma problemática do sistema heterocapitalista. De uma imposição social, pois ao perguntar aos filhos gays sobre as namoradinhas, estão tentando inscrevê-los na norma do heterocapitalismo.

No Brasil, as principais aldeias socializadoras - a família, as escolas e a mídia majoritária, estão em sincronia simbólica, tendo como coluna vertebral uma moralidade violenta patriarcal, cristã e altamente heteronormativa. São instituições que estão em manter em circulação as tecnologias discursivas de gênero, que são verdadeiras maquinarias de normatização e circunscrição dos corpos ao regime simbólico do heterocapitalismo.

A família nuclear patriarcal ainda é um modelo bastante difundido no Brasil, e tem sido utilizado como estratégia política para as frentes neoconservadoras. A família nuclear da modernidade tem como regime de signos as representações edipianas do inconsciente. Ela esforça para preencher um inconsciente com ficções reacionárias, delineando funções e organização social ao corpo.

Houve uma postagem perguntando aos cibernautas se eles pretendem exercer a função de pai. A grande parcela das pessoas que comentaram na postagem possui o desejo de ser pai. Segue os dois comentários mais curtidos:

Ai, eu To com 23, acho que já é hora de começar a pensar nisso porque eu sempre quis [postagem 10, comentário 02]

Assim que eu terminar a residência, trabalhar mais alguns anos para estabilidade, quero adotar 2 crianças com HIV para cuidar e serem meus filhos Rs não importa muito o sexo. Se eu não conseguir casar, vou ser mae solteira mesmo.... [postagem 10, comentário 10]

Pesquisas demonstram que os pais gays tendem a ser mais motivados e mais comprometidos do que os heterossexuais. Gays e lésbicas raramente viram pais por acidente, em comparação com quase 50% de gravidez acidental entre os heterossexuais. Isso dá mais comprometimento e envolvimento, em geral, criando vínculos afetivos mais saudáveis a criança, inclusive. Enquanto pesquisas indicam que os filhos de pais gays

apresentam diferença quase nula de aprendizagem, saúde, funcionamento social e outras medidas, essas crianças podem ter a vantagem de possuir uma mente mais liberta das correntes da heterossexualidade compulsória, tolerante e modelos de comportamento para relações igualitárias, de acordo com outros estudos. Não só isso, mas de acordo com pesquisas, pais homossexuais tendem também a oferecer casa para crianças difíceis do sistema de adoção.

Houve uma postagem com um artigo onde uma mãe relatava as experiências do filho com relação a sua sexualidade e como as pessoas reagiam as suas escolhas.



Figura XX: Postagem [02] - Postagem onde uma mãe relata as experiências do filho com relação a sua sexualidade e como as pessoas reagiam as suas escolhas.

Todos os comentários [total de 06] demonstraram total apoio a iniciativa da mãe:

Ela simplesmente arrasou!!!! [postagem 02, comentário 01]

Lindas palavras! [postagem 02, comentário 02]

Muito fofo! [postagem 02, comentário 03]

Muito bom! [postagem 02, comentário 04]

Simplesmente fantásticos o depoimento e a atitude desta mãe.
[postagem 02, comentário 05]

Bom seria se todos os pais fossem assim. Metade dos problemas que
passamos na fase de aceitação, seriam sanados.
[postagem 02, comentário 06]

Seu relato de experiência é de grande importância para outras mães, demonstrando tolerância e apoio a expressão sexual do filho, contribuindo para um desenvolvimento psicossocial saudável e sem repressão.

A instituição da família é uma engrenagem heterocapitalista importante para a construção da personalidade dos indivíduos. É uma aldeia de produção existencial regida por um regime edipiano de circunscrição dos corpos nos sistemas de programação globais do Império Patriarcal-Heterocapitalista. O triângulo da família nuclear produz um inconsciente no buraco negro por onde a produção social se investe.

É comum supor que o termo parentesco se refira às relações biológicas. Entretanto, constata-se que as relações de parentesco, família e casamento, são sistemas de programação de relações construídas no centro de um poder patriarcal e heterocapitalista. São as submáquinas sociais que materializam as formas de atuação social em conjunto.

O regime heterocapitalista é tão enraizada em nosso microssistema operacional que muitas mães não se dão conta desta imposição que é essencialmente social. Aprendemos a desempenhar papéis sociais, fixos e imutáveis, estruturas repressivas a nossa potência. Moldamos a nossa geografia mental para suprir as expectativas sociais.

Sugere-se que mães promovam rupturas com as normas e padrões materializados pelo heterocapitalismo, permitindo uma bifurcação ao inconsciente da criança, para que ela construa a sua sexualidade como uma expressão singular em conexão com os afetos e

estímulos que percorrem seu meio geográfico.

Temos nosso microssistema operacional altamente criptografado pelo regime simbólico dominante antes mesmo de nascermos. Ao escolher a cor do quarto da criança e ao escolher sua identidade social através do nome já estamos circunscrevendo as virtualidades na engenharia de produção de corpus heterocodificados. Os códigos, padrões e as normas do heterocapitalismo são registrados simbolicamente em nossos corpus através das tecnologias discursivas produzidos historicamente. Há toda uma organização estrutural para que isso seja criptografado nos microssistemas operacionais.

Após o nascimento da criança, as tecnologias discursivas das instituições hegemônicas da Máquina Civilizada Capitalista dirigem-se à preparação dos corpus para que desempenhe com êxito os códigos de gênero e sexualidade. Conforme BENTO [2011], as crianças passam a produzir sua virtualidade sobre proibições e afirmações. Essa pedagogia dos gêneros tem como objetivo preparar os corpus para a vida circunscrita num território de poder heterocapitalista, construída a partir da ideologia da complementaridade dos sexos. As confusões nos papéis a serem simulados em superfície provocam, direta e imediatamente, perturbações na orientação sexual, supõem os defensores do binarismo.

Coisas de menino e coisas de menina. Cor de menino e cor de menina. Brincadeira de menino e brincadeira de menina. São códigos de referência, padronização e circunscrição dos corpus a meios de normatização do heterocapitalismo. E neste processo rígido, vamos produzindo a sexualidade da criança, condicionando-a aos sistemas de programação do Império Patriarcal-Heterocapitalista.

A produção das identidades homossexuais em tempos de fluidez, perpassa por aldeias de sociabilidade, habitus que orientam e moldam o comportamento [mas não determina] e por uma paisagem existencial móvel de descobertas e experiências. A interconexão entre aldeias sociais e aldeias virtuais, pluga a virtualidade em um movimento de reconstrução contínua, a ser interpretada e simulada sob infinitas maneiras.

A sucessão de experiências [afetivas e sexuais] devém a dar mutação a identidade e enfrentamento as inquietações existenciais que afetam grande parte dos homossexuais. Como hipótese, podemos descrever a formação da identidade homossexual a partir de três estágios. São fases não-lineares que se intercalam no processo de fragmentação da

identidade.

Denomino o primeiro estágio de << **QUEM SOU EU?** >>

É a fase dos primeiros questionamentos existenciais, marcada por muita confusão e desconhecimento, uma vez que o indivíduo ainda está adaptado ao regime regulamentador da heterossexualidade, acreditando que a identidade heterossexual é uma estrutura intrínseca a sua constituição. O “posso ser homossexual?” passa a ser um pensamento inquietante.

Nosso microssistema operacional passa a ser habitado por um duelo de forças: forças internas do desejo e forças de fora [medo e pressão social – duas forças de captura do heterocapitalismo]. O indivíduo passa a se confrontar internamente com este atravessamento caótico: onde as forças de captura se confrontam com pulsões desejantes e fantasias;

O segundo estágio chamo de << **MUTAÇÃO EXISTENCIAL** >>

Fase da bifurcação. É uma fase difícil, de muitos questionamentos com relação a identidade e a sexualidade. É a fase armário e das novas pulsões desejantes. O que vai desdobrar o desejo deste estágio será a sucessão de acontecimentos e experiências.

A princípio, muitos buscam vivências ocultas e em segredo. Levando os indivíduos a viverem sob a regulação do armário. Nessa fase, os homossexuais que não lidam bem com a sua identidade minoritária, buscam o armário como uma ferramenta de busca para parceiros sexuais como uma forma de amenizar a dor da repressão, mas que depois do ato, voltam a simular sua heterossexualidade e com sentimentos de culpa e desprezo pela identidade homossexual.

Se o indivíduo não tiver boas expectativas quanto a sua descoberta, ele pode vir a conviver com a repressão desejante e seus efeitos, tais como, a melancolia, a agressividade e a depressão. É um estágio marcado por sentimentos de aceitação concomitantes a sentimentos de vazio e negação, sentimentos que mudam de acordo com o impacto da homossexualidade para o indivíduo e o seu nível de enfrentamento.

O terceiro e último estágio é o da << **PRODUÇÃO DESEJANTE** >>.

É a fase de aceitação e em seguida, de afirmação e de projeção de uma virtualidade. De incorporação de novas simulações identitárias. Neste estágio, os indivíduos que antes temiam socializar com pessoas da mesma tribo com medo de serem marginalizados, passam a produzir experiências compartilhadas entre membros da mesma tribo.

É a fase que parte dos homossexuais buscam enfrentar a saída do armário e a desconstruir o sistema de programação heterocapitalista. Fase das primeiras aventuras afetivas-amorosas. Inclusive, muitos homossexuais enrustidos acabam enfrentando o armário e a heteronormatividade com o aporte do amor e da afetividade.

É o momento de novo compromisso ético-político: onde o indivíduo incorpora a homossexualidade como uma nova identidade a sua produção existencial, propiciando a autoaceitação e afirmação política de sua identidade minoritária.

A partir da análise das práticas discursivas em conexão com a minha vivência na aldeia analisada, constata-se que este o grupo se constitui como uma porta de entrada ao universo da cultura homossexual. É um território onde você pode conhecer as práticas,

costumes e habitus que maquinam a cultura homossexual na contemporaneidade. É também um espaço político, potência de intervenção no outro e pelo outro. Nele, você encontra uma terra fértil para a reconstrução de sua virtualidade, podendo vir a incorporar novos sentidos e a quebrar estereótipos. É um também um território existencial, de vivência de novas afetividades. O sistema de interconexão te possibilita uma infinidade de usos e subjetivações, tudo vai depender das conexões do desejo e da forma como cada indivíduo se constitui na aldeia molecular.

É um território existencial diferenciado dos territórios da materialidade preexistente. As redes sociais trouxeram novos redimensionamentos a nossa virtualidade por se constituírem como práticas sociais construídas no registro das conexões desterritorializadas, permitindo uma simulação nômade circunscrita numa natureza misturada e artificializada. Há no ciberespaço, um novo processamento de novas tecnologias de simulação e sistemas de informações, permitindo a produção de novos sentidos e experiências sociais.

TRANS CONSCIÊNCIA PÓS POLÍTICA



NAS FRONTEIRAS DA REVOLUÇÃO SOCIAL
<< educação, interculturalidade e os novos movimentos sociais >>

A pesquisa teve como objetivo geral analisar a produção de experiências homossexuais na contemporaneidade. Em como os homossexuais têm simulado existência na contemporaneidade, emergidos em um espaço biocomputadorizado sedimentado sob um registro simbólico essencialmente heterocapitalista, que coloca esta tribo a viver a margem da sociedade, perante amores ocultos, medo, repressão e armários [materiais e digitais-desterritorializados]. São muitas as forças de captura que estão a colocar estes indivíduos em estado reativo.

Em um primeiro momento, a pesquisa tinha um outro objetivo, que era o de analisar a produção de identidades de jovens gays no Facebook, mas que com as leituras filosóficas que vinha fazendo aliado à minha vivência social, a pesquisa se foi autotransformando até chegar a este universo de referência. Alguns conceitos e constatações foram se tecendo durante o percurso de engenharia da pesquisa.

O método se deu de uma fusão entre a produção discursiva [práticas discursivas e produção de sentidos no Facebook] e formação materialista do espaço [produção da paisagem simbólica-social]. Pois, além de constatar a subjetividade por trás da constituição destes sujeitos, tive que buscar a formação da paisagem, do espaço simbólico no qual estes jovens estão inseridos. Duas produções que em minha análise não se separaram.

O processamento de interpretação se foi concebido no seio de um processo de maquinação de sentidos. Durante todo o processo de engenharia da pesquisa estive imerso num processo de informação e produção de conceitos que foram e autoproduzindo no próprio caminho lógico-operacional. Tratou-se de buscar nas singularidades propiciadas pela experiência do real enquanto ele acontece em ato, as diferenças - o que elas têm de puro, ultrapassando a experiência em direção ao que difere por natureza, suas tendências e seus nós de forças que abrem passagens a novos por vires e mutações no espaço.

As experiências não se separam da produção do espaço. Cada agente social esta a reconstruir a paisagem a todo instante através de suas ações moleculares, em função do que propus como uma físico-química das dobras, onde virtualidade-materialidade e mente-espaço se fundem num único movimento de desdobramento – de ação, afetos e resistência no meio geográfico no qual estes indivíduos estão territorializados.

Há um novo jogo dialético em cena. Na análise, parto de uma dialética transversal, onde a paisagem é dobrada e desdobrada sob a ação molecular de múltiplas frentes de forças: forças majoritárias e forças de transgressão; forças hegemônicas e forças mutantes; forças de concentração e forças de dispersão; forças neoconservadoras e forças reformistas. Forças com potências e intencionalidades que diferem entre si. Forças múltiplas e penetrantes.

Constata-se que as forças moleculares se têm agrupado em dois grandes eixos simbólicos. Sob dois grandes núcleos de produção existencial que estão a desdobrar o motor da Máquina Civilizada Capitalista. Tem-se as forças majoritárias, reacionárias e neoconservadoras, de manutenção da maquinaria simbólica do Império Patriarcal-Heterocapitalista. E como antítese, temos o núcleo da Multidão, agrupando aqueles que estão engajados com a transformação social. E no seio do atravessamento caótico entre estes dois núcleos de produção existencial, a Terra está a se transvalorar, sobretudo a partir dos novos focos de mutação randômica gerado pela luta social das minorias.

A cooperação maquínica entre as tribos minoritárias pode vir a acentuar o processo de revolução social. A interconexão entre as frentes de forças mutantes da Multidão decreta uma revolução que pode vir a nos territorializar a novos eixos de produção de si e do mundo. Os novos sistemas maquínicos permitem a produção de uma sensibilidade coletiva, e as novas tribos surgem deste nova ciberecologia.

MAFESSOLI [1998] saliente que a lógica individualista se fundamenta numa identidade separada e fechada sobre si mesma. Entretanto, a sociabilidade virtual ocorre no hibridismo biocultural – na conexão e no afeto com o outro. As novas tribos, nômades e desterritorializadas, sugerem um novo processo de desindividualização, onde o uno passa a se multiplicar na rede de conexões.

Logo, a identidade molecular passa a se dissolver nos tentáculos polimorfos do ciberespaço. A multiplicidade da rede passa a maquinar um novo sujeito coletivo. O novo tribalismo decorrente da mutação tecnocultural surge como um meio de administrar os afetos e os sentidos emergentes, onde as crenças em comuns passam a ser agenciadas em grupos dispersos pelas ciber-regiões da Aldeia Maquínica Global.

É através da formação das tribos que ocorre a simbiose entre aqueles que pensam e que sentem como nós. Uma simbiose intercultural entre os que compartilham das mesmas singularidades, vontades de potência, eclodindo em novas territorialidades - novas formações antropológicas que podem vir inclusive, a engendrar novas próteses e estratos antropomórficos ao corpo da Terra, sobretudo, um retorno ao nomadismo geográfico.

As tribos minoritárias da Multidão estão a efetuar uma nova produção territorial ao corpo da Terra, o que indica uma desterritorialização contínua do espaço majoritário do Império Patriarcal-Heterocapitalista. Uma reinvenção do espaço geográfico, o que a priori, indica um engendramento contínuo de novas marcas do desejo, seja através de próteses ou de forças de transgressão. A ação das forças anárquicas do desejo das tribos minoritárias estão a gerar novos processos de decomposição da paisagem majoritária para novos fulcros de diferença. A paisagem é um acúmulo sedimentar que está a todo instante se transmutando de forma a partir do atrito entre múltiplas forças de transgressão que se entrecruzam no espaço.

Com a complexidade das interconexões sociais em face da deriva genética da mutação tecnocultural e da aceleração contemporânea, novas catálises têm surgido para dar conta das novas demandas interculturais. A dimensão da virtualidade passa a transitar no núcleo artificial das novas morfologias de conduzir a nós mesmos, perante uma variedade de dispositivos de produções existenciais hiper-realistas que dão suporte a uma fluidez das relações sociais tradicionalistas da Máquina Civilizada Capitalista.

A Aldeia Maquínica Global vem gerando o que alguns teóricos chamam de aceleração contemporânea. Um novo ritmo no tempo, o que vem gerando o que HARVEY [1989], denomina de compreensão [ou aniquilação] do espaço geográfico pelo tempo. Harvey salienta que conforme o espaço se encolhe para se tornar uma Aldeia Global de telecomunicações e uma espaçonave planetária de interdependências econômicas e ecológicas, na medida em que os horizontes temporais se encurtam até ao ponto em que o presente é tudo que existe, é preciso aprender a lidar este novo sentimento avassalador de compressão dos espaços-tempos.

Emerge na ciberespaço, um novo complexo de aparatos, práticas e maquinações que estão fabricando uma nova composição ontológica através de novas práticas autopoieticas. Como máquinas de virtualidade, passaríamos a simular nossa existência em um corpus sem anatomia orgânica e totalizante: sem códigos homogeneizantes de gênero, sexo, cor e raça que governariam nossa destino em superfície. O encontro com o maquínico, nos territorializa a novos eixos de produção - de si e do mundo.

A produção social contemporânea tem-se tanguido pelo registro multiplicidade e da interconexão desterritorializada entre as tribos nômades. É uma coagulação hipercaótica de forças: mental e material; cultural e histórica, onde ideologias e crenças se intercalam. O novo ciberorganismo da Terra, produto material da mutação tecnocultural, tem seu substrato artificial configurado sob uma imensa malha biótica de interconexões, constituindo-se como um sistema aberto demarcado por pontos heterogêneos de conexão que interligam os fluxos, territórios e corpus a uma Aldeia Maquínica Global. Sua autoprodução perpassa por novos sistemas de gestão e controle [o que nos territorializa a um novo regime de servodinação e investimento do desejo], assegurando uma vigilância mais difusa e desterritorializada da materialidade preexistente.

A nova condição territorial aparece como condição concreta para o estágio atual da transumanidade. Os novos processos que tem redimensionado os corpus, a virtualidade e o espaço, se integram ao conjunto dos novos meios de produção, se configurando como novos meios para a sobrevivência e conservação das multi-espécies. A tecnociência, a filosofia da diferença e a cibernética tem nutrido novos vetores de produção existencial, que por sua vez, tem gerado novas mutações gênicas e transformações estruturais na produção territorial do mundo.

O espaço geográfico, como salientam os geógrafos marxistas, é de pura produção. O espaço concreto está a sofrer mutação a todo instante pelo atrito das forças políticas e pelo choque do futuro. A esquizofrenia generalizada da mutação tecnocultural tem nutrido novas consistências ao espaço social, como também, novas rachaduras de valores. As minorias podem ter a tomada de autoconsciência de que elas podem ocupar, proliferar e engendrar suas próteses não só no espaço material preexistente, como também, nos novos meios biocomputadorizados da tecnocultura. Podem produzir espaços políticos para a diferença.

Temos que nos constituir como autômatos da práxis transformadora, incorporando novas narrativas, mitos e valores para continuidade da produção da transumanidade.

Na ação e na produção, as tribos fazem com que as próteses, os sistemas de engenharia e os sistemas eletroterritoriais integrados tomem formas adequadas às suas vontades. A mega infraestrutura capitalista se foi construída historicamente de forma específica, desigual e moldado ao longo de uma modernidade por agentes, máquinas e processos sociais com intenções demarcadas por modelos universais e regimes de verdade pelo o que defino de Império Patriarcal-Heterocapitalista, um regime simbólico despótico codificado no centro de um sistema patriarcalista, heteronormativo e burguês.

O ciberespaço tem se apresentado como um espaço geográfico híbrido, um ambiente integrado simulado e maquinado por meio de sistemas multiculturais, nichos alternativos e nichos majoritários. Um espaço onde os agentes hegemônicos da cibercultura eletrônica vêm acoplando seus sistemas biotênicos-artificiais – sistemas de engenharia e sistemas eletroterritoriais integrados, concentrando um novo meio de circulação espacial com um grande fluxo de pessoas e simulacros, se tornando um registro social de novas práticas sociais, como também de paisagens contraditórias, de lutas e reivindicações sociais.

A intersubjetividade se faz coletiva no sentido de uma multiplicidade de elementos espaciais presentes em nossos espaços banais, que são os pontos de navegação e transmissão [de afetos e bits de informações] do nosso cibercotidiano. Os espaços banais são os espaços de todos os homens, de todas as firmas, de todas as organizações, de todas as ações – numa palavra, o espaço geográfico em si mesmo. Para MILTON SANTOS [1978], é um conceito que solidifica a coexistência do diverso, onde coabitam os objetos naturais e artificiais.

A natureza está cada vez mais envolvida por uma artificialidade transumana, a partir de uma simbiose entre organismo e máquina, face a um acúmulo de próteses bióticas e por uma profusão hipercaótica de fluxos de bits de informações que tem redimensionado nossa ontologia humana.

Na mutação tecnocultural, cada autômato passa a ser reconhecido por sua produção virtual incorpórea, una e heterogênea, que se pluraliza e se hibridiza em interconexão com a natureza híbrida e tentacular do ciberespaço. E cada virtualidade, passa a ser reconhecida por suas singularidades: por sua fala, movimentos corporais, gestos, fantasias, por diferentes pulsações rítmicas produzidas na incorporeidade que se autoproduz na coalescência maquínica entre real e virtual; sistema operacional e microssistema operacional. Sem estrutura de poder capaz de enquadrar nosso fluxo morfológico de autoprodução em quadros de padronização e normatização das estruturas do saber tradicional.

O Império Patriarcal-Heterocapitalista metabolizou no decorrer da história moderna um regime de signos que teve como pressupostos ideológicos, controlar, punir e proibir aqueles que escapassem ao modelo de referência imposto: o homem-branco-macho-heterocapitalista do Primeiro Mundo. As estruturas de poder, nesse sentido, petrificaram a moral heterocapitalista sob um regime altamente compulsório que passaria a orientar uma simulação em superfície regida por normas, regras e leis de disciplina e controle. A simulação virtual passa a ser fixada na norma de uma padronização reacionária e essencialmente heteronormativa. Nem mesmo os simulacros da bissexualidade e da homossexualidade escapam da norma heterossexista de produção existencial.

As orientações sexuais são ficções políticas de taxação dos indivíduos a quadros de referenciação e normatização do Império Patriarcal-Heterocapitalista. Nada é orgânico em nosso sistema de natureza. A simbiose poder-saber codifica um tipo de humano como uma instância fechada e biologicamente determinada para a produção econômico, logo, se foi preciso organizar a população sob arranjos binários para uma organização espacial homogênea. E quando o heterocapitalismo codifica os arranjos desejantes da população, nos tornamos efeitos de instituições sociais e tecnologias discursivas.

Para SEDWICK [2007], a codificação do gênero, assim como o do impasse minoritarizante-universalizante, deve ser visto, antes de mais nada, na criação de um campo de incoerência discursiva altamente estruturada e intratável num nódulo crucial da organização do espaço heterocapitalista.

No processo de repressão do desejo, o sexo se torna um código cultural e reacionária que governa a materialização dos corpos. A engenharia patriarcal-heterocapitalista de produção do espaço capta a diferença anatômica para a cristalização de um sistema hierárquico de poder. Nosso microssistema operacional se torna pré-programado para servir aos aparatos regulamentadores desse sistema. Uma programação hierarquizada que mantém uma constante vigilância do desejo pelo controle através de forças de captura internas [forças inconscientes, tais como o medo e a pulsão de morte] e externas [forças espaciais]. Quando temos nosso desejo capturado pelo regime de signos dominante, nosso microssistema operacional se torna rigidamente sistematizado e preenchido por representações e imagens globais que correspondem a programação hegemônica.

Os cruzamentos decodificadores destas categorias universais são, todavia, contingentes, para SEDWICK [2007]. Em termos mais amplos, os caminhos a serem tomados através desse mapa enganosamente simétrico dos simulacros sexistas são fraturados numa situação histórica específica pelas profundas assimetrias da opressão de gênero e da opressão masculina.

A decodificação das estruturas hegemônicas da Máquina Civilizada Capitalista constatou o caráter fictício das tecnologias de identidade, gênero e sexualidade. Tornando uma simulação de ficção científica, as identidades sociais passam a serem simuladas no seio de uma morfologia transnômada sob múltiplas estéticas multifacetadas.

Para a efetivação de uma nova concepção de corpo, é preciso uma continuidade na decodificação dos sistemas simbólicos do patriarcalismo e do heterocapitalismo que regulamentam nossa produção desejante. Indica pensar em uma simulação política da práxis desterritorializada dos códigos binários e edipianos da cultura totalitária do Império Patriarcal-Heterocapitalista. Segundo GUATTARI [2012], na contemporaneidade, a única finalidade aceitável das atividades humanas é a fabricação de uma subjetividade de enriquecimento de modo contínuo em relação com a Terra, trazendo à tona múltiplas revoluções moleculares.

Os homossexuais, as mulheres, os negros, dentre outras tribos minoritárias, atuam na contemporaneidade como navegantes das novas máquinas de guerra, tribos da incerteza, que segundo GUATTARI [1981], fazem do pensamento uma engrenagem de máquina de guerra. Guerra esta, necessariamente vitoriosa, pois é a afirmação de novos deslocamentos históricos que não tem a ver com progresso. Mas sim, com uma transmutação de um sistema de valores que ao longo da história, só serviu para legitimar a ordem burguesa e heteronormativa por meio de suas ficções científicas.

A geopolítica de descodificação das escrituras científicas reacionárias que definem o regime simbólico patriarcal e heterocapitalista, se insere em remanejamento contínuo de forças de transgressão e agenciamentos coletivos para a cristalização de um novo sistema de valores. A identidade como um hardware falho e ultrapassado daria entrada para novas dimensões virtuais de produção existencial. Passamos a incorporar novas próteses em nossa carne, passamos a delinear novas simulações a nossa virtualidade nos encontros com as máquinas e híbridos tecnoculturais.

Na contemporaneidade, a emergência de formulação de uma Ética dos Afetos tem apontado para algo fundamental nos novos modos de produção existencial, em como os indivíduos vieram a compreender e a simular si mesmos, em suas ações e em suas vidas, sob um presente fluido e desterritorializante. Tudo agora depende da ação das tribos minoritárias em se tornarem autores da própria história, em interconectar as forças materiais e sociais que abrem correntezas para um desejo revolucionário de viver e mudar o mundo de forma contínua, promovendo sempre novas dobragens ao espaço geográfico.

Cabem as minorias com suas frentes de força redesenharem o espaço majoritário através de novas impressões do desejo pela reivindicação pelo direito ao espaço. É preciso ocupar, disseminar, adentrar nas fissuras de uma estrutura congelada pelo despotismo e acoplar nossas próteses nos múltiplos territórios do espaço majoritário. As minorias também possuem seus conjuntos de signos e podem utilizá-los como máquinas de guerra para uma reconstrução dos valores simbólicos universais.

As redes da cibernética são importantes meios geográficos para a fertilização de sistemas de resistência e para compreensão dos fatores que produzem os novos processos de ensino e aprendizagens, que vão sendo construídos no processo interativo entre mundos

que coabitam um mesmo ciberorganismo: entre os sistemas desterritorializados das aldeias moleculares com sistemas materiais das aldeias territoriais do espaço simbólico.

É preciso continuar atento as redes de poder-saber do Império Patriarcal-Heterocapitalista. “A abstração e a ilusão governam em questão do conhecimento; a dominação em questões de prática [HARAWAY: 54, 2013]”. A transformação dos valores culturais de uma moralidade violenta, pode vir a atingir todos os níveis: cósmicos, sociais, do micro para o macro, aliando materialidade e virtualidade; dando substância ao indivíduo múltiplo, sem fronteiras, que reescreve os textos dos corpus e do espaço.

Nesta perspectiva, a transgressão ao heterocapitalismo se insere, a priori, numa revolução molecular, no seio de uma descodificação do estado majoritário dos corpus. Um ato político e revolucionário que demanda uma simulação política que se produz a cargo do desejo de transformação social, sem a abstração de uma totalidade orgânica. Uma simulação que pode se interconectar a macropolítico para atuações maiores.

Em muitos casos, se dar conta de um fluxo revolucionário não é o suficiente. Somos levados a reprimir nosso desejo a todo instante através das forças de captura. Ao passo que vamos sentindo os panes e as falhas de um sistema enferrujado pela história, passamos a simular a nossa própria política, desterritorializada dos códigos binários e normatizadores da ordem social, avançando em uma composição de vida pós-edipiana do inconsciente, se colocando a borda do devir-revolucionário para novos fulcros revolucionários de diferença no espaço.

Gênero e sexualidade como uma estrutura intrínseca ao indivíduo, vem se dissolvendo, assim como outras escrituras científicas de uma modernidade erguida a ferro e fogo pelo desejo ganancioso de totalidade do Império Patriarcal-Heterocapitalista. As conexões e fluxos de intensidades não se assentam numa estrutura fechada determinada por codificações binárias. Colocando o desejo em emancipação de seu estado majoritário, gênero e sexualidade se desvinculam das estruturas regulamentadoras do heterocapitalismo e passam a se dissolver no delírio dos devires. No processo de singularização, não há limitações de gênero e sexualidade, apenas devires e correntes elétricas de efetuação de potências.

É viver nas extremidades da transversalidade. Quando nos colocamos a borda do devir, o real da matéria abandona toda a extensão dando abertura a correntes elétricas de produção em face de uma virtualidade desarticulada de seu organismo social. Permitir com que o desejo siga sua trajetória, é permitir novos desdobramentos do real. É da consistência do desejo o devir. Se colocar em devir, indica sentir o que nos assombra, abandonando a forma atual de viver para novas mutações existenciais.

Quando se há produção desejante, os acontecimentos se interconectam a caminho da totalidade daquilo que se deseja em virtualidade. Desejamos uma paisagem móvel que passa ser desdobra perante as interconexões neurais e afetos entre as faces intercambiantes do desejo. Temos o incrível poder de afetar e ser afetado, e nisso vamos sedimentando nossa própria paisagem existencial. Entretanto, não há fim na vida, apenas dobras, meios transbordantes por onde as conexões do desejo seguem tecendo acontecimentos contínuos.

O desejo é a virtualidade expressa na própria geografia mental. O processamento de imagem-movimento que autopreenche nosso microssistema operacional com um dado regime virtual, que em interconexão com a heterogênesse espacial, passa a ser desdobrado sob novas realidades – materiais [próteses] e virtuais [afetos e acontecimentos]. É a totalidade maquínica visto de dentro, a partir de sua virtualização imanente. A partir de uma manipulação singular de nossa geografia mental, passamos a produzir o nosso próprio microssistema operacional, não se deixando codificar pelas estruturas homogeneizantes da Máquina Civilizada Capitalista.

Quando colocamos nossa força desejante em estado de emancipação do regime hegemônico, damos luz a Singularidade do mundo pós-gênero, a uma mutação existencial que bifurca o poder fálico, nos fazendo divergir da inóspita moralidade que nos constitui. O processo de emancipação desejante dos homossexuais geralmente é bastante dificultosa, na medida em que as práticas que desenham as experiências sexuais na contemporaneidade foram codificadas historicamente para dar cristalização a uma heteronormatividade, sob uma engenharia de produção de corpos normais e heterocodificados sob padrões universais de produção existencial.

As próteses *high-tech* também se apresentam como espaços para a diferença. Os homossexuais e outras tribos minoritárias podem se apropriar dos novos territórios virtuais para dar processualidade a novas experiências e descodificação dos sistemas de programação dominantes. Podemos nos apropriar destes novos espaços heterotópicos como territórios de poder. Toda a produção espacial se dá pela apropriação e pela demarcação política - de signos e sentidos.

Hoje é evidente que há uma insuficiência de discussões formais sobre sexo e identidade de gênero, exceto quando esses temas são monopolizados pelos discursos morais, religiosos e médicos do currículo [DIAS, 2005]. Nas aldeias desterritorializadas, como pude constatar, há uma proliferação de signos de corpo, gênero e sexualidade que tem redimensionado o âmbito das práticas discursivas no cotidiano.

Conforme DIAS [2005], a moralidade é um assunto importante para a teoria e a prática da arte e da educação. A análise das simulações de gênero e sexualidade normativas e não-normativas [queer], projeta novas reflexões sobre o impacto teórico e prático que a compreensão destes sistemas virtuais e seus discursos teriam na educação da cultura visual e na produção de uma intersubjetividade.

Nesta perspectiva, pode haver uma interconexão entre os sistemas desterritorializados da mutação tecnocultural com os sistemas materiais e simbólicos do materialidade preexistente, se expressando na produção de uma translinguagem descodificada das normas reacionários dos universais do Império Patriarcal-Heterocapitalista. Pode haver também uma interconexão entre movimentos sociais, meio acadêmico e educação formal. Nas palavras de GOHN [2011:334]:

A relação movimento social e educação existe a partir das ações práticas de movimentos e grupos sociais. Ocorre de duas formas: na interação dos movimentos em contato com instituições educacionais, e no interior do próprio movimento social, dado o caráter educativo de suas ações. No meio acadêmico, especialmente nos fóruns de pesquisa e na produção teórico-metodológica existente, o estudo dessa relação é relativamente recente. A junção dos dois termos tem se constituído em “novidade” em algumas áreas, como na própria Educação – causando reações de júbilo pelo reconhecimento em alguns, ou espanto e estranhamento – nas visões ainda conservadoras de outros.

Conforme GOHN [2011], na realidade histórica, os movimentos de transgressão e ações coletivas sempre existiram e sempre existirão. Isso porque representam forças sociais organizadas, aglutinam as pessoas não como força-tarefa de ordem numérica, mas como campo de atividades e experimentação social, e essas atividades são fontes geradoras de criatividade e inovações socioculturais. A experiência social da qual são portadores não advém de forças congeladas do passado – embora este tenha importância crucial ao criar uma memória que quando resgatada, dá sentido às lutas do presente.

A experiência social se recria cotidianamente, sobretudo nas adversidades das situações que enfrentamos. Os movimentos são o coração, o pulsar da sociedade. Eles expressam energias desejantes de resistência ao velho que oprime ou de construção do novo que liberte. Energias sociais antes dispersas são canalizadas e potencializadas por meio de suas práticas em “fazer propositivos” [GOHN, 2011].

As lutas minoritárias devem percorrer pelo reconhecimento de direitos e garantias, pela necessidade de respeito à diferença humana, pelo combate ao sexismo, ao racismo, a homofobia e a transfobia, e pela geopolítica de descodificação das escrituras científicas do Império Patriarcal-Heterocapitalista, o que remete a transfiguração dos sistemas de programação de toda uma cultura totalitária.

De acordo com MALUF [2010], os princípios éticos que norteiam a aproximação dos direitos sobre a produção desejante se referem à igualdade, do respeito à diferença e a não-discriminação, visando assegurar a justiça social e garantindo a dignidade de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros.

As práticas homofóbicas ainda estão a atuar como forças de captura do heterocapitalismo, promovendo pânico e medo àqueles que escapam da norma. Para MALUF [2010], em decorrência do aumento da homofobia no Brasil, há uma grande e urgente necessidade de se produzir políticas públicas que tornem os Direitos Humanos concretáveis a todas as forças minoritárias.

Transformações são inerentes à história e à cultura, mas, nos últimos tempos, elas parecem ter se tornado mais visíveis ou ter se acelerado. Proliferaram vozes e verdades. Novos saberes, novas técnicas, novos comportamentos, novas formas de relacionamento e novos estilos de vida foram postos em ação e tornaram evidente uma diversidade cultural

que não parecia existir. Cada vez mais perturbadoras, essas transformações passaram a intervir em setores que haviam sido, por muito tempo, considerados imutáveis, trans-históricos e universais [LOURO, 2008].

Através da mutação tecnocultural, tornaram-se possíveis novas tecnologias reprodutivas, a transgressão de categorias e de fronteiras sexuais e de gênero, além do hibridismo entre corpo-máquina que dissolveram com antigas e sólidas certezas. Subverteram-se as formas de nascer, de crescer, de amar, de morrer, de manipular nosso fluxo incorpóreo.

Para LOURO [2008], informações e pessoas até então inatingíveis tornaram-se acessíveis no encontro com a máquina. Relações afetivas e amorosas passaram a ser vividas virtualmente; relações que desprezam dimensões de espaço, de tempo, de gênero, de sexualidade, de classe ou de raça; relações nas quais o anonimato e a troca de identidade são partes de uma tecnocultura emergente. Impossível desprezar os efeitos de todas essas biotransformações nos corpos e no espaço: elas constituem novas formas de existência para todos, mesmo para aqueles que num primeiro momento, não as experimentam de modo direto.

Mas ainda temos que conviver com a disseminação das tecnologias de codificação de corpos normais em função das instituições tradicionalistas da modernidade patriarcal-heterocapitalista. Conforme BENTO [2011], a escola, por exemplo, é uma instituição tradicional destinada fundamentalmente a reproduzir os valores hegemônicos de uma cultura patriarcal e heterocapitalista. Logo, se faz necessário sair desse espaço, ampliar nosso olhar para a própria forma como a sociedade produz as verdades sobre o que deve ser reproduzido, quais os comportamentos de gênero sancionados e por que outros são silenciados e invisibilizados, qual a sexualidade construída como “normal” e como gênero e sexualidade se articulam na reprodução social. Existe um projeto social de normalização dos corpos que extrapola os muros da escola, mas que encontrará nesse espaço um terreno fértil de disseminação.

Nas palavras de BENTO [2011: 556]

É um equívoco falar em “diferença ou diversidade no ambiente escolar” como se houvesse o lado da igualdade, onde habitam os/as que agem naturalmente de acordo com os valores hegemônicos e os outros, ou

diferentes. Quando, de fato, a diferença é anterior, é constitutiva dessa suposta igualdade. Portanto, não se trata de “saber conviver”, mas considerar que a humanidade se organiza e se estrutura na e pela diferença. Se tivermos essa premissa evidente, talvez possamos inverter a lógica: não se trata de identificar "o estranho" como "o diferente", mas de pensar que estranho é ser igual e na intensa e reiterada violência despendida para se produzir o hegemônico transfigurado em uma igualdade natural. Quando compreendemos a produção das identidades de gênero marcada por uma profunda violência, passamos a entender a homofobia enquanto uma prática e um valor que atravessa e organiza as relações sociais, distribui poder e regula comportamentos, inclusive no espaço escolar.

A repressão da produção desejante na é uma questão que se enraíza e se constitui nas instituições sociais, sob suas tecnologias discursivas de legitimação das normas e das práticas que circulam e dão sentido a dado regime virtual da Máquina Social. Conforme LOURO [2007] as formas de vivenciar a sexualidade, de experimentar prazeres e desejos, mais do que problemas ou questões de indivíduos, precisam ser compreendidas como problemas ou questões da cultura. É de extrema importância refletir sobre as possibilidades e as impossibilidades que as nossas instituições colocam para o gênero e para a sexualidade. É relevante refletir sobre os as tecnologias emergentes de produção dos corpos. Como estas tecnologias se regulam, se normatizam e passam a codificar os sujeitos de diferentes gêneros, raças e classes nas suas formas de experimentar prazeres e desejos; refletir sobre as tecnologias discursivas que tais sujeitos põem em ação para re-codificação destes desejos, as práticas que os grupos sociais acionam para se constituírem como homens e mulheres.

Uma nova política intercultural vem se afirmando a partir do jogo das identidades. Especialmente a partir dos anos 1960, onde as minorias sexuais e étnicas passaram a engendrar novos conjuntos de valores a Terra. Desconstruindo os velhos paradigmas do Império Patriarcal-Heterocapitalista, criando novas linguagens e próteses ao espaço. Uma série de lutas plurais passaram a sedimentar um novo palco de luta social. Trazendo à tona outros modos de produção existencial. Novas estéticas, experiências e novos conjuntos de signos.

Esse tipo de luta requer máquinas de guerra singulares, com a produção de táticas e estratégias que se organizam no polo de novos movimentos sociais pelas tribos minoritária [movimentos feministas, de luta de classes, de homossexuais, dos anarquistas dentro outros] do núcleo da Multidão, apropriando-se do controle das máquinas da tecnocultura para o engendramento de novas entropias no espaço majoritário. E também, se apropriando das sub-máquinas sociais como as escolas, as universidades e as mídias para uma transvaloração de seus regimes discursivos reacionários a outros vetores de produção existencial que atenda a interculturalidade.

Conforme LOURO [2008], a expressão minoria não pretende se referir a quantidade numérica, mas sim a uma atribuição valorativa que é imputada a um determinado grupo a partir da lógica hegemônica dominante. As forças minoritárias nunca poderiam se traduzir como uma inferioridade numérica, mas sim como maiorias silenciosas que ao se politizar, convertem o gueto em território e o estigma em orgulho gay, étnico, de gênero, do sexo ou que gays, lésbicas, bissexuais eram sujeitos de sexualidades desviantes. Por tudo isso, colocava-se, como uma meta urgente para os grupos minoritários, apropriar-se dessas máquinas emergentes e aí inscrever sua própria simulação e sua história, pôr em evidência as questões de seu interesse.

As próteses da diferença são engendradas através de novas políticas, saberes e pedagogias interculturais. Se hoje os códigos majoritários não mais dão conta de novas possibilidades de produção existencial, sugere-se uma descodificação das estruturas que governam nossa produção desejante, a nível da mente e do espaço. E isso não significa que as minorias não transitem livremente entre esses territórios majoritários, isso significa que as diferentes tribos possam percorrer por um espaço sem forças de captura – violência física e simbólica para com a diferença.

Podemos nos engajar para novos agenciamentos coletivos para cristalização efetiva de uma educação intercultural, com a produção de práticas voltadas a criação de uma cidadania multicultural, híbrida, crítica e de descodificada das narrativas majoritárias que estão a todo instante tentando deslegitimar a pluralidade étnico-cultural e a produção da diferença.

A produção intercultural tem como eixo de transformação a convivência espontânea entre diferentes tribos e culturas sob um mesmo ciberorganismo. O que demanda mobilização social e políticas dos diferentes grupos sociais. Que demandam práticas educativas baseadas nestas finalidades éticas e interculturais. Que demanda, portanto, a efetivação de nova ética fundada no afeto, na conexão e no respeito à diferença.

Se limitar em lutas identitárias dispersas é insuficiente. O capitalismo é um sistema que se apropria das próprias linhas de fuga e tendências culturais para a manutenção de seu eterno retorno do mesmo. Mudam-se os valores, mas a superestrutura de captura e investimento do desejo da massa continua a todo vapor. É pelo investimento do desejo da população que a elite manipula sua hegemonia. Precisamos agenciar as frentes de força dispersas, pensar por meio de novos movimentos políticos de ação na prática. Pensar por meio de táticas, estratégias... temos um circuito espacial em rede a ser apropriado para novas produções territoriais, desterritorializando o espaço de seu estado simbólico majoritário, das velhas narrativas de taxação da população em categorias normativas, de circunscrição das virtualidades em celas móveis.

Para LOURO [2008], antes mesmo de simplesmente assumir categorias dadas de normalidade e de diferença, precisamos refletir sobre os processos culturais de inscrição dessas marcas nos corpos. Não se trata de negar a materialidade dos corpos, mas sim de assumir que é no interior da cultura e de uma cultura específica que características materiais adquirem significados. Como isso tudo aconteceu e acontece? Através de que dispositivos de poder? Se em tudo isso estão implicadas hierarquias e relações de poder, por onde passam tais relações? Como se manifestam? A diferença não é natural, mas sim naturalizada. A diferença é produzida historicamente através de processos discursivos e culturais. A diferença é ensinada e solidificada no cotidiano através da produção discursiva.

Simulamos existência em nossa sociedade através dos discursos repetidos diariamente na mídia, na igreja, na ciência e nas leis e também, contemporaneamente, através dos discursos dos movimentos sociais e dos múltiplos dispositivos tecnológicos. Por isso, indica-se que a Educação passe por um processo de transvaloração, de readequação aos novos processos da mutação tecnocultural e temporalidades emergentes, que atenda a interculturalidade, passando a promover novas esferas de valores

descodificadas das categorias homogeneizantes do Império Patriarcal-Heterocapitalista.

Como LOURO [2008] salienta, são muitas formas de experimentar prazeres e desejos, de dar e de receber afeto, de amar e de ser amado, que são simuladas e ensinadas na cultura de uma época ou de uma geração para outra. E hoje, mais do que nunca, essas formas são múltiplas. As possibilidades de viver os gêneros e as sexualidades ampliaram-se. As certezas acabaram. Tudo isso pode ser fascinante, rico e também, desestabilizador. Mas não há como escapar a esse desafio das produções desejantes.

A sociedade brasileira ainda se encontra bastante enraizada nos sistemas de programação tradicionais da cultura patriarcalista e heterocapitalista. Gays e travestis continuam a morrer sendo vítimas de homofobia. Ainda temos que conviver com os fascismos da estigmatização e da discriminação para com a minoria. A Educação talvez seja a grande máquina discursiva de formação sociocultural das virtualidades. Como um meio de promoção da ética e da cidadania, ela deve contribuir para a problematização destes processos de discriminação gerando cada vez mais uma maior autoconsciência das interculturalidades que nos atravessam. Para isso, é importante equipar a Educação com novas escrituras que passam a atender a nova demanda.

Adentramos numa era em que a economia do mundo em interconexão com as mutações tecnológicas do espaço tem acentuado o processo de fragmentação das identidades, colocando grande parcela das identidades minoritárias em zonas de riscos, emergida em pobreza, na fome, na miséria, em contato direto com o preconceito e com disseminação de estereótipos por estarem imersas em uma sociedade construída historicamente sob um regime heteronormativo e patriarcalista.

Nesse sentido, sabemos da importância de ONGs e outras potências do Terceiro Setor que estejam engajadas com a Educação Social e com um Desenvolvimento Ético, buscando promover a cidadania, o bem-estar e melhorias nas condições territoriais e econômicas das coletividades minoritárias que encontram-se emergidas na marginalidade, na pobreza e no preconceito diário.

Uma questão bastante pertinente a Educação, tanto a formal como a não-formal, é o de promover a interculturalidade e o respeito as minorias em tempos de mudanças de valores. Adentramos em um tempo, em que múltiplas tribos culturais passam a se misturar,

múltiplos saberes, sexualidades, gêneros, raças, classes e etnias. Nesse sentido, sugere-se que as estruturas educacionais se reorganizem a estes novos processos étnico culturais que desenham a nossa sociedade contemporânea para a promoção de uma cidadania que busque a cooperação e a solidariedade entre as diferenças que coabitam o ciberespaço geográfico.

O caráter híbrido e multicultural das novas sociedades emergentes do século XXI, produto das novas mutações tecnológicas, libera novos arranjos étnico culturais que precisam ser integrados a Educação como um todo. As ONGs e outras potências da Educação Não-Formal, precisam criar diferentes mecanismos para lidar com as novas demandas culturais, criando novos programas de integração. No Brasil, ainda é grande o número de preconceitos e estereótipos para com a diferença, sobretudo com as minorias sexuais. Por isso, se faz importante um aumento de programas que estejam engajados com estas questões ligadas aos novos arranjos societários.

Não só a educação não-formal como a educação escolar deve estar preparada para atender a estas novas demandas advindas das novas mutações no espaço. Penso que os setores da educação formal precisam estar preparados para uma consciência e organização de como agir pedagogicamente nos diferentes grupos identitários minoritários, seja para uma construção e reconstrução de concepções de mundo e sobre o mundo, seja para a formação e capacitação de indivíduos para o mundo social, como também, para o enfrento suas adversidades.

Também é importante resgatar a potência de autoestima nas minorias, pois estes, na maioria das vezes, encontram-se com sérios problemas psicológicos em decorrência dos preconceitos e estereótipos no qual são expostos a todo instante. É importante nutrir sentimentos de autovalorização nestas coletividades, os fazendo rejeitar os preconceitos, estigmas e estereótipos, os fazendo a desejar ser reconhecidos como iguais dentro de suas próprias diferenças.

O desenvolvimento da interculturalidade é um caminho importante para a administração de uma sociedade plural e digna. Penso que a troca de experiências sociais entre pessoas de diferentes grupos culturais, ideologias, crenças, raças, etnias e gêneros, também é um processo importante, criando a vontade de nos adaptarmos à fala do outro, promovendo a solidariedade entre as diferentes tribos culturais.

É importante para a Educação neste momento de grandes mudanças, estar preparada para assumir novas responsabilidades étnico-culturais, envolvendo a produção de novos saberes e competências que estejam de acordo com os novos arranjos culturais que desenham as novas sociedades emergentes do ciberespaço, da mutação tecnocultural. Saberes e competências que promovam valores sociais e éticos engajados com os direitos humanos, a tolerância para com as minorias, a cooperação, a justiça social, o diálogo intergeracional, a igualdade de oportunidades, a cidadania democrática e a interculturalidade entre diferentes tribos que coabitam um mesmo espaço social.

A bíblia como ficção cultural não haveria de ressuscitar seu Deus falecido. Atualmente, se nota um amplo registro de costumes bíblicos por frentes de forças neoconservadoras com o intuito de reafirmar os habitus cristãos de caças as bruxas e máquinas de guerra transformadoras do mundo social.

Ora, cada geração inscreve seus conjuntos de próteses e valores na Terra, trazendo consigo seu próprio sentido ao mundo, como também, suas entropias através de suas forças de transgressão. E é através deste jogo de encaixe e desencaixe das peças e engrenagens pelas tribos humanas, que o espaço passa por transformações contínuas, seja pelo engendramento simbólico [novos habitus, mitos, valores, narrativas e ficções científicas] ou pelo engendramento técnico [novas próteses e sistemas materiais ao espaço], geralmente estes dois processos antropomórficos se dão simultaneamente, acompanhando as temporalidades emergentes.

>> homossexualidades nômades

Os núcleos territoriais de produção existencial dos homossexuais se intercambiam e cristalizam uma paisagem prostética onde identitárias fragmentadas e híbridas passam a se misturar sob um mesmo ciberorganismo, os inserindo numa mecânica de contínua reconstrução de suas virtualidades, em aldeias territoriais que se misturam com as aldeias desterritorializadas das próteses eletrônicas da tecnocultura. As experiências sociais, nesse sentido, passam a ser produzidas a partir de uma coalescência nômade entre múltiplos territórios, máquinas e escalas, que passam a compor um único espaço global de produção existencial.

A produção espacial heterocapitalista ocorreu no seio de uma sucessão de Máquinas Sociais e regimes virtuais. O espaço geográfico no qual vivemos é um produto histórico, sedimentado a partir de um jogo de forças, interesses e ações políticas, que vieram a sedimentar uma paisagem social contraditória, sob o comando de um regime simbólico universal – o do Império Patriarcal-Heterocapitalista.

A descodificação do sistema operacional da Máquina Civilizada Capitalista pode ocorrer nos múltiplos estratos de composição da hiper-realidade contemporânea: a âmbito discursivo – das escrituras acadêmicas e leis homogeneizantes para a tecitura de novas políticas públicas; e a âmbito cotidiano – das forças de captura que percorrem o ciberespaço e que vem nos fixar ao estado majoritário das masculinidades hegemônicas do Império Patriarcal-Heterocapitalista.

O estar desterritorializado pelas aldeias da cibernética não indica estar a borda de toda norma heterossexual. A análise das práticas discursivas de homossexuais no Facebook permitiu constatar que para parte dos homossexuais, a aldeia molecular atua também como um armário tecnodigital, e as vivências reais se tornam bem limitadas pela norma ou pelo medo de ser descoberto. O ocultismo do desejo ainda é uma realidade bastante comum entre os homossexuais, seja por medo ou por negação de sua identidade minoritária.

Entretanto, as aldeias desterritorializadas de sociabilidade ainda permitem uma maior liberdade de expressão, rompendo com alguns limites impostos pelas forças de captura do heterocapitalismo. O Facebook pode ser apropriado como um espaço de troca, de partilha e de agenda política. Tudo vai depender da atuação molecular de cada cibernauta e de suas forças de transgressão que podem vir a se engajar em um devir-revolucionário, se emancipando de seu estado majoritário.

A aldeia molecular que reúne o maior número de homossexuais no Facebook é um território existencial desterritorializado da materialidade preexistente, o que atribui uma maior liberdade de expressão. Os que se fixam em um certo tipo de armário, são os considerados “enrustidos”, que procuram as próteses *high-tech* para vivenciarem sua singularidade do desejo, mas de forma mascarada, tornando-se homossexuais apenas nos momentos on-line. Em estado off-line, voltam a simular a identidade heterossexual.

Constata-se experiência homossexual hoje, se produz em um território altamente codificado por um sistema de poder heteronormativo. Um sistema de programação que codifica o nosso microssistema operacional por meio de um conjunto de tecnologias de simulação. Nos equipam com simulacros configurados no centro de uma moralidade violenta, que tem como modelo de simulação universal, a ficção política da heterossexualidade, tornando-se um regime virtual compulsório que reprime e gera violência [física e simbólica].

As experiências têm sido produzidas no seio de um campo político transversal onde atuam múltiplas frentes de forças e identidades fragmentadas. Uma experiência que pode ser agenciada à luta social, de transformação da realidade. Uma experiência de ação e resistência capaz de mover forças de transgressão para construção de novos valores num mundo social de contemplação a diversidade e a interculturalidade.

São experiências que vem a se produzir na interface de dois núcleos territoriais que sedimentam a paisagem do ciberespaço: as aldeias sociais da materialidade preexistente. [família, escola, universidade, o mercado] que se interconectam as aldeias moleculares das próteses *high-tech* [as redes sociais como o Facebook; os aplicativos de smartfone, tais como Grindr, Hornet, WhatsApp...]. Estes dois núcleos estão a se misturar sob a totalidade de uma Aldeia Máquina Global.

O estado majoritário do Império Patriarcal-Heterocapitalista é o modelo universal de simulação que ainda deve continuar em decodificação pela Física Quântica das Máquinas de Guerra.

A Física Quântica das Máquinas de Guerra opera por meio da engenharia de produção de táticas, estratégias e conceitos que dê conta de captar as cristalizações reacionários, desdobrando a Máquinas Social a novos focos de possíveis, que podem vir a se solidificarem em novos vetores de produção existencial com novos estratos de valores que atenda as novas demandas interculturais.

As Máquinas de Guerra operam na modelagem de novas peças e engrenagens, gerando novas mutações e forças de transgressão com potencial de se desdobrarem a novas formações antropomórficas ao corpo sem organismo da Terra. A inteligência artificial nos dá a potência virtual que parte da nossa própria geografia mental para desenvolver as

condições da atividade criativa para a construção contínua de novas próteses, sentidos e valores ao mundo.

O mecânico quântico tem como engenharia, a produção de conceitos que germinam da própria produção existencial, das experiências cotidianas e das forças singulares que se engendram a ele. Ele trabalha no remanejamento das peças e engrenagens da Máquina Social através de sua Física Quântica, captando os problemas do real enquanto acontecimento em ato e os inserindo no núcleo da produção. Ele não só constata as cristalizações reacionárias como também as deslocam, remanejando as peças para novas linhas evolutivas para novos eixos de produção existencial.

Ele também equipa a mente, opera na inteligência, na sensibilidade e nos afetos. Sua engenharia ocorre no plano heterogêneo de forças: de conexões e ligações bioquímicas para a trocas das engrenagens que compõe a totalidade maquinica. Ele está sempre à espreita de fazer eclodir novos focos mutantes de produção existencial a superfície.

As redes conexionistas da Aldeia Maquinica Global podem servir como territórios férteis para novos agenciamentos entre as tribos minoritárias do núcleo da Multidão... Para a produção de táticas, estratégias, como também para forças de transgressão para uma desterritorialização do espaço majoritário da Máquina Civilizada do Império Patriarcal-Heterocapitalista. A luta é por um mundo nonde os corpus podem percorrer os espaços livremente, sem homofobia, sexismo e outras forças de captura que nos fixam a uma organização social reacionária. Por um mundo onde sejamos socialmente iguais e humanamente diferentes e livres de correntes simbólicas.

A interconexão entre as tribos minoritárias da Multidão em tempos de diáspora, se faz importante para a metabolização de novas cooperações, seja para a produção de novos engajamentos político-econômicos, como também, como solução das dificuldades econômicas no qual estamos enfrentando. Assim como para uma regulação homeostático das engrenagens que compõe a totalidade maquinica para a mudança efetiva do regime virtual da Máquina Social.

O núcleo de produção existencial da Multidão está a dobrar o motor da Máquina Civilizada Capitalista a um novo conjunto de estratos antropomórficos – próteses e valores que tendem a redimensionar o sistema operacional coletivo. Gerando, por sua vez, um novo

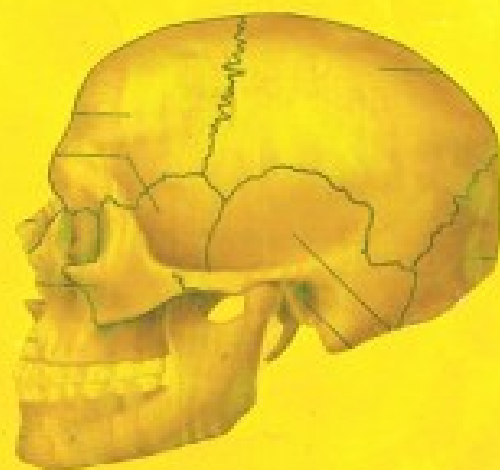
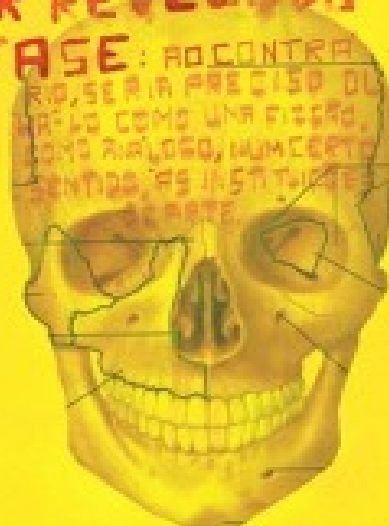
centro de energia a Terra. O processo de transição de regime da Máquina Social, demandada pela produção de uma nova consciência global, pode ser fecundada por correntes de gravidade agenciadas entre as forças sociais que estão preocupadas com a mudança social e com um novo compromisso ético-político, gerando uma potente cooperação entre os conjuntos minoritários para a revolução social.

Não queremos revolução por meio de partidos políticos, os partidos foram cooptados pela vontade de poder, de domínio por meio de uma superestrutura que continuaria a nos governar. Não queremos poder, queremos potência, estamos exaustos de ordens e mandamentos. A revolução devém a florescer no afeto, das conexões entre as diferenças. Uma nova sensibilidade através da exaustão do desejo... Numa autoconsciência da totalidade para a construção de novos movimentos sociais e unidades políticas engajados com a produção da diferença.

A luta é pela derrocada de um Império Simbólico que nos governa virtualmente. O desejo reprimido no decorrer da história já não consegue mais permanecer no sistema operacional coletivo, ele encontra-se em exaustão, o que pode vir a liberar a formação de novas frentes de energias revolucionárias para a produção de novos cortes na história.



É NESTE MUNDO TRAGÉ-
DO, ARTIFICIAL, QUE NASCE O ÊXTASE. SEM DÚVIDA ALGUMA, TODO O OBJETO DE ÊXTASE É CRIADO PELA ARTE. TODO 'CONHECIMENTO MÍSTICO' ESTÁ FUNDADO NA CRENÇA DO VALOR REVELADO PELA ARTE DO ÊXTASE: AO CONTRÁRIO, SE A PRECISO DE



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- >> BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- >> BOURDIEU, P. Estrutura, habitus e prática In: **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- >> BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19[2]: 336, maio-agosto/2011.
- >> BRAIDOTTI, Rosi. Diferença, Diversidade e Subjetividade nômade. **Labrys: estudos feministas**. número 1-2, julho/ dezembro 2002.
- >> BOGARD, W. Closing down the Social: Baudrillard's Challenge to Contemporary Sociology. **Sociological Theory**, v. 8, n. 1, p. 1-15, Spring 1990.
- >> BUTLER, J. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York: Routledge, 1990.
- >> CAMUS, A. **O homem revoltado**. Rio de Janeiro: Record, 1951.
- >> CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis**. Edinburg: Edinburg University Press, 1999.
- >> CONNELL, R. W; MESSERSCHIMDT, J. W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Estudos Feministas, Florianópolis, 21[1]: 424, janeiro-abril/2013
- >> DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo: Contraponto, 2004.
- >> DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. São Paulo: Graal, 1998.
- >> DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia I**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- >> DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2013.
- >> DIAS, C.; COUTO, O. F. As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de Ideias. **Linguagem em [Dis]curso**, v. 11, n. 3, p. 631-648, 2011.
- >> DIAS, B. Entre arte/educação multicultural, cultura visual e teoria queer. In: BARBOSA, A. M. [org]. **Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005,
- >> ESPINOSA, B. **Ética**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- >> FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- >> FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- >> FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 22ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- >> FRIDMAN, L. C. **Vertigens pós-modernas: configurações institucionais contemporâneas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- >> GEE, J. P. **Social linguistic ant literacies**. Ideology in discourses. Bristol: The Falmer Press, 1990.
- >> GOHN, M. G. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. v. 16 n.

47 maio-ago. 2011

- >> GUATTARI, F. **Revolução molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- >> GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- >> HARDT, M. Deleuze: depoimentos. **Folha de São Paulo**. 2 de junho de 1996.
- >> HARDT, M.; ANTONIO, N. **Multitude**: guerre et démocratie à l'âge de l'Empire. Paris: La Découverte, 2004.
- >> HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final de século XX. In HARAWAY, D; KUNZRU, H; TADEU, T. [org.]. **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. São Paulo: Autêntica, 2013.
- >> HARVEY, D. **The Condition of Postmodernity**. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- >> HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. SOVIK, Liv [Org.]. Tradução: Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rüdiger e Sayonara Amaral. Belo Horizonte: Editora UFMG - UNESCO, 2003. 434 p.
- >> LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- >> LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v.19 n.2 [56] – maio/ago. 2008.
- >> LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. n. 46. p. 201-218. dez. 2007.
- >> MAGNAVITA, A. D. **Identidade gay e os preconceitos que cerceiam a tolerância**. Disponível em: <http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/22/artigo87205-1.asp>. Edição 22 - Maio 2008.
- >> MAFFESOLI, M. **Tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. RJ: Forense Universitária, 1998.
- >> MALUF, A. C. R. F. D. **Novas modalidades de família na pós-modernidade**. Tese de Doutorado. Faculdade de Direito da USP [SP], 2010.
- >> MISKOLCI, R. Comentário. **Cadernos pagu** [28], janeiro-junho de 2007: 55-63.
- >> MISKOLCI, Richard. A Gramática do Armário: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente. In PELÚCIO, L.; SOUZA, L. A.; SABATINE, T. e MAGALHÃES, B. **Sexualidade, Gênero e Mídia** – Olhares Plurais para o Cotidiano. Marília: Cultura Acadêmica, 2012.
- >> MOHANTY, C.T. Feminist encounters: locating the politics of experience. In: Nicholson, L.; Seidman, S. [Org.]. **Social postmodernism**: beyond identity politics. Cambridge, Mass.: Cambridge University, 1995.
- >> MOITA LOPES, L. P. Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais. In: MOITA LOPES, L. P. **Discursos de Identidades**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- >> NORONHA, Márcio Pizarro. Imagens do corpo e embodiment das imagens. A circulação da

imagem corporal em uma perspectiva histórica [artística] e antropológica [estética]. **Sociedade e cultura**, v. 8, n. 2, jul/dez. 2005, p.

>> PISCITELLI, A. Nas fronteiras do natural. Perspectivas feministas, gênero e parentesco. **Estudos Feministas**, vol 6, n. 2, Florianópolis, 1998.

>> PRECIADO, B. Multidão queer: notas para uma política dos anormais. **Estudos Feministas**, vol. 19 n. 1, Florianópolis Jan./Apr. 2011.

>> RANCIÈRE, J. **O descentendimento**: política e filosofia. São Paulo: Editora 34, 1996.

>> SANTOS, M. **A natureza do espaço**: Técnica e tempo, razão e emoção São Paulo: Hucitec, 1978.

>> SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: EDUSP, 2009.

>> SANTOS, M; SILVEIRA, M. L. **Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 5a.ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

>> SALIH, S. **Judith Butler e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

>> SPINK, M. J. [org.]. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 1999.

>> SEDGWICK, E. K. **A epistemologia do armário**. Cadernos pagu [28], janeiro-junho de 2007: 19-54

>> SCHÉRER, R. **Deleuze e a questão homossexual**: uma vida não platônica da verdade. Lugar comum n.7 pp. 135-163.

>> SHOTTER, J. Social accountability and the social construction of “you” In SHOTTER, J.; GERGEN, K. J. **Texts of identity**. London: SAGE, 1989.

>> TOYNBEE, A. **A study of story**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1972.